

PUC

LUCIANA GAGEIRO COUTINHO

ALGUNS DESTINOS DO CONCEITO DE NARCISISMO NA TEORIA PSICANALÍTICA: UM
CONTRASTE ENTRE AS TEORIAS DA PSICOLOGIA DO EGO, DE HEINS KOHUT E DE
JACQUES LACAN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

AGOSTO, 1997

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

AVENIDA SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453

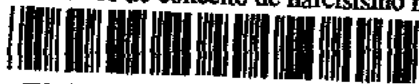
RIO DE JANEIRO — BRASIL

150
C871a
TESE UC
Ex.2

N.Cham. 150 C871a TESE UC

Autor Coutinho, Luciana Gageiro.

Titulo Alguns destinos do conceito de narcisismo na teoria ps



Ex2 PUC-Rio - PUCB

91978

00135236

LUCIANA GAGEIRO COUTINHO

**ALGUNS DESTINOS DO CONCEITO DE NARCISISMO
NA TEORIA PSICANALÍTICA**

**(Um contraste entre as teorias da Psicologia do Ego, de
Heinz Kohut e de Jacques Lacan)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

julho / 1997

LUCIANA GAGEIRO COUTINHO

**ALGUNS DESTINOS DO CONCEITO DE NARCISISMO
NA TEORIA PSICANALÍTICA**

**(Um contraste entre as teorias da Psicologia do Ego, de
Heinz Kohut e de Jacques Lacan)**

**Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia da
PUC/RJ como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre
em Psicologia Clínica.
Orientador: Octavio Souza**

**Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1997

91978

UC-72662-4

sold
 4605
 22/10/97
 135236

150
 C 871 a
 FESE UC

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me ajudaram e, especialmente,

- * a Octavio Souza, meu orientador, pelo interesse, disponibilidade e atenção com que me acompanhou na realização desta dissertação.
- * à Claudia Garcia, com quem muito tenho aprendido ao longo de meu percurso acadêmico.
- * A Renato Baraúna, pelas indicações bibliográficas e esclarecimentos a respeito da teoria de Kohut.
- * a Jeremias Ferraz Lima, pelo carinho e incentivo para a realização da minha pesquisa.
- * a Carmem Da Poian, pela escuta atenta e cuidadosa, que muito tem me ajudado e ensinado em minha vida pessoal e profissional.
- * à CAPES pelos 30 meses de bolsa de estudos que me concedeu.
- * a Marize e a Verinha que, com muita simpatia e eficiência, sempre me ajudaram com os prazos e formalidades dos compromissos acadêmicos.
- * a todos os meus amigos, particularmente a Maria Tereza Toledo, pela troca constante durante esta nossa trajetória em comum.
- * a meus pais, que sempre contribuíram para a minha formação.
- * a Renato, meu irmão, e a Teresa, amiga, pelo auxílio na minha tortuosa interação com os computadores.
- * a Beto, pelo amor e compreensão nos momentos em que, ocupada com a dissertação, não pude estar com ele.

RESUMO

A história da psicanálise tem se caracterizado, desde os tempos de Freud, por um movimento dispersivo de suas teorias, pela sua expansão geográfica no mundo, por discórdias, pela sua institucionalização, pelo oferecimento de múltiplos caminhos para aquele que ingressa na formação, pela inevitável implicação da subjetividade de cada um dos que com ela trabalham e, enfim, pelas diversas possibilidades no modo de abordar cada uma de suas proposições.

O conceito de narcisismo formulado por Freud trouxe grandes contribuições metapsicológicas e clínicas para a psicanálise, tanto no âmbito da própria teoria freudiana quanto no campo das teorias subsequentes em psicanálise. Partindo do estudo das neuroses narcísicas e dos casos de homossexualidade, Freud amplia a aplicação do conceito, que passa a ser tomado como constituinte da subjetividade, permanecendo, portanto, como um estado permanente no psiquismo. Porém, muitos são os problemas deixados em aberto por Freud no tocante a este conceito, tais como a polêmica em torno da questão do narcisismo primário e a inserção dos pressupostos relativos ao narcisismo na teoria da segunda tópica freudiana e no dispositivo analítico, dando margem a múltiplas abordagens por parte de seus sucessores, presentificadas em teorias bastante distintas. Investigaremos três destes possíveis caminhos: a psicologia do ego, a teoria de Kohut e a teoria de Lacan.

Exatamente por terem ambos sofrido a influência da psicologia do ego em suas formações, tanto Kohut quanto Lacan construíram teorias bastante críticas em relação à teoria do ego autônomo de Hartmann, teorias caracterizadas justamente por partirem de questões referentes ao narcisismo, que é enfatizado no que diz respeito à sua estreita relação com o registro objetal, e não como um estado em que o psiquismo estaria fechado sobre si próprio. No entanto, apesar da origem similar e da semelhante concepção de narcisismo como relação especular ao objeto, as teorias de Kohut e de Lacan baseiam-se em certos princípios teóricos e clínicos divergentes, principalmente em razão de seus diferentes métodos epistemológicos.

ABSTRACT

The history of psychoanalysis has been characterized, since Freud, by a dispersing movement of its theories, by their geographical expansion over the world, by the disagreements, by its institutional conversion, by the offer of multiples paths to the one who starts his formation, by the inevitable implication of the subjectivity of each one who deals with it, and, finally, by various possibilities in the way to approach each of its propositions.

The concept of narcissism formulated by Freud brought great clinical and metapsychological contributions to psychoanalysis, not only around the freudian theory itself, but also in the field of subsequent theories in psychoanalysis. Considering the study of narcissistic neurosis and the cases of homossexuality, Freud extends the application of the concept, which it is then to be taken as part of the subjectivity, remaining, though, as a permanent state of psychism. Nevertheless, many are the problems left unsolved by Freud concerning this concept, such as the polemic around the question of primary narcissism and the insertion of the postulates relative to narcissism in the theory of the second freudian topic and in the analitical disposal, leading to multiple approaches from his successors, which are present in rather distinct theories. We shall investigate three possible ways: ego psychology, Kohut's theory and Lacan's theory.

The fact that both Kohut and Lacan have suffered influences from ego psychology in their formations, led them to build rather critical theories in relation to autonomous ego theory by Hartmann. Such theories are characterized for deriving exactly from the questions referring to narcissism, that is emphasized in what concerns to its strict relationship with the objectal register, and not as a state where psychism would be closed in itself. However, in spite of their similar source and similar conception of narcissism as a looking-glass relation to the object, Kohut's and Lacan's theories are based on diverging clinical and theoretical principles, mainly due to their different epistemological methods.

RÉSUMÉ

L'histoire de la psychanalyse s'est caractérisée depuis Freud par un mouvement dispersif de ses théories, par son expansion géographique dans le monde, par des dissensions, par son institutionnalisation, par les plusieurs chemins qui s'offrent à ceux qui entrent en formation, par l'inévitable implication de la subjectivité de chacun qui l'exerce, enfin, par les diverses possibilités dans la manière d'aborder chacune de ses propositions.

Le concept de narcissisme formulé par Freud a porté à la psychanalyse d'importantes contributions métapsychologiques et cliniques, soit dans le champs de la théorie freudienne, soit dans le champs des théories contemporaines en psychologie. En partant de l'étude des névroses narcissiques et des cas d'homosexualité, Freud élargit l'application du concept de narcissisme, qui passe à être conçu comme constitutif de la subjectivité, demeurant donc comme un état permanent dans le psychisme. Cependant ils sont nombreux les problèmes laissés en ouvert par Freud à l'égard de ce concept, telle la polémique autour de la question du narcissisme primaire et l'insertion des présupposés relatifs au narcissisme dans la théorie de la seconde topique freudienne et dans le dispositif analytique, ce qui a donné lieu à des multiples abordages de la part de ses successeurs, qui se font présentes en des théories assez divergents. Notre recherche portera sur trois de ces chemins possibles: la psychologie de l'ego, la théorie de Kohut et la théorie de Lacan.

Kohut et Lacan, en raison même de s'être influencés par la psychologie de l'ego en leur formation, ont construit des théories assez critiques à l'égard de la théorie de l'ego autonome de Hartmann, des théories caractérisées justement par le fait d'être issues de questions relatives au narcissisme, lequel est mis en relief dans ce qui touche à l'étroite relation avec le registre objectal, et non comme un état où le psychisme serait renfermé en lui même. Néanmoins, malgré l'origine similaire et la conception semblable du narcissisme comme relation spéculaire à l'objet, les théories de Kohut et de Lacan se sont basées sur quelques principes théoriques et cliniques divergents, en raison surtout de leurs différentes méthodes épistémologiques.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 - Sobre os desenvolvimentos da psicanálise: uma perspectiva de análise histórica	6
1.1 A história da institucionalização da psicanálise	8
1.2. A expansão da psicanálise no mundo e suas repercussões teóricas - o caso dos EUA e o caso da França	16
1.3. Algumas posições sobre o destino atual das divergências dentro do campo psicanalítico	24
Capítulo 2 - A teoria do narcisismo em Freud	27
2.1. O surgimento do conceito de narcisismo na obra freudiana	30
2.2. A questão dos ideais e a situação do narcisismo na segunda tópica	37
2.3. Algumas repercussões da teoria freudiana do narcisismo na clínica	43
Capítulo 3 - Três destinos da teoria freudiana do narcisismo	48
3.1. A teoria da psicologia do ego	48
3.1.1. As raízes epistemológicas e os principais conceitos	48
3.1.2. O processo analítico como autonomização do ego	53
3.2. Heinz Kohut e a psicologia do self	57
3.2.1. Dos transtornos narcisistas da personalidade às transformações do narcisismo	60
3.2.2. O self nuclear	67
3.2.3. O conceito de selfobjeto e a questão do "amor objetal verdadeiro"	69
3.2.4. As contribuições clínicas de Kohut	72
3.2.5. Algumas divergências entre Kohut e a psicologia do ego	77
3.3. A teoria de Jacques Lacan	79
3.3.1. O estágio do espelho e a teoria do narcisismo em Lacan	80
3.3.2. O esquema ótico	85
3.3.3. Ideal do eu e eu ideal	88
3.3.4. Outros desdobramentos do estágio do espelho no Seminário I	90
3.3.5. Repercussões clínicas da teoria do imaginário especular	93
3.3.6. O retorno a Freud e algumas críticas à psicologia do ego	97

Capítulo 4 - Narcisismo: divergências e coincidências entre Lacan e Kohut	102
4.1. Transitando entre os conceitos de Lacan e Kohut a partir de "O ocular quadrifocal" de Paul Bercherie	102
4.2. As duas análises do Sr. Z.	118
4.2.1. Apresentação do caso	119
4.2.2. Comentários sobre o caso sob a ótica kohutiana e lacaniana	123
Considerações finais	128
Referências Bibliográficas	134
Bibliografia Complementar.....	138

Entre o Sono e o Sonho

Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem me suponho,
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,
Diversas mais além,
Naquelas várias viagens
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito
A casa que hoje sou.
Passa, se eu medito;
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre
No que me liga a mim
Dorme onde o rio corre -
Esse rio sem fim.

(Fernando Pessoa, ele mesmo)

INTRODUÇÃO

→ A história da psicanálise é marcada, desde a sua origem à época de Freud, por desavenças e dispersões teóricas e institucionais. Os vários ramos nos quais a teoria psicanalítica se difunde tendem a se isolar e se fechar em verdades e conceitos particulares, sendo este isolamento alimentado pelas políticas institucionais que têm acompanhado incessantemente a difusão da psicanálise no mundo. Paralelamente, a obra de Freud é bastante extensa e entrecortada, apresentando diversos desdobramentos e funções para cada conceito estabelecido, seja em diferentes momentos, ou até mesmo no interior de um mesmo artigo. Isto gera inúmeras possibilidades de interpretação dos mesmos e permite que ela seja usada por várias escolas de psicanálise baseadas em pressupostos diversos e, muitas vezes, antagônicos.

Consequentemente, a formação em psicanálise se dá em meio a uma verdadeira "Torre de Babel" conceitual, onde, sem um aprendizado prévio das várias línguas faladas, assim como das respectivas contextualizações históricas e epistemológicas, o diálogo entre as diferentes linhas teóricas torna-se muito difícil. Desta forma, partimos de uma questão basicamente relativa à formação psicanalítica atual, que se dá em meio a essa "confusão de línguas", podendo facilmente abarcar experiências bastante divergentes entre si, ou seja, análise pessoal por um lado, supervisão clínica e aulas teóricas por outro, e assim por diante. Neste contexto, podemos notar também que a disseminação da teoria lacaniana torna-se cada vez maior, mas que ainda é difícil um diálogo mais abrangente desta corrente com outras linhas da literatura pós-freudiana. Com isso, se acirra o mito da "Babel" no interior do universo psicanalítico.

→ Nossa proposta, nesta dissertação, é avançar diante deste mito, tentando estudar dois autores em bastante evidência no meio psicanalítico contemporâneo do Rio de Janeiro - Kohut e Lacan - os quais, apesar de se situarem em posições epistemológicas e institucionais muito diversas, curiosamente, tomam como base para

o desenvolvimento de suas teorias um tema comum: o narcisismo. Uma das questões a serem respondidas, portanto, é justamente relativa a esta curiosa escolha em comum. Nossa maneira de respondê-la vai de encontro à outra vertente a ser aqui abordada, ou seja, diz respeito à influência que tanto Kohut quanto Lacan sofreram da então hegemônica psicologia do ego no momento em que foram apresentados à psicanálise. Outra questão que nos propomos a investigar é até que ponto as teorias de Kohut e de Lacan a respeito do narcisismo se assemelham em termos dos conceitos construídos por ambos para além da matriz freudiana, assim como de que forma estas novas construções teóricas repercutem na atividade clínica tal como foi abordada por cada um.

Com a teoria do narcisismo, Freud (1914 b) acrescentou um novo elemento à teoria da constituição do psiquismo e, conseqüentemente, ao modelo metapsicológico com o qual trabalhava até então. Trata-se de um texto bastante inovador e complexificador no que diz respeito às referências de Freud a respeito do conceito de ego¹ feitas até então, já que em 1914 este passa de simples agente do recalque à objeto de amor. A concepção do ego como objeto de amor, investido libidinalmente, é uma premissa fundamental da qual parte Freud para a construção do conceito de narcisismo, baseado na observação das chamadas "neuroses narcísicas". Esta noção desemboca no postulado de uma balança energética entre os investimentos no ego e os investimentos objetais, sendo que toda atividade psíquica, inclusive o próprio recalque, passa a ser condicionado pelo narcisismo remanescente representado pelo ideal do ego. Esta dinâmica se perpetua na segunda tópica, sendo representada principalmente através da relação superego/ego.

Devido a isso, este artigo é alvo de múltiplas interpretações no campo da psicanálise pós-freudiana, resultantes de diferentes abordagens da constituição da subjetividade. Da mesma forma, estas abordagens influenciam e são influenciadas pela própria concepção do dispositivo analítico. Consideramos que, o exercício de retornar a Freud e rever o arcabouço teórico original da psicanálise torna possível um posicionamento mais crítico e construtivo em relação às teorias dela derivadas.

¹Adotarei nesta introdução a mesma terminologia utilizada na tradução para o português da edição Standard das obras de Freud, na qual o "ich" do original alemão de Freud é designado como "ego". Em outros momentos da dissertação utilizarei outra terminologia, conforme será explicado oportunamente.

Pensamos que os conceitos freudianos podem atuar, assim, como possibilitadores de permitir uma troca mais eficiente e menos preconceituosa entre tais saberes.

Dentre os autores pós-freudianos que mais ênfase deram à temática do narcisismo, destacam-se Kohut e Lacan. Ambos tiveram forte influência em sua formação da psicologia do ego, então em evidência máxima. Esta corrente havia começado a se formar como grupo e corpo teórico na Europa (anos 20), sendo levada em seguida por seus fundadores para os EUA (anos 30), no vácuo do movimento migratório do pós-guerra. Porém, enquanto esta corrente hegemônica privilegiava o ego como uma instância autônoma em relação às pulsões, tanto Kohut quanto Lacan enfatizaram, cada um a seu modo, a dimensão essencialmente narcísica e desamparada do ser humano, iniciando suas produções teóricas em reação e protesto a alguns postulados básicos da psicologia do ego. Surge então a questão de até que ponto estas duas abordagens convergem em seus princípios básicos acerca do narcisismo, se podemos pensar em conceitos equivalentes entre si e, ainda, até que ponto estas possíveis semelhanças se convertem em concepções clínicas similares.

No primeiro capítulo, nos dedicaremos a situar a história do movimento psicanalítico desde Freud, visando presentificar as eternas controvérsias que a constituem e determinam a sua natureza dispersa tanto geográfica, quanto teórica e institucionalmente.

No segundo capítulo, faremos uma revisão bibliográfica da constituição do conceito de narcisismo em Freud. Nos preocuparemos em marcar, na leitura dos textos freudianos, o caráter muitas vezes paradoxal e contraditório de suas formulações, o que, de fato, enriquece a abordagem dos fenômenos psíquicos, possibilitando uma multiplicidade de interpretações para os mesmos, mas, por isso mesmo, abala os alicerces que sustentam a pretenciosa busca por um sentido "verdadeiramente freudiano".

No terceiro capítulo, apresentaremos os postulados básicos de cada uma das três linhas aqui em questão. Iniciaremos com a teoria da psicologia do ego, cujo principal mentor foi Heinz Hartmann, por ser a primeira entre as três a

aparecer no cenário psicanalítico. A psicologia do ego vem consolidar a instalação de um novo paradigma no campo das teorias em psicanálise, cuja emergência foi determinada principalmente pela teoria de Anna Freud, que consiste em colocar o ego como objeto de estudo central em detrimento da teoria das pulsões - que era a mais explorada até então. Porém, como veremos, ao fazer isto, os psicólogos do ego descartam o problema do narcisismo do leque composto por seu instrumental teórico.

A psicologia do self, de Kohut, será apresentada em segundo lugar, a partir de algumas influências da teoria das relações objetais e de sua intensa preocupação clínica. Partindo da análise das "transferências narcísicas", Kohut chega à conclusão que o narcisismo não é incompatível com as relações objetais, passando a se preocupar em descrever como isto se dá. Será também bastante explicitada a sua ruptura com o modelo de Hartmann. Na medida em que Kohut trata do tema do narcisismo durante praticamente todo o seu percurso teórico, utilizaremos, além dos livros e artigos do próprio autor, também alguns textos de comentadores de sua obra que nos ajudem a situar seus conceitos e as modificações relevantes que eles tenham sofrido no decorrer do trajeto de sua teorização.

Em seguida, consideraremos a retomada lacaniana da teoria freudiana do narcisismo, a partir das contribuições principais da linguística de Saussure e da filosofia de Hegel. Neste sentido, para Lacan será a posição na relação com o semelhante que dará a base para que a organização narcísica se dê, e, conseqüentemente, para que toda dinâmica desejante do sujeito se instaure. Serão também enfatizadas algumas das críticas feitas incessantemente por Lacan à psicologia do ego. Trabalharemos apenas com a parte inicial da obra de Lacan, onde ele se dedica mais especificamente à questão do narcisismo, ou seja, basicamente, com o artigo sobre o estágio do espelho (1949) e o Seminário I (1953) e utilizaremos, ainda, alguns autores lacanianos contemporâneos que fazem articulações das questões apresentadas com a clínica.

No quarto capítulo pretendemos contrastar especificamente as abordagens de Lacan e de Kohut, investigando até que ponto é possível aproximar estes dois pontos de vista, por meio de que conceitos isto poderia ser feito, assim como, até

que ponto as possíveis aproximações teóricas destas duas teorias resultam em aproximações também do ponto de vista da prática clínica. Nossa hipótese é a de que, apesar destes autores convergirem no que diz respeito à leitura de determinados fenômenos clínicos do narcisismo, ambos o fazem a partir de modelos epistemológicos bastante díspares, o que, inevitavelmente, resulta em construções teóricas muito divergentes. Estas construções teóricas, por sua vez, abrem possibilidades diversas de interpretação e aplicação clínica por parte dos analistas. Bercherie (1984) é um autor que nos será muito útil neste momento com sua geografia do campo psicanalítico.

Para efetuar este trabalho de contraste, em primeiro lugar, pretendemos situar Kohut e Lacan em suas semelhantes desavenças em relação à psicologia do ego, no que se refere à questão do narcisismo. Seguiremos estabelecendo algumas categorias através das quais faremos a análise comparativa entre os dois autores. Encerraremos com a apresentação de um caso clínico descrito por Kohut (1984), o caso do Sr. Z., com o intuito de explicitarmos melhor as questões sustentadas teoricamente em relação às coincidências e divergências entre os dois autores, através de uma discussão diretamente ligada a uma situação clínica.

Capítulo 1 - SOBRE OS DESENVOLVIMENTOS DA PSICANÁLISE: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE HISTÓRICA

O desenvolvimento da psicanálise tem sido marcado, desde sempre, por um movimento dispersivo de suas teorias e práticas, motivado, em primeiro lugar, pela experiência particular de cada psicanalista em seu contexto pessoal e cultural, assim como pelas divergências acerca de uma pretensa leitura legítima da descoberta freudiana. (A expansão do movimento psicanalítico em escala mundial, portanto, vem reproduzindo experimentações teóricas, confusões, erros e acertos, tais como foram vividos originariamente por Freud.) É tarefa de cada psicanalista depois de Freud refazer este percurso de descoberta, para que em seu próprio contexto pessoal e social possa redimensionar e apreender o valor deste saber. No entanto, além da dispersão progressiva dos psicanalistas no âmbito da teoria, outra situação vem marcando a história da psicanálise desde Freud e alimentando a sua situação dispersiva: o seu processo crescente de institucionalização.

É interessante aqui trazer o ponto de vista de Renato Mezan (1988) a respeito da situação contemporânea do movimento psicanalítico. Identificando-se ao estudante que inicia seu caminho na psicanálise, Mezan chama a atenção para o grande desconforto que nele se instala ao se deparar com a enorme diversidade de teorias herdeiras da teoria freudiana, o que traz complicações até mesmo para o entendimento de um único conceito. O que ocorre é que sob um mesmo vocábulo, por exemplo o termo castração, se ocultam concepções bastante diferentes. Mezan alerta, a partir disso, para a saída mais comum encontrada pelos estudantes para esta questão: a redução ao mínimo denominador comum das diferentes maneiras de definir o conceito e operacionalizá-lo, normalmente pautada em um engajamento em uma só vertente. Isto acarreta um empobrecimento da noção, cortando-lhes as amarras que a unem a outras noções e a outras teses específicas de cada autor. Diante desta problemática, o autor chega a uma possível saída. Interrogando-se sobre o porquê da multiplicidade de desenvolvimentos da psicanálise, conclui que só uma perspectiva histórica deste

movimento pode auxiliar tanto na compreensão quanto no manejo das tantas variedades de psicanálise existentes no momento atual.

“O fato é que esta história não se limita às peripécias, dignas de um romance de capa e espada, que agitaram o movimento psicanalítico, tais como as dissidências, as expulsões, as rupturas: trata-se de uma história da teoria e da prática psicanalíticas, teoria e prática que se apresentam, a um observador que se dispõe a pensar a sério o que observa, sob o signo da *dispersão*”(Mezan, 1988: 16).

Na tese de Mezan, a dispersão da psicanálise apresenta-se sob três formas: como dispersão geográfica, como dispersão doutrinária e como dispersão institucional. Em primeiro lugar, Mezan leva em consideração a emigração da psicanálise da cultura científica centro-européia para outros países, onde submetesse à tradução para outros idiomas e a uma imersão em outras áreas culturais (dispersão geográfica). Porém, ressalta o quanto se tem negligenciado o impacto que estes transplantes tiveram sobre a própria teoria psicanalítica, apesar do aflorar progressivo de uma multiplicidade de teorias. Esta multiplicidade remete à segunda dispersão: a dispersão doutrinária. Os psicanalistas se fecham em suas próprias concepções, mostrando uma enorme resistência em admitir que outras formulações, além daquela a qual aderem, possam ter validade teórica e prática. E isto, por sua vez, está ligado à terceira dispersão à qual se refere Mezan: a dispersão institucional. As várias instituições psicanalíticas constituem-se em torno de uma determinada maneira de conceber a psicanálise, o que se manifesta sob a forma de crenças, atitudes e evidências que são assumidas por seus membros.

Como também observa Mezan, tais crenças e evidências desempenham um papel emblemático fundamental na constituição da identidade do psicanalista. O fato é que se torna bastante complicado haver uma relativização dos postulados aos quais cada psicanalista está ligado, já que isto se transforma em uma ameaça de dissolução identitária. Paralelamente, há a necessidade de cada um de provar que a corrente pós-freudiana adotada para si é fiel à matriz freudiana. Todas as correntes têm a pretensão de ser a *refta* continuação das idéias de Freud, sendo que este fato basta para mostrar que nenhuma delas o é.

Feitas estas constatações, Mezan reafirma o valor do método histórico como ponto de partida para uma compreensão dos encaminhamentos tomados

pela teoria freudiana desde a sua origem, avaliando que a tarefa do historiador da psicanálise deve se iniciar exatamente pela indagação a respeito daquilo mesmo que cada escola *necessita* escamotear: sua origem real. O argumento de Mezan se ancora no pressuposto de que as tendências pós-freudianas foram se diferenciando ao longo da história mediante o entrecruzamento de vários fatores. Esta tese será de grande utilidade para que nosso objeto de estudo nesta dissertação se sustente e se justifique, sendo retomada em outros momentos ao longo deste capítulo.

De acordo com as considerações feitas logo acima, um trajeto histórico sobre a expansão e o desenvolvimento da teoria psicanalítica serve como “pano de fundo” diante do qual deve-se ler esta dissertação, na medida em que esta fará a tentativa de ousar pensar diversas linhas de construções teórico-clínicas baseadas nos preceitos da psicanálise. Cabe acrescentar, ainda, que a preocupação aqui é tomar estas diferentes vertentes mais em termos de continuidades e descontinuidades entre si do que em termos de maior ou menor verdade teórica.

1.1. A história da institucionalização da psicanálise

Durante a sua vida, Freud se preocupou bastante em promover a difusão da psicanálise, preservando, porém, sua especificidade diante da possível vulgarização decorrente de sua popularidade crescente. Esta era, inicialmente, a principal razão para a institucionalização da psicanálise. Pode-se datar o processo de início desta institucionalização em 1902, momento em que se institui o hábito das reuniões de quarta-feira na residência de Freud. Estes encontros, que começaram a partir de um convite do próprio Freud a alguns médicos vienenses, tinham como objetivo principal formar um pequeno círculo de debates em torno da psicanálise.

Em 1902, os frequentadores das quartas-feiras formavam um grupo heterogêneo, ligados por uma insatisfação comum frente à psiquiatria, às ciências humanas e à educação. Mas apesar do caráter pouco institucionalizado do grupo, as reuniões obedeciam a um modo de funcionamento de acordo com

características bem definidas. As discussões tinham três características principais: a obrigatoriedade da fala, a auto-exposição científica e o fato de que a palavra final era sempre proferida por Freud (cf. Gay, 1988: 171). Apesar da centralização das transferências em torno de Freud, o funcionamento destas reuniões apresentava-se bastante coerente em relação à regra fundamental no trabalho com o inconsciente; ao serem obrigados a falar, os participantes ficavam menos submissos a seus inconscientes. Partindo desta hipótese, Elisabeth Roudinesco (1986) afirma que os conflitos teóricos futuros no interior do movimento psicanalítico podem ser explicados pelo fato de que o direito de cada indivíduo fazer a sua própria racionalização lhes seria pouco a pouco roubado oficialmente.

Nesse sentido, as "reuniões psicológicas das quartas-feiras", as quais duraram até 1910 - ano de criação da IPA - nos servem aqui como fato paradigmático para que se possa pensar criticamente a história do movimento psicanalítico. Roudinesco (1986) observa por exemplo que, do mesmo modo como Freud oscilava permanentemente entre o centramento e o descentramento, entre ocupar o lugar de mestre e a recusa em ocupá-lo, assim também foi regulado o destino histórico do movimento psicanalítico. De fato, pode-se notar que, paralela à necessidade preconizada quase unânimemente de institucionalização da psicanálise - ou seja, de centralizar o seu ensinamento e práticas em torno de uma instituição comum - há uma frequente dispersão dos psicanalistas, seja no interior de uma mesma instituição ou na ruptura com ela, seja entre grupos pertencentes a diversas instituições.

Adentremos um pouco mais nas minúcias deste momento inicial de consolidação da instituição psicanalítica ainda nos braços de Freud. Quanto à participação de Freud, conforme mostra Roudinesco (1986), pode-se notar nitidamente sua preocupação em evitar que seu lugar, tomado como um lugar de mestre pelos seus primeiros discípulos, fosse confundido com uma função de chefia. A autora constata que esta oscilação de funções esteve sempre presente ao longo de sua atuação em relação ao meio psicanalítico. Freud sustentava, por exemplo, que uma sociedade de psicanalistas não podia ser democraticamente regida, já que a descoberta do inconsciente mostrava que o sujeito não era livre em suas palavras.

No entanto, em 1907, o procedimento utilizado por Freud para manter uma certa consistência interna no grupo das quartas-feiras, foi o de decretar sua dissolução e, em seguida, sua reconstituição. Nesta ocasião propôs, ainda, que este procedimento deveria ser repetido a cada três anos. Segundo Freud, isto possibilitaria que cada membro se reassegurasse de seu desejo de permanecer no grupo, ou seja, de seu desejo de compartilhar de determinados ideais comuns quanto à psicanálise.

O procedimento da dissolução do grupo das quartas-feiras foi adotado, possivelmente, como resposta ao caráter competitivo que as reuniões começaram a adquirir com o tempo, gerando um clima de hostilidade entre os participantes. Peter Gay (1988) revela que os membros disputavam posições dentro do grupo, bem como os direitos sobre determinadas idéias.

Assim, a dissolução do grupo informal das quartas-feiras, em 1907, levou à subsequente fundação da Sociedade Psicanalítica de Viena. A criação desta instituição estabeleceu um estatuto mais formal ao grupo que se reunia em torno de Freud, ao mesmo tempo em que lançou as bases para a internacionalização do movimento psicanalítico. Apenas alguns dias após a sua criação, ocorreu o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburg. A partir de então, segundo Roudinesco (1986), inicia-se uma nova etapa na história do movimento psicanalítico, marcada principalmente pela fundação da IPA em 1910:

“Desde essa época, evidenciou-se que o que deveria dominar a organização do movimento psicanalítico não era a liberdade de cada um de teorizar a seu gosto, mas a luta de ‘guerrilha’ pelo triunfo das idéias verdadeiras”(Roudinesco, 1986: 106).

O projeto da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) foi proposto por Ferenczi, durante o segundo Congresso Internacional de Psicanálise, realizado na primavera de 1910 em Nuremberg. Foi apresentado em um tom de “luta pela causa psicanalítica”, sendo para isso necessário que os analistas se organizassem sob a égide da Associação. Por outro lado, em seu projeto, Ferenczi fazia alusão à associação como uma família onde o pai não detivesse uma autoridade dogmática, reinando uma atmosfera de confiança mútua, com reconhecimento das capacidades de cada um, o controle da inveja e a divisão de trabalho.

Ironicamente, pouco tempo depois, Ferenczi seria marginalizado por causa das inovações técnicas por ele propostas.

A versão freudiana para a criação da IPA, encontrada em *A História do movimento psicanalítico* (1914 a), aponta três finalidades gerais: "organizar o movimento psicanalítico, transferir seu centro para Zurique, e dotá-lo de um chefe que cuidasse de seu futuro" (Freud, 1914 a: 55). De fato, a IPA passou a funcionar, desde então, como um pólo centralizador da psicanálise, intervindo mediante normas na transmissão e ensino da psicanálise no mundo inteiro. O primeiro presidente da IPA foi escolhido por Freud por ser alguém que se destacava bastante no cenário psicanalítico da época, bem como no círculo de amizades de Freud: C.G.Jung. Aqui, mais uma vez, pode-se observar uma reviravolta no interior do meio psicanalítico. Alguns anos mais tarde, Freud romperia totalmente suas relações com Jung, elaborando inclusive uma grande virada no arcabouço teórico da psicanálise em função de fundamentar sua discussão com o antigo discípulo.

A tendência competitiva se acentua nitidamente devido a uma mudança fundamental: já que a associação tinha como finalidade básica unir os psicanalistas em torno de uma causa comum, a causa de defender a teoria do inconsciente, o privilégio é dado às idéias comuns entre os membros, em detrimento de idéias particulares de cada um. Portanto, conforme observa Roudinesco (cf. Roudinesco, 1986: 106), curiosamente, a organização da primeira sociedade de psicanálise pôs em jogo a dupla representação contraditória da noção de liberdade: segundo a regra do inconsciente, nenhum homem é senhor daquilo que diz ou faz; ao contrário, segundo a regra da democracia social, ele nasce livre em seus atos e palavras, podendo se agrupar ou se separar conforme o desejo.

De acordo com Roudinesco (cf. Roudinesco, 1986: 131), pode-se dividir o processo de institucionalização da psicanálise em quatro etapas principais:

- De 1902 a 1906, que corresponde a um período praticamente pré-institucional, também chamado por ela de "horda selvagem" numa alusão ao totemismo analisado por Freud.

- De 1906 a 1912, quando começou a expansão da doutrina freudiana no mundo, acompanhada de uma profissionalização cada vez mais acentuada da

prática analítica. Este foi o período da fundação da Sociedade Freud (1907), por Jung em Zurique; da Sociedade de Berlim (1908), por Abraham; da Sociedade Psicanalítica de Nova York (1911), por Brill; e, ainda, da Associação Psicanalítica Norte-Americana (1911), por Jones. Paralelamente, a partir de 1910, a IPA tornou-se o órgão dirigente de todas as sociedades já criadas ou por surgir.

- De 1912 a 1927, período em que se iniciaram as dispersões em relação ao poder unificador da IPA. Foi criado o comitê secreto da IPA, formado pelos analistas discípulos de Freud da velha guarda, cuja função era a de recentramento da política do movimento, que começava a se dispersar com a criação de muitas sociedades locais, baseada na teoria do inconsciente. Seus membros fizeram um juramento de jamais rejeitarem nenhum dos conceitos fundamentais da psicanálise sem avisar aos outros membros do grupo sobre isso. Estes esforços, contudo, não se mostraram bem sucedidos. Após o afastamento de Jung, Adler e Stekel, a criação do comitê levou ao rompimento com Ferenczi e Rank. Foi o período em que se iniciaram os grandes congressos psicanalíticos e foram criados vários locais de publicação.

- De 1926 a 1939, quando o comitê foi dissolvido (1927). A linha liberal triunfou sobre a dogmática, devido a uma maior profissionalização dos membros, adquirida com a obrigatoriedade da análise de objetivo didático imposta aos analistas. Segundo Roudinesco, este evento marcou o advento da "psicanálise moderna", tal como a conhecemos hoje, com as sociedades rivais, os rituais de formação, a burocracia, o culto aos executivos e chefes, etc... É interessante, ainda, situar que foi neste último período que surgiu a Sociedade Psicanalítica de Paris (1926), sendo um momento de importância capital para a história da psicanálise na França. Esta surgiu exatamente no ano em que a legalização da profissão do analista, com suas normas e exigências, foi implantada, tornando-se estas o alvo da preocupação central da organização internacional desde então. Isto marcou profundamente a especificidade da psicanálise francesa, conforme veremos mais adiante.

Em conformidade com o que vimos acima, a psicanálise deixou de se alimentar exclusivamente dos escritos de Freud, cuja produção, aliás, começou a diminuir. O volume dos trabalhos publicados aumentou rapidamente, seja sob a forma de ensaios de novos candidatos, seja dos escritos dos próprios analistas já

formados. Muitas dessas novas elaborações resultaram, mais uma vez, em rompimentos com o movimento internacional, como no caso de Rank e de Adler. Ferenczi manteve-se ligado ao movimento por mais tempo, mas sua evolução tornou-se bastante preocupante, já que questionava, ao mesmo tempo, a teoria e a técnica psicanalíticas (cf. Roudinesco, 1986).

Se havia um consenso a respeito da análise didática, outra questão passou a agitar longamente as discussões: a questão da análise leiga, exercida pelos não-médicos. Enquanto a maioria das sociedades davam o fato como inevitável, a posição dos EUA foi bastante radical. Em Nova York, chega a ser votada uma lei que proibia a prática da análise pelos não-médicos (cf. Roudinesco, 1986). Esta foi anulada, anos mais tarde, principalmente motivada pela pressão de Freud, que, inclusive, escreveu um artigo em 1926 apoiando a análise leiga. Na França, porém, duas tendências ainda resistiram algum tempo a respeito deste tópico. Havia uma tendência que considerava desejável a formação médica, apoiada na psiquiatria, disciplina sabidamente muito respeitada no país. Outra vertente, ancorada mais na cultura e nas ciências humanas, não concordava com a obrigatoriedade da formação médica. Estas discussões passadas repercutiriam nos futuros desenvolvimentos teóricos que surgiram nestes países.

Enfim, os rumos tomados pela teoria psicanalítica vêm sempre acompanhados das questões relativas à sua difusão histórica e geográfica. Os desenvolvimentos (diversos) da psicanálise em cada novo território conquistado dependem profundamente do contexto histórico-cultural no qual ela está sendo implantada. Vale, portanto, retomar o argumento de Mezan em favor de uma perspectiva histórica sobre o desenvolvimento da disciplina freudiana.

"Em suma: levar a sério a idéia de uma história da psicanálise, não enquanto uma sequência de percalços externos e contingentes em seu trajeto, referentes apenas ao movimento psicanalítico (cisões, divergências, emigrações por motivos políticos, etc.), mas enquanto *algo intrínseco ao desenvolvimento teórico* da disciplina fundada por Freud" (Mezan, 1988: 19).

Baseando-se neste princípio, Mezan chega à hipótese de que a dispersão que caracteriza a psicanálise contemporânea obedece ao princípio psicanalítico clássico da sobredeterminação. Sendo assim, três são as coordenadas que se

retroalimentam umas às outras promovendo a construção de cada teoria específica em psicanálise: a matriz clínica da qual cada pesquisador parte (tipo determinado de organização psicopatológica, com sua estrutura própria, seus conflitos originadores e suas modalidades próprias de defesa), o clima cultural onde ele está inserido e uma leitura particular de Freud. Segundo Mezan, as necessidades impostas pela matriz clínica e pelo clima cultural determinarão certos tipos de questões, para as quais serão procuradas respostas na teoria freudiana, que se caracteriza precisamente pela multiplicidade de sentidos possíveis que comporta em sua interpretação.

O fragmento de história apresentado até então nos serve para demonstrar que, se por um lado a psicanálise pode ser de fato tomada como um "saber aberto" - que comporta permanentes acréscimos e diversas interpretações, o que é fruto do próprio método pelo qual ele se produz, através de uma experiência subjetiva de cada analista - por outro lado, isto tem sido motivo de fortes repercussões políticas e institucionais praticamente desde suas origens. Daniel Kupermann, em sua dissertação de mestrado, traz contribuições bastante interessantes a respeito da questão da institucionalização da psicanálise.

"A institucionalização da psicanálise é entendida como processo, devir sobredeterminado por forças díspares - contexto cultural, *Zeitgeist*, desenvolvimento teórico das disciplinas vizinhas - mas também por desejos, transferências e resistências presentes no movimento psicanalítico" (Kupermann, 1993: 3).

"...há uma tensão irreduzível entre o que a psicanálise se propõe enquanto processo terapêutico e as vicissitudes de sua institucionalização, isto é, entre a investigação do inconsciente e as formas pelas quais a psicanálise vai se organizar, se manter e se perpetuar na cultura" (idem: 4).

De acordo com estas observações, constatamos que, ao mesmo tempo em que a psicanálise enquanto processo terapêutico guarda como princípio de trabalho a singularidade de cada sujeito, que se manifesta através das formações do inconsciente, a transmissão do saber psicanalítico vincula-se majoritariamente à instituição psicanalítica, que, por sua vez, traz em sua própria origem um pedido para que as particularidades se caíem e para que um consenso advenha. A partir

deste ponto de vista, pode-se chegar à conclusão que a própria tentativa de unificação universalizante da psicanálise numa instituição nos moldes da IPA produz, inevitavelmente, como um tipo de retorno do recalçado, eternas digressões e rupturas por parte de seus membros.

Levando em conta este ponto de vista, seguiremos mais um pouco o percurso histórico da consolidação da psicanálise no mundo depois da criação da IPA.

1.2. A expansão da psicanálise no mundo e suas repercussões teóricas - o caso dos EUA e o caso da França

Com a segunda guerra e a perseguição aos judeus pelos nazistas, a psicanálise emigrou maciçamente de seus países de origem. A psicanálise chegou a desaparecer completamente da Alemanha e, depois da anexação, também da Áustria. Os analistas destas regiões foram, principalmente, para a Inglaterra e para os Estados Unidos, dando um impulso enorme para o desenvolvimento da psicanálise nestes países, assim como da psicologia social, da sociologia, da etnografia e de uma "psicologia dinâmica" que desembocaria em múltiplas variantes. Freud morreu em 1939, em Londres, em plena atmosfera persecutória (cf. Peron, 1988).

Portanto, o fato da guerra tornou-se um estímulo considerável para promover, com mais vigor ainda, a diversificação do universo de teorias e práticas em psicanálise. As primeiras repercussões deste fenômeno se destacam nos EUA e na Inglaterra. Nos concentraremos, em primeiro lugar, no caso dos EUA, por ser o país no qual floresce a psicologia do ego, que entra aqui em questão por ter presença indiscutível na história das duas outras correntes a serem consideradas. Além disso, cabe ressaltar que os EUA foi o país que mais se beneficiou da situação da guerra, saindo vitorioso e aumentando seu poder de influência mundial, o que abrangeu inclusive o terreno da psicanálise. O caso da França será abordado em seguida, já que, neste país a psicanálise surgiu mais tardiamente, submetida às tensões particulares do contexto local.

O caso dos EUA

O quadro de difusão da psicanálise foi muito marcante nos EUA, apesar de ter ocorrido em escala mundial. O interesse pela obra freudiana nos EUA já podia ser notado mesmo antes da visita de Freud, em 1909, quando ele proferiu suas famosas conferências posteriormente publicadas. Em meio à resistência inicial do meio médico às teorias freudianas, destacaram-se Jackson Putnam e Abraham A.

Brill como os primeiros adeptos mais fervorosos da psicanálise nos EUA, mesmo antes da fundação das duas sociedades em 1911 - Sociedade Psicanalítica de Nova York (por Brill) e Associação Americana de Psicanálise. Em um segundo momento, a visita de Paul Federn marcou uma etapa importante. Durante a sua estadia, foi ele o primeiro a exercer a função de analista didata nos EUA.

Na década de 20, vários americanos viajaram à Europa para se formarem ou complementarem sua formação. Alguns deles são: A. Stern, M. Meyer, A. Kardiner, etc. Em contrapartida, na mesma época, vários psicanalistas europeus passaram temporadas nos EUA fazendo conferências e praticando a psicanálise: S. Lorand, S. Ferenczi, Wittels. Paralelamente, já havia um movimento emergente de uma produção psicanalítica original. Porém, foi com o impulso migratório desencadeado pela segunda guerra que a psicanálise americana ganhou corpo e força como produção original. A lista dos eminentes psicanalistas europeus que se instalaram nos EUA é impressionante: Rank, Reik, Alexander, B. Bornstein, Fenichel, Reich, E. Fromm, Frieda Fromm-Reichmann, E. Kris e M. Kris, Hitschmann, Jekels, Lowenstein, Lorand, Numberg, Beata Rank, Annie Reich, F. Reld, E. Simmel, H. Hartmann, Spitz, E. Sterba e R. Sterba, R. Walder, Wittels, Bernfeld, Roheim etc.(cf. Chemouni, 1990).

A partir da década de 30, destacaram-se dois movimentos importantes que agitaram o campo da psicanálise americana, se influenciando mutuamente: o Culturalismo e a psicologia do ego. Ambos atendiam a uma demanda imposta pela realidade social local de uma teorização a respeito dos conflitos sócio-culturais provenientes da imigração.

O movimento culturalista reuniu psicanalistas, sociólogos, antropólogos e etnólogos influenciados pela psicanálise. A maioria desses autores interessou-se pelas relações indivíduo/sociedade, situando-se nas fronteiras entre a psicanálise, a sociologia e a etnografia. Isto, na visão de alguns autores, tem como contrapartida o perigo de uma diluição, de uma insipidez teórica, ou até mesmo de conciliações, onde a imagem pública da psicanálise, em alguns momentos e em certos contextos, viu-se gravemente alterada. O fato é que, já no início dos anos 40, consta (cf. Chemouni, 1990) que vários psicanalistas, principalmente não-médicos interessados pelo papel da cultura na constituição da personalidade, separaram-se gradativamente do movimento psicanalítico americano, organizando

o movimento "culturalista". Alguns dos nomes que compuseram esta fatia são Abram Kardiner, Ruth Benedickt, Erik Erikson, Erich Fromm e Karen Horney, situando-se mais do lado da psicanálise; e Margaret Mead e Ralph Linton, mais do lado da etnologia.

Inescapável às influências destas teorias, a psicologia do ego, cujo mentor principal foi Heinz Hartmann, surgiu simultaneamente a este movimento, chegando ao topo da psicanálise americana durante as décadas de 50 e 60. Se os sofrimentos dos indivíduos eram imputados a uma sociedade malfeita, na impossibilidade de mudá-la, o remédio foi a construção de uma teoria que buscasse uma melhor adaptação do indivíduo à sociedade tal como ela é. Aqui, portanto, a ênfase recai essencialmente sobre uma resposta às teorias culturalistas vigentes. Enquanto estas concentravam seu interesse na análise social propriamente dita, situando-se à margem do diálogo com a psicologia acadêmica de enfoque predominantemente pragmático e empirista inspirado na filosofia positivista, a psicologia do ego adota outro caminho. A teoria de Hartmann focaliza seu objeto de estudo no indivíduo humano e em suas relações com o meio, tentando, com isto, atender às exigências das teorias científicas vigentes.

A teoria do "ego autônomo", capaz de se adaptar à sociedade, apresenta-se como uma derivação do saber biológico centrada na pesquisa dos processos gerais de adaptação do indivíduo às exigências de seu meio ambiente. Outra característica desta teoria é uma concepção positivista da realidade, na qual fatos que ocorreram ao longo do desenvolvimento da criança são decisivos para uma boa constituição psíquica. Paul Bercherie (1984) acrescenta que a teoria de Hartmann é um modelo de inspiração funcionalista - relativo às funções vitais - o que explica a facilidade com que foi adotada pelo movimento psicanalítico americano, que também se encontrava muito impregnado pelo pensamento funcionalista. Acrescenta ainda, que este enfoque se apóia em uma energética psíquica cuja concepção geral remonta a descrição da constiuição do aparelho psíquico feita por Freud na segunda tópica, particularmente em "O ego e o id", dando origem a uma leitura particular da mesma.

"A psicologia do ego repousa sobre uma concepção biológica que analisa o funcionamento mental a partir de uma abordagem genética da estruturação do aparelho psíquico como última diferenciação dos

sistemas orgânicos de integração e diferenciação de comportamentos instintuais. A instância do eu é concebida como se desenvolvendo pela diferenciação funcional a partir de gêrmens inatos e da matriz indiferenciada egofid² (tradução nossa, Bercherie, 1984: 103).²

Neste trecho, Bercherie esclarece o que entende como marca funcionalista presente na teoria do desenvolvimento do ego proposta por Hartmann. Veremos mais adiante também que, entre os pressupostos formulados por ele para que a área de autonomia do ego se constitua satisfatoriamente está colocada a noção de autonomia primária, baseada nos aparatos biológicos inatos de que a criança saudável dispõe. O modelo de raciocínio é sempre o de uma adaptação funcional do indivíduo ao meio. Neste ponto, também é inegável que o fato da psicanálise ter permanecido primordialmente nas mãos de médicos teve peso considerável neste enfoque sanitário da psicanálise, ao mesmo tempo em que o próprio debate sobre a questão da análise leiga se ancorava em princípios filosóficos hegemônicos mais amplos.

Heinz Hartmann (1894-1970), formado em Viena e imigrante do pós guerra, representou um papel muito importante na história da psicanálise americana, presidindo, inclusive, a Associação Psicanalítica Internacional durante muitos anos. A ambição generalizante da teoria do ego autônomo seduziu um grande número de psicanalistas americanos, possivelmente porque reafirmava o sentimento de estar na ponta do progresso em todos os domínios. Mas o próprio fato de Hartmann ter começado a desenvolver suas idéias ainda na Europa, nos faz não deixar de admitir que já havia um espaço de acolhimento na teoria freudiana para o desenvolvimento de suas próprias idéias. De fato, é bastante útil a hipótese de Mezan de que há uma sobredeterminação de fatores que influenciam na construção das dispersas teorias em psicanálise, conforme já foi apresentada anteriormente. Enfim, se percorrermos inversamente o caminho das sobredeterminações sucessivas que estão na origem da consolidação da psicologia do ego nos EUA, podemos encontrar alguns elementos que se articulam entre si de diversas maneiras, em regime de retroalimentação: a resistência à

²L'ego psychology repose sur une conception biologique qui analyse le fonctionnement mental à partir d'une approche génétique de la structuration de l'appareil psychique comme ultime différenciation des systèmes organiques d'intégration et d'adaptation des comportements instinctuels. L'instance du moi y est conçue

permissão da análise leiga, o modelo funcionalista biologizante amparado no positivismo predominante, o surgimento do movimento culturalista, o modelo da segunda tópica freudiana desenvolvido em "O ego e o id".

Apesar de não se encontrar mais em posição de tanto prestígio atualmente, a psicologia do ego certamente influenciou as novas teorias que se destacaram na psicanálise americana. Este é o caso da teoria de Heinz Kohut, que surgiu principalmente a partir da década de 70. A hipótese a ser desenvolvida mais adiante é a de que Kohut traz à tona algumas das questões que haviam sido sacrificadas pela teoria de Hartmann, mergulhada numa atmosfera de oposição entre indivíduo e sociedade, tais como a questão do narcisismo. Isto não quer dizer, entretanto, que a teoria kohutiana não sofra também as influências dos fatores sobredeterminantes em questão. O arraigado modelo desenvolvimentista permanece presente, sendo, por outro lado, balançadas as fronteiras positivistas que delimitavam o campo da realidade externa ao indivíduo. A questão narcísica da imagem de si ganha corpo para além da questão da autonomia do ego. Estas questões serão aprofundadas no capítulo seguinte.

A psicanálise francesa

Na França, o contexto de acolhida que a psicanálise encontrou foi bem diferente do americano. A psicanálise fez sua penetração tardiamente, tendo que se haver com a grandiosa tradição psiquiátrica de Pinel, Esquirol e seus discípulos, com a tradição de uma psicologia compreensiva pouco atraída por experimentos pseudo-matemáticos, com a tradição filosófica do bergsonismo e com as novas tendências dos anos trinta, em particular a fenomenologia, o hegelianismo e o marxismo. Além disso, sabe-se que os primeiros apreciadores de Freud foram os literatos, alguns artistas de vanguarda (década de 20), e em seguida os filósofos. Estes foram os primeiros interlocutores com os quais a doutrina psicanalítica teve que dialogar em território francês (cf. Mezan, 1988: 32).

Outra observação interessante, feita tanto por Bercherie (1984) como por Roudinesco (1986) é a de que a resistência da França a incorporar a doutrina

psicanalítica consistiu numa reação tipicamente francesa de nacionalismo e de inimizade ao saber estrangeiro. Por exemplo, a renomada psiquiatria de Janet não incluía a questão da sexualidade, o que a fazia entrar em choque frontal com a psicanálise. Além disso, a hegemonia da psiquiatria influenciava bastante a estruturação conceitual das teorias psicológicas na França, principalmente na área de estudos sobre a inteligência, onde a abordagem psicopatológica estava sempre presente. O vínculo com o patológico estava sempre presente na explicação do caráter deficitário ou doentio das diferentes funções psíquicas: vontade, memória, sensações. No entanto, não se pode deixar de reconhecer que, apesar da psiquiatria e da psicologia terem constituído obstáculos à difusão da psicanálise na França, seus principais representantes - Janet, Binet e Ribot - contribuíram bastante para torná-la conhecida, ainda que criticando-a abundantemente (cf. Roudinesco, 1986: 228). Isto se aplica igualmente ao caso da filosofia, especialmente ao existencialismo de Sartre (cf. Mezan, 1988: 32).

"Uma doutrina em via de introdução é sempre apreendida, como aconteceu com o darwinismo e o hegelianismo, a partir de sua forma historicizada, fragmentada, desconhecida ou diversificada, ao sabor de uma geografia temporal e espacial sujeita a um movimento incessante. Com Freud, podemos afirmar que foi na e através da denegação que se reconheceu justamente aquilo a que se resistia" (Roudinesco, 1986: 229).

Roudinesco também reconhece em Politzer um dos grandes contribuidores para a aceitação e valorização das teorias freudianas na França, inaugurando um novo estatuto para a psicanálise sem, no entanto, perder completamente um distanciamento crítico em relação a eles. Em sua "Crítica dos fundamentos da psicologia", publicada em 1928, valoriza os ensinamentos freudianos para a constituição de uma almejada "psicologia concreta", que se opusesse sistematicamente à psicologia acadêmica imperante, baseada na introspecção. Segundo Politzer, o discurso freudiano traz a dimensão de "drama", essencial para a sua "psicologia concreta", inserindo o psiquismo no contexto da relação e diálogo com o outro. Entretanto, Politzer atribui aos textos metapsicológicos de Freud um

caráter de retorno à psicologia clássica, em função da leitura mecanicista e causalista adotada, segundo ele, nestes modelos.

A incorporação da descoberta freudiana na França foi ainda dificultada devido à predominância das leituras pós-freudianas anglo-saxônicas e americanas nos congressos e publicações internacionais entre os anos trinta e quarenta. Em um ambiente de crítica - principalmente por parte da filosofia fenomenológica - ao ideal de ciência do naturalismo positivista, de forma a destacar o lugar do sujeito na produção do discurso científico (cf. Birman, 1994), o enfoque empirista inglês assim como a abordagem funcionalista americana não eram muito apropriados. Por isso, foi tão disseminada na França a preocupação com o famoso "retorno a Freud". As teorias pós-freudianas inglesas e americanas tiveram uma penetração em pequena escala. A França teve que aguardar o surgimento de suas próprias teorias em psicanálise, capazes de integrar a psicanálise ao patrimônio intelectual nacional, para que esta doutrina ganhasse maior popularidade no país.

Ilustrando melhor este quadro inicial do movimento psicanalítico francês, Bercherie (1984) aponta duas tendências cuja presença marcou a história da psicanálise na França: uma corrente que incorpora mais rapidamente as teorias psicanalíticas, aceitando as alterações feitas pelos pós-freudianos, e outra que introduz mudanças necessárias para aceitação da psicanálise, tentando recuperar uma "verdade" freudiana que se encontraria encoberta. A primeira tendência foi representada principalmente por Marie Bonaparte, ex-analisanda de Freud, que contribuiu, inclusive financeiramente, para a criação das primeiras instituições psicanalíticas francesas - a Sociedade Psicanalítica de Paris, a qual cria para si a *Revue Française de Psychanalyse* (1926) e o Instituto de Psicanálise (1934). Marie Bonaparte teve participação fundamental na fundação da primeira sociedade psicanalítica da França, a Sociedade Psicanalítica de Paris (1926), juntamente com Eugénie Sokolnicka, R. Laforgue, R. Lowenstein etc. (Cf. Chemouni, 1990).

É importante ressaltar que esta primeira tendência do movimento psicanalítico francês antecedeu cronologicamente à segunda como representativa da psicanálise na França - sem que isto signifique que a segunda veio a excluir a primeira - tendo, portanto, papel importante na formação dos psicanalistas que vieram a compor a segunda tendência em um segundo momento. Este é o caso, por exemplo, de Laforgue, o qual retirou-se da SPP em 1953, já tendo elaborado

algumas contribuições originais que, possivelmente, são o motivo de ter sido localizado por Bercherie como representante da segunda tendência francesa. Da mesma forma, sabe-se que Lacan também sofreu influência em sua formação das teorias defendidas pela primeira tendência, mesmo que as tenha utilizado posteriormente em razão de criticá-las. Nesse sentido, pode-se considerar que estas críticas, de certa forma, serviram de base sob a qual ele ergueu muitos dos seus conceitos fundamentais. É curioso, inclusive, o fato de que Lacan tenha feito análise com R. Lowenstein, cuja opção teórica futura veio a ser justamente a psicologia do ego, tão criticada pelo primeiro.

A segunda tendência configurada por Bercherie foi representada inicialmente por Laforgue, e, em seguida, por Lacan. Laforgue, grosso modo, faz uma aproximação de Janet e de Freud via Bleuler, através de uma leitura "à francesa" da psicanálise freudiana e sua aplicação ao campo da clínica psicanalítica. Mas foi o lacanismo, sem dúvida, o responsável pela consolidação da psicanálise na França, na medida em que atendeu à demanda nacionalista da construção de uma psicanálise tipicamente francesa. Lacan formula um modelo teórico articulando a retórica inconsciente a uma teoria da linguagem, inspirando-se na linguística saussuriana, na filosofia hegeliana e no estruturalismo. Bebendo nestas fontes, Lacan acha suporte para a suposição de que há uma dialética própria à significação das formações do inconsciente e de que o complexo de Édipo funciona como quadro estrutural das relações interindividuais do sujeito. Apóia-se, para isso, na primeira tópica freudiana, criticando enormemente as elaborações da psicologia do ego. Pode-se notar que, enquanto a psicologia do ego e, de alguma forma, toda a vertente psicanalítica americana se apoiava na perspectiva genética e histórica, na França, a influência crescente do estruturalismo de Lèvi-Strauss, leva Lacan a ter uma leitura das teorias freudianas radicalmente contrária a este raciocínio. Além disso, para Lacan era essencial demonstrar a natureza dialética da psicanálise - influência básica do hegelianismo - enquanto que para os americanos era imprescindível afirmar a sua natureza científica (cf. Bercherie, 1984).

É nesta atmosfera de muitos choques e contrastes, que Lacan critica as recentes normas institucionais quanto à técnica e à formação preconizadas pela IPA, observando uma relação intrínseca entre a concepção teórica vigente e a

estrutura institucional decorrente e seus efeitos (cf. Kupermann, 1993). Lacan denuncia os sintomas produzidos pela formação nos moldes da IPA, tais como a identificação ao analista numa análise didática, mostrando ainda que esta prática se ancorava na própria teoria do processo analítico vigente: a psicologia do ego. Nesse sentido, constrói seu arcabouço teórico, preocupando-se em responder a esta denúncia.

Em 1953, Lacan se desliga da Sociedade Psicanalítica de Paris, juntamente com D.Lagache, F.Dolto, Favez-Boutonnier etc., com os quais fundou a Sociedade Francesa de Psicanálise. Porém, os movimentos de fracionamento não pararam por aí. A atitude opositora feroz de Lacan leva a IPA a retirar o título de grupo de estudos concedido à SFP, passando a conferi-lo apenas a um grupo selecionado. Em 1964, há uma nova cisão que desemboca na fundação da Escola Freudiana de Paris. Em 1979, às vésperas da morte de Lacan, é dissolvida por ele para dar origem à Escola da Causa Freudiana (cf. Kupermann, 1993).

1.3. Algumas posições sobre o destino atual das divergências dentro do campo psicanalítico

O movimento psicanalítico contemporâneo depara-se com duas características facilmente identificáveis: a presença marcante da teoria lacaniana e o desconhecimento mútuo principalmente entre os lacanianos e as demais linhas teóricas que compõem o campo psicanalítico. É interessante destacar aqui que esta problemática tem sido abordada pela própria IPA, em recentes congressos e publicações de alguns de seus membros, sob a nomeação de "pluralismo em psicanálise" (Bernardi, 1990). No entanto, é privilegiada uma tentativa unificatória das diversas abordagens, o que é defendido por alguns (Walerstein, 1988) como possível do ponto de vista da clínica e seus pressupostos básicos: a transferência e a resistência; o conflito e a defesa. Walerstein defende a possibilidade de encontrar-se uma teoria clínica comum às diversas posições. Desta forma, verifica-se ainda a preponderância do velho sonho apaziguador da homogeneização, que,

como foi visto ao longo deste capítulo, se faz presente ao longo de toda a história do movimento psicanalítico.

A idéia deste "sonho apaziguador" também pode ser aplicada à questão da hegemonia lacaniana atual, à moda de um "retorno a Freud", que exclui as tendências pós-freudianas intermediárias. Vale observar que ela leva novamente a um dogmatismo paralisante. Se toda a história progressiva da reformulação lacaniana é anulada - em seus percalços pelas teorias então em evidência, mesmo que sob a forma de críticas - sendo substituída pela noção de que Freud já seria lacaniano, resta apenas aos "novos freudianos" repetir as palavras de Lacan.

Outra perspectiva que se propõe a pensar as diversas linhagens presentes no campo psicanalítico é a de Paul Bercherie (1984), autor ao qual já recorreremos nos primeiros itens deste capítulo. Bercherie apresenta um modelo, o qual chama de quadrifocal, onde organiza as correntes fundamentais da psicanálise em quatro grandes grupos, a partir de uma epistemologia da herança que elas trazem da teoria freudiana. São eles: o kleinianismo, a psicologia do ego (ambas consideradas por ele como ortodoxas), o lacanismo e um grupo "marginal", menos rígido em suas próprias definições, que engloba, por exemplo, Bion e Winnicott (ambas heterodoxas). O ponto de vista defendido por Bercherie - cuja origem é remontada a Bion ("visão binocular") - é o de que a utilização de uma dupla vertente dá ao registro estudado a dimensão de sua profundidade e riqueza próprias. Cada uma das óticas serve para permitir a relativização da outra, obtendo-se, no total, um mapeamento dos possíveis saltos e superposições entre elas. Dentro desta perspectiva, Bercherie critica o "denegrimiento recíproco" que vem se repetindo ao longo da história do movimento psicanalítico, e metaforiza:

"Como no desenvolvimento pessoal, integração e diferenciação são as duas faces conexas do trabalho de maturação pelo qual aguarda o movimento psicanalítico" (tradução nossa, Bercherie, 1984:125)³

De acordo com esta observação de Bercherie, levando também em conta alguns dos pressupostos construídos por ele em sua análise sobre o campo das teorias e práticas em psicanálise, nossa proposta visa se integrar a este

³ "Ainsi, à l'instar du développement psychique personnel, intégration et différenciation apparaissent comme les deux faces étroitement connexes du travail de maturation qui attend le mouvement freudien".

movimento, que ele considera como um terceiro momento na história da psicanálise. Após a descoberta freudiana e os infinitos desdobramentos pós-freudianos, é chegada a hora de entrarmos em contato com aquilo que já foi produzido, admitirmos influências, convergências e divergências, enriquecendo nossa atividade à medida em que for possível integrá-las à nossa experiência subjetiva particular enquanto psicanalistas.

Capítulo 2 - A TEORIA DO NARCISISMO EM FREUD.

O termo "narcisismo" é empregado em psicanálise, grosso modo, para designar um estado em que um indivíduo ama a si mesmo, ou seja, trata a si mesmo da mesma maneira como se trata habitualmente uma pessoa amada. "Ser apaixonado por si mesmo" definiria o narcisismo, segundo o mito grego do jovem Narciso fascinado pela própria imagem espelhada no lago (Kaufmann, 1993: 347). Em linhas gerais, o termo assumirá toda a sua importância na teoria psicanalítica a partir do momento em que indicará uma fase necessária da evolução da libido, na qual se constitui uma instância unificadora, segundo Freud, a instância egóica.

Na teoria freudiana, o tema do narcisismo é um tema de apreensão bastante complexa, tanto pelo seu caráter inovador e propiciador dentro do arcabouço teórico de Freud, quanto pela própria forma pela qual ele se apresenta em seus escritos. Inicialmente, deve-se considerar uma problemática marcante em relação ao conceito de narcisismo na obra freudiana: o fato de que o narcisismo, sendo definido como o investimento libidinal do ego, nos remete sempre, inevitavelmente, à própria noção de ego⁴. No entanto, a noção de ego está presente ao longo de toda a obra freudiana, em diferentes contextos conceituais e, em algumas passagens, até mesmo limitada a seu uso semântico comum como pronome da primeira pessoa do singular, que possibilita a referência a si mesmo nas enunciações verbais. Entretanto, estas nuances de significados que podem ser atribuídos ao termo nem sempre são consideradas por Freud em suas elaborações. Por exemplo, mesmo já tendo formulado a segunda tópica, muitas vezes delega ao "ego-instância" - o qual acumula funções de síntese e mediação entre o id, o superego e o mundo externo - mecanismos que seriam próprios a um "ego-indivíduo" - aquele que distinguiria o todo da personalidade em oposição a outras pessoas, podendo ser investido libidinalmente e identificado como o ego do narcisismo. A atribuição destes sentidos díspares perturba consideravelmente a compreensão do conceito de *narcisismo* de forma mais integrada ao longo da obra

freudiana, evidenciando a permanente tensão semântica em que se encontra o termo *ego* nos escritos freudianos.

Vejamos como esta tensão se presentifica na teoria da sexualidade. Podemos considerar que, esquematicamente, a metapsicologia freudiana é fundada, inicialmente, em uma concepção de um desenvolvimento da libido que se dá paralelamente ao desenvolvimento do ego. Nos primeiros esboços teóricos de Freud - por exemplo, nos *Estudos sobre a Histeria* e nos *Três ensaios* - enquanto o desenvolvimento do ego diz respeito ao amadurecimento psicomotor do indivíduo que repercute no amadurecimento das relações da consciência e da percepção com a realidade, a libido obedece a um curso não-linear, sendo retida ou regredindo para uma relação fantasmática inconsciente com o mundo. Esta dupla vertente do funcionamento psíquico pode ser ilustrada através da própria dualidade original da qual partiu Freud, entre as pulsões do ego ou de auto-conservação versus pulsões sexuais. Ora, o narcisismo é precisamente o momento em que este postulado é abalado, já que ambos caminhos se encontram, o que também contribui para tornar mais complexa a abordagem deste tema.

O conceito de *narcisismo* surge, curiosamente, em um momento de muitas discórdias entre Freud e alguns de seus principais seguidores no movimento psicanalítico (Adler e Jung), em um contexto de uma verdadeira ameaça à causa psicanalítica. No mesmo ano em que escreve o artigo *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914. b) Freud também escreve, em tom de polemização, *História do movimento psicanalítico* (1914 a), onde se empenha em preservar a especificidade do pensamento psicanalítico. Se Adler e Jung não aceitavam conceitos-chaves da teoria psicanalítica, segundo Freud, não deveriam utilizar o nome da psicanálise para suas próprias teorias. Na realidade, um dos motivos que levou Freud a escrever o artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914 b), foi, sem dúvida, responder à crítica de Jung quanto a sua insistência em manter a prevalência do fator sexual para explicar o funcionamento do psiquismo. Tal crítica se acirrava no caso das psicoses, que demonstravam justamente uma introversão da libido no ego o que, segundo Jung, revelava a existência de uma "libido" não-sexual. Em

⁴Adotarei neste capítulo a mesma terminologia utilizada na tradução para o português da Standard, onde o "ich" do original alemão de Freud é traduzido da edição de Strachey como *ego*.

resposta a esta crítica, em 1914, Freud faz sua primeira exposição sistemática sobre o narcisismo, isolando uma libido específica do ego, ou libido narcísica.

A situação paradoxal da teoria do narcisismo em Freud é indiscutível. Zeferino Rocha (1985) atribui a isso o fato de que a noção de narcisismo não tenha se integrado espontaneamente nos textos da segunda tópica e de que tenha se tornado, mesmo para os discípulos de Freud, um "conceito embaraçante e complexo". Lembra, ainda, que Jones o chama um conceito "perturbador", já que a noção de narcisismo deu um golpe na teoria das pulsões, sobre a qual a psicanálise tinha até então se apoiado - a dualidade pulsões de auto-conservação X pulsões sexuais. Como também observa Zeferino, é nesse sentido que o próprio Jones se pergunta, se, já que o próprio ego podia ser investido libidinalmente, não teriam razão os adversários da psicanálise freudiana ao acusarem-na de pansexualismo. Embora refute tais críticas, Jones, no entanto, não deixa de notar que Freud teve grande preocupação em demonstrar um dos aspectos do conflito, ou seja: definir os elementos não narcísicos do ego. Podemos supor que, possivelmente, Jones estaria se referindo à manutenção da hipótese das pulsões de auto-conservação do ego, mesmo após ter postulado a libido narcísica. Enfatizando portanto a complexidade do conceito de narcisismo tanto no interior da doutrina freudiana quanto nas repercussões que ele alcançou posteriormente, Zeferino conclui:

"É só depois de situar o narcisismo no seu contexto doutrinário, que melhor compreenderemos que o 'momento do narcisismo' representa não um 'momento de fechamento', mas de 'reagrupamento', e que a partir deste 'momento de reagrupamento', um novo desenvolvimento se tornou possível para as grandes reformulações freudianas dos anos 20" (Rocha, 1985: 21).

Concordando com este ponto de vista, tomamos como pressuposto básico que o conceito de narcisismo é um ponto nodal no arcabouço teórico freudiano, no qual se entrecruzam caminhos separados e relativamente independentes da teoria do psiquismo e das pulsões. Estas questões repecutem muito no nosso trabalho com a teoria freudiana, na medida em que nos obrigam a estar sempre alertas a esta diversidade de caminhos abertos por Freud - que se presentifica possivelmente na própria pluralidade semântica do termo ego - repensando

incessantemente o material que devemos destacar para o nosso estudo. Por outro lado, sabemos que a existências de diversos sentidos para o termo *ego* é um dos determinantes principais da multiplicidade de modos de apropriação do conceito de narcisismo pelos psicanalistas depois de Freud. A respeito disto, Zeferino acrescenta que, ao abordar a noção de *ego*, o movimento do pensamento freudiano mais do que nunca mostra-se dialético e não se enquadra em noções rígidas e unívocas. Desta forma, nos remetemos de volta ao nosso objetivo, ou seja, a análise de diversos modelos teóricos sobre a teoria do narcisismo formulados com base na teoria freudiana. A pesquisa em Freud ganha, portanto, a possibilidade de identificar alguns dos pontos nos quais se sustentam algumas das distintas formulações presentes nas teorias pós-freudianas que serão apresentadas nos capítulos seguintes.

Feitas estas ressalvas, a delimitação do nosso percurso em Freud se torna um pouco mais fácil. O enfoque privilegiado será dado à teoria do narcisismo, tanto no que diz respeito à sua construção ao longo da obra, como no que ela pôde repercutir nos textos da segunda tópica. Porém, nos questionamos até que ponto podemos estabelecer uma continuidade entre o *ego* do narcisismo do qual fala Freud em 1914 e o *ego* mediador descrito em 1923. Devido a isto, optamos por centrar nosso recorte da teoria do narcisismo na segunda tópica na dinâmica superego/*ego*, sem deixar, contudo, de apontar algumas contradições e paradoxos que são trazidos pelas novas formulações freudianas em contraste com a teoria de 1914.

2.1. O surgimento do conceito de narcisismo na obra freudiana

O termo "narcisismo" é utilizado por Freud pela primeira vez em 1910, no texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, para explicar a escolha de objeto nos homossexuais. Freud observa que em todos os casos de homossexualismo masculino, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com a mãe na infância, exacerbada pela presença de um pai fraco ou ausente. Adota então a hipótese de que, já que depois da infância o amor do

menino por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente, ele o recalca e identifica-se com ela. Colocando-se no lugar dela, "o menino toma a si próprio como modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor, ou seja, encontra seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo" (Freud, 1910: 92). Tornando-se homossexual, o rapaz preserva a relação de amor com a mãe da infância, repetindo-a ao amar seus objetos da mesma maneira que ela o amava.

Nessa mesma data (1910), Freud faz um acréscimo ao texto de 1905 - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* — onde também esboça a idéia do narcisismo. Nesta nota Freud explicita:

"Em todos os casos que examinamos, expusemos o fato de que futuros invertidos, nos primeiros anos de sua infância, atravessam uma fase de fixação muito intensa, mas muito curta, em uma mulher (geralmente sua mãe) e que, depois de ultrapassada esta fase, identificam-se com uma mulher e se consideram, 'eles próprios', seu objeto sexual. Isto é, partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem 'eles' possam amar como eram amados por sua mãe" (Freud, 1905: 145).

Até este momento, portanto, Freud relaciona o narcisismo exclusivamente a um determinado tipo de escolha amorosa, a escolha homossexual. Contudo, é interessante notar que aqui já estão presentes alguns dos termos essenciais para uma teoria do narcisismo, ainda que Freud não estabeleça nenhuma articulação específica entre eles como conceitos. São eles: a noção do próprio ego como objeto de amor - que fundamenta a hipótese do narcisismo - o postulado de uma identificação como estando na base do narcisismo, e, ainda, a relação do narcisismo com as escolhas amorosas.

Em 1915, porém, Freud faz um outro acréscimo no texto de 1905, baseando-se na hipótese da escolha de objeto do tipo narcísico, desenvolvida em 1914 no texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. Nesta nota, Freud relativiza as afirmativas feitas anteriormente a respeito da homossexualidade, deixando de restringi-las exclusivamente ao caso do fenômeno manifesto. Declara que todos os sujeitos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual, e que, de fato, já o fizeram em seu inconsciente. A respeito da homossexualidade como escolha sexual definitiva Freud a atribui, a partir de então, a dois fatores principais: à

regressão a uma escolha de objeto narcísica e à conservação da importância erótica da zona anal (cf. Freud, 1905: 146). É paradoxal que, embora Freud pareça tentar manter uma especificidade nas escolhas de objeto narcísicas, atrelando-as aqui ao caso da homossexualidade manifesta, anuncia, por outro lado, que todo sujeito faz escolhas homossexuais em seu inconsciente. Pode-se, portanto, facilmente deduzir que as escolhas narcísicas, inevitavelmente, também são feitas, inconscientemente, por todo sujeito.

Na análise do *Caso Schreber* (1911), o narcisismo passa a ser concebido como uma fase na evolução sexual, intermediária entre o auto-erotismo e o amor de objeto. O narcisismo torna-se, assim, uma exigência implícita na teoria freudiana da sexualidade. É definido, então, como um momento, no desenvolvimento psico-sexual, em que as pulsões sexuais, até então dispersas, se unificam a fim de conseguir um objeto amoroso. Este processo tem início com a tomada de si próprio como objeto amoroso, sendo que, apenas subsequentemente, se dá a passagem para a escolha de outra pessoa como objeto. As psicoses demonstram, segundo Freud, uma regressão da libido do objeto para o ego, o que provoca os estados delirantes e megalomaniacos. Portanto, os problemas colocados pela psicose e pelo homossexualismo conduzem Freud à suposição de que o ego não é neutro em suas relações com a libido, mas pode, ele próprio, ser investido libidinalmente. Estão abertas as portas para a construção da teoria do narcisismo que se consolidará em 1914.

O artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914 b) é um marco na trajetória freudiana, onde é fundamentado o pressuposto central de que "uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo. O ego tem de ser desenvolvido" (Freud, 1914: 93). De acordo com a posição de Freud neste artigo, se, por um lado, as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, algo deve ser adicionado ao auto-erotismo, "uma nova ação psíquica" (ibid), a fim de possibilitar o narcisismo. Esta enigmática colocação de Freud dá margem, até hoje, a muita discussão. Uma das possíveis interpretações para esta "nova ação psíquica" é o próprio investimento do ego como uma totalidade unificada e distinta do objeto, e não mais como um corpo disperso onde o sujeito investe cada órgão isoladamente e o objeto é desconsiderado.

No artigo de 1914, Freud reafirma a dinâmica pulsional apresentada no *Caso Schreber* (1911), segundo a qual a libido se desloca do ego para os objetos e vice-versa. Deste modo, estabelece a oposição entre libido objetal e libido do ego.

"Assim formamos a idéia de que há um investimento libidinal original do ego, parte do qual é posteriormente transmitido a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionado com os investimentos objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodos que produz" (Freud, 1914 b: 92).

Utilizando-se deste modelo, Freud discorre sobre uma teoria da libido a partir de sua distribuição e deslocamento entre o ego e os objetos. É então que introduz o postulado do narcisismo primário. O ego é considerado como o grande reservatório original da libido, de onde esta é enviada para os objetos, e que está sempre pronto a absorver parte da mesma que reflui destes investimentos. Contudo, a hipótese do narcisismo primário é motivo de muitas controvérsias. Em primeiro lugar, podemos questionar se quando Freud fala do ego como reservatório original da libido não está, na verdade, acentuando o caráter primário do ego como objeto total de investimento, na medida em que já admitia a presença de pulsões dispersas auto-eroticamente, antes do narcisismo. De fato, esta hipótese se encaixa com o postulado da "nova ação psíquica" apresentado logo acima. Neste viés, o narcisismo coincidiria exatamente com o momento da constituição do ego, assim como dos investimentos nos objetos como objetos de investimento totais.

No próprio texto de 1914, para demonstrar o pressuposto do narcisismo primário das crianças, Freud recorre ao amor dos pais por elas. Sustenta este postulado afirmando que os pais se vêem em seus filhos da forma como anteriormente, em suas próprias infâncias, eles se imaginavam, como sendo "Sua Majestade o Bebê", dotados de todos os poderes e perfeições. A partir disso, observa que o amor dos pais pelos filhos é um renascimento do antigo narcisismo deles, agora transformado em amor objetal, mas guardando ainda aspectos de sua natureza anterior.

"A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria

não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - 'Sua Majestade o Bebê', como outrora nós mesmos nos imaginávamos" (Freud, 1914 b: 108).

O trecho transcrito acima é paradigmático no sentido de demonstrar a diversidade de interpretações possíveis sobre a hipótese do narcisismo primário. Por um lado, pode ser tomado, de fato, como exemplo de uma situação narcísica primária, em que a criança só investe nela própria e não considera o outro como alteridade. Contudo, em outro viés interpretativo, a própria onipotência da criança deve, necessariamente, se apoiar em um objeto exterior a ela própria, que a reconheça enquanto tal. Esta posição se faz representar tanto pelos seguidores do pensamento de Lacan quanto de Kohut. Os autores lacanianos se utilizam bastante deste trecho do artigo de Freud justamente para marcar a impossibilidade de se pensar um narcisismo primário, ou seja, um investimento no ego como totalidade sem que se leve em conta a presença do objeto (Outro)⁵. Por exemplo, na leitura de Nasio (1988: 49), "o narcisismo primário representa, de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais".

Em 1914, Freud define, ainda, o narcisismo secundário, explicando assim finalmente os estados designados como "neuroses narcísicas". Neste sentido, o narcisismo secundário diz respeito ao refluxo da libido enviada aos objetos, em retorno ao ego. Porém, conforme descrevem Laplanche e Pontalis (1967), o narcisismo secundário não designa apenas estados patológicos de regressão - como no caso da paranóia e da hipocondria - mas é também cunhado como uma estrutura permanente do indivíduo, tanto no plano econômico dos investimentos objetais - por exemplo, no caso das escolhas amorosas do tipo narcísicas a ser comentado mais adiante - quanto no plano tópico, onde o ideal do ego representa uma formação narcísica que nunca é abandonada, como também veremos adiante. Portanto, supomos que a compreensão do conceito de narcisismo secundário está diretamente ligada ao modo como concebemos o narcisismo primário. Isto repercute ainda, respectivamente, para que o narcisismo seja tomado como uma estrutura permanente no funcionamento do psiquismo, ou que seja entendido como

um estado primário de investimento anobjetal ao qual a regressão determinaria uma condição, de alguma forma, indesejável ou patológica.

Assim, é inegável que há uma oscilação frequente em relação ao postulado do narcisismo primário nas leituras feitas sobre os textos freudianos. Em geral, os autores oscilam entre considerar o narcisismo como sendo desde sempre secundário - posição de Kohut e de Lacan, como veremos - e, portanto, dependente, respectivamente, de uma relação objetal prévia ou concomitantemente constituída (a partir de uma determinação simbólica mais ampla), ou adotar a hipótese de um narcisismo primário - posição adotada pela psicologia do ego - ao qual o sujeito regride posteriormente aos investimentos nos objetos. É importante marcar, ainda, que ambas as leituras se sustentam no texto do próprio Freud.

A título de ilustração, vejamos o que irá predominar em algumas das futuras abordagens psicanalíticas da constituição do sujeito, a saber, há uma implicação explícita da função do objeto para a própria instauração do psiquismo enquanto campo representacional, que possibilita e fundamenta a circulação da libido. Quanto a isso, são interessantes as definições apresentadas no novo *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*:

"O tomar a si mesmo com objeto de amor, na tradição do mito de Narciso, pressupõe implicitamente a seguinte condição: possuir uma representação suficiente do objeto, a fim de atribuí-lo a si mesmo ou tomar o lugar dele" (Kaufmann, 1993: 350).

"Temos aqui uma das mais importantes questões para o narcisismo, pois ela envolve ao mesmo tempo a da formação do eu e a da apreensão do objeto...Assim poderíamos supor que, no estágio do narcisismo, certo modo de apreensão do objeto externo se volta para o corpo próprio, também ele considerado doravante como um objeto circunscrito e distinto daqueles que o rodeiam" (Kaufmann, 1993: 351).

Ainda no texto de 1914, as observações de Freud sobre as escolhas amorosas também são de importância fundamental para o desenvolvimento do conceito de narcisismo por alguns psicanalistas que deram prosseguimento à teoria psicanalítica - como é o caso de Lacan e de Kohut. Freud discorre sobre

⁵Conceito lacariano, conhecido como "grande outro", próprio para designar a noção de alteridade.

dois tipos de escolha objetal. Considera que os objetos sexuais são derivados das primeiras experiências de satisfação, quando a pulsão sexual encontrava-se apoiada na satisfação das necessidades físicas, estando ainda mesclada à pulsão de auto-conservação. Porém, classifica duas formas típicas pelas quais esta derivação pode se dar. Na escolha do tipo anaclítico são buscados objetos substitutos para aqueles que, primariamente, se preocupavam com a alimentação, os cuidados e a proteção da criança. Nas escolhas narcísicas, é o próprio eu que é buscado como objeto de amor. Freud explica que, de acordo com o tipo narcisista de escolha amorosa, uma pessoa pode amar: o que ela própria é, o que ela própria foi, o que ela própria gostaria de ser, alguém que foi uma vez parte dela mesma (cf. Freud, 1914 b: 107). É interessante que Freud aponta as escolhas do tipo narcísico como o mais forte motivo que o levou a adotar a hipótese do narcisismo, o que, de fato, podemos observar levando em conta que a pesquisa sobre a escolha amorosa dos homossexuais foi um dos pilares fundamentais da teoria do narcisismo.

É importante ainda destacar que, apesar da postulação da libido do ego, Freud não deixa de levar em conta sua antiga concepção quanto ao dualismo pulsões de auto-conservação ou interesses do ego X pulsões sexuais. O narcisismo é definido em 1914 como "o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação" (Freud, 1914 b: 90). Para dar conta da diferenciação entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais (libido) no âmbito do ego, Freud afirma que esta distinção só é possível quando há investimento objetal. Menciona que, antes disso, haveria uma energia psíquica indiferente, da qual as pulsões de autoconservação participariam como um dos elementos componentes.

"Finalmente, no tocante à diferenciação das energias psíquicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado do narcisismo, elas existem em conjunto, sendo nossa análise demasiadamente tosca para estabelecer uma distinção entre elas. Somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual - a libido - de uma energia das pulsões do ego" (Freud, 1914 b: 92).

Portanto, para Freud, só se pode pensar em uma libido discriminada das pulsões de auto-conservação a partir do momento em que há investimento objetal.

A temática das pulsões de auto-conservação, é ainda retomada em 1914 sob a forma de uma hipótese quanto à "dessexualização" da libido, quando Freud tenta explicar o mecanismo da sublimação, no qual a libido objetal se transforma a partir de um processo de volta para o ego (cf. Freud, 1914 b: 111). É baseando-se neste princípio que Freud discute a diferença entre os processos de idealização e sublimação. Segundo Freud, enquanto o primeiro diz respeito a uma supervalorização sexual de um objeto, o segundo se afasta da finalidade da satisfação sexual, descrevendo algo que tem a ver com a pulsão propriamente dita - e não com o seu objeto. Seguindo este raciocínio, possivelmente, a volta da libido ao ego levaria a uma neutralização da mesma na medida em que esta retornaria à condição original de indiferenciação em relação às pulsões de auto-conservação, hipótese apresentada por Freud em 1914.⁶

A hipótese da dessexualização como um processo de neutralização da libido a partir das pulsões de auto-conservação, será muito utilizada pelos teóricos da psicologia do ego como meta de trabalho de análise, que possibilita um aumento da capacidade de autonomia egóica. Coincidentemente, a questão da dessexualização não é um ponto abordado ou enfatizado nem por Kohut, nem por Lacan, o que, possivelmente, já indica um certo desacordo de ambos em relação a este postulado da psicologia do ego, assim como ao lugar destinado à teoria do narcisismo no interior de seu arcabouço teórico.

2.2. A questão dos ideais e a situação do narcisismo na segunda tópica

A hipótese do narcisismo, que coloca o ego na posição de objeto de amor, tem repercussões fundamentais na teoria da libido, revelando a condição narcísica permanente a que está submetida a subjetividade. Isto leva a algumas

⁶Em 1923, Freud voltará ao tema da dessexualização, articulando-a com os processos sublimatórios e identificatórios (cf. Freud, 1923: 61). Porém, nessa data, a dessexualização torna-se um ponto ainda mais enigmático na teoria freudiana, não podendo simplesmente ser explicado através das pulsões de auto-conservação. Em 1923, Freud já trabalha com a categoria de pulsão de morte como pulsão oposta às pulsões sexuais, além de que o ego não é mais tomado como o reservatório original das pulsões, o que anula a possibilidade da manutenção da hipótese de 1914.

modificações metapsicológicas importantes. Se até então o ego era identificado às funções de defesa e censura - desde os *Estudos sobre a histeria*, o *Projeto* e a *Interpretação dos Sonhos* (Laplanche e Pontalis, 1967) - como poderia o mesmo continuar a exercer estas funções sendo, ele próprio, objeto de investimento libidinal? Já que, em 1914, Freud passa a tomar o ego como objeto de investimento libidinal mas, simultaneamente, não deixa de considerá-lo como agente do recalque, é levado a postular o ideal do ego como fator condicionante do recalque. Melhor dizendo, podemos considerar que o postulado do narcisismo é um dos fatores que leva à suposição do descentramento do ego, consolidado a partir de 1920. Alguma instância deve estar para além do ego, uma instância que ditará qual o modelo do objeto a ser amado, para que o próprio ego possa figurar como um dos possíveis objetos de investimento.

O postulado do narcisismo é um dos fatores que pressupõe, portanto, uma nova abordagem do ego, que deverá obrigatoriamente ser caracterizado por uma cisão. É neste contexto que surge o conceito de ideal do ego, definido como o substituto do narcisismo perdido da infância, no qual o indivíduo encarnava o próprio ideal. O conceito de ideal do ego denota hipótese necessária de que deve haver uma cisão dentro dos limites do próprio ego. Cisão no sentido em que acentua uma defasagem e implica na idéia de um modelo ao qual se aspira atingir a fim de tornar-se um objeto de amor satisfatório.

“Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (*self love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em relação a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ideal do ego. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1914 b: 111).

O trecho citado logo acima tem sido de muita valia para que as idéias a respeito do narcisismo sejam integradas a outras noções da psicanálise, desde o próprio Freud, até seus sucessores mais atuais. Em relação à noção de *ego ideal*,

apesar de Freud não ter feito nenhum desenvolvimento mais meticuloso dela, esta está nitidamente presente em algumas teorias psicanalíticas contemporâneas, onde se encaixam Kohut e Lacan. } Geralmente, atribui-se ao ego ideal a caracterização de uma posição narcísica infantil de onipotência absoluta, enquanto que o ideal do ego apontaria mais para a função de modelo a ser alcançado (cf. Kaufmann, 1993: 353). Considera-se que, apesar de o ideal do ego ter também uma origem narcísica, já pressupõe um abandono de uma condição de plenitude, uma defasagem, já que até aponta para uma possibilidade de satisfação narcísica, porém no futuro.

O ideal do ego funciona como um escoadouro para satisfação narcisista ao longo da vida. Conforme afirma Freud em 1914, isto se dá mediante a intervenção de um agente psíquico especial, encarregado de observar constantemente o ego real e medi-lo em função do ideal. Este agente é identificado ao censor dos sonhos, exercendo funções de auto-observação e auto-crítica tais como podemos observar nos casos de delírios paranóides, podendo ser tomado como o precursor do conceito de superego. De fato, estão aqui alguns dos alicerces sobre os quais se erguerá a segunda tópica freudiana, principalmente no que diz respeito à participação do superego na dinâmica do funcionamento psíquico e na consolidação das identificações que constituem o ego. Sendo assim, a idéia de uma divisão intrínseca ao ego, presentificada na própria noção de ideal do ego, será consolidada na segunda tópica através da dissensão ego/superego.

Em *O ego e o id* (1923), Freud apresenta a segunda tópica, descrevendo três instâncias psíquicas: o id (pólo pulsional), o ego (agente mediador entre as duas outras instâncias e a realidade) e o superego (sistema de interdições). Conforme observam Laplanche e Pontalis, há um alargamento da noção de ego. O ego acumula as funções da consciência e a maior parte das funções do sistema pré-consciente, mas é também em grande parte inconsciente. A respeito destas funções do ego, Laplanche e Pontalis esclarecem:

"Como já foi notado, estas funções podem ser reagrupadas em pares antinômicos (oposição às pulsões e satisfação das pulsões, insight e racionalização, conhecimento objetivo e deformação sistemática, resistência e resolução das resistências, etc.), antinomias que apenas refletem a situação destinada ao ego relativamente às duas instâncias e à realidade. Conforme o ponto de vista em que se coloca, Freud

acentua umas vezes a heteronomia do ego, outras as suas possibilidades de uma relativa autonomia" (Laplanche e Pontalis, 1967: 183).

Como podemos constatar de acordo com as observações acima, esta complexa situação destinada ao ego na segunda tópica é um fato bastante problemático para a integração da teoria do narcisismo nesta nova teoria do psiquismo. É fácil prever que há de haver alguma mudança em relação à concepção do narcisismo como constituinte do ego. De fato, em 1923, Freud declara que "o narcisismo do ego é um narcisismo secundário" (Freud, 1923: 62), que é fruto da libido retirada dos objetos. É assim que, na segunda tópica, Freud desloca o problema do narcisismo primário para uma etapa anterior, na qual id e ego são indiferenciados, ou seja, quando o ego ainda se encontra em processo de formação ou ainda é fraco. Neste raciocínio, Freud conclui que, inicialmente, o id envia parte da libido acumulada para catexias objetais eróticas e, em um segundo momento, o ego, ao tornar-se forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto de amor. No entanto, esta questão, relativa ao reservatório original da libido é bastante controversa, sendo retomada de formas antagônicas em diversos momentos da obra freudiana e sendo mantida em suspenso a possibilidade de definir qual seria a palavra final de Freud sobre o assunto (cf. Freud, 1923: 80 a 83, apêndice B).

O princípio do narcisismo do ego como um narcisismo secundário, tal como foi apresentado em 1923, se baseia na hipótese de que o ego é formado a partir de identificações que substituem os investimentos objetais abandonados pelo id. A partir disso, ao ego caberá controlar e distribuir a energia pulsional do id, atendendo as exigências da realidade e do superego, podendo direcionar os investimentos para determinados objetos ao mesmo tempo em que molda-se de maneira a tornar-se também um objeto satisfatório às demandas do id.

"Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas do desenvolvimento, é muito frequente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto" (Freud, 1923: 43).

Isto demonstra o quanto a inscrição do ego como uma instância na segunda tópica freudiana está remetida ao fato de que este se constitui em um jogo identificatório. É particularmente o tópico das identificações que torna possível fazer uma articulação da teoria de 1923 com a teoria do narcisismo apresentada em 1914. Em termos metapsicológicos, o conceito de identificação talvez possa ser entendido como uma condição necessária para que Freud pudesse inscrever a teoria do narcisismo numa tópica do funcionamento do psiquismo.

Avançando nesse raciocínio, em 1923, Freud supõe que o ideal do ego é fruto da primeira dessas identificações, "identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal" (Freud, 1923: 45). Mas, segundo Freud, esta identificação difere de outras por se tratar de uma identificação direta e imediata, não pressupondo um investimento objetal prévio. Em nota de rodapé, Freud acrescenta ainda, que, por ser esta uma identificação pré-edípica, não havendo portanto distinção de gênero sexual entre os pais, poderia ser definida enquanto uma identificação *com os pais*. Talvez possamos remeter esta afirmativa a *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914 b), considerando que Freud faz uma menção a esta identificação, quando define a formação do ideal do ego como substituição para o narcisismo perdido da infância - no qual o indivíduo era seu próprio ideal. O ideal do ego designa as condições pelas quais o ego pode ser amado, tal como já foi um dia, obrigando o ego a fazer um trabalho incessante para recuperar esta situação original através da realização desse ideal, ou seja, identificando-se a ele.

"O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal" (Freud, 1914 b: 117).

Pode-se considerar que o trecho acima define especificamente o caso da identificação própria ao momento do narcisismo, constituinte do ideal do ego e, conseqüentemente, também do ego. Porém, com a elaboração da teoria do complexo de Édipo e a inserção do conceito de superego, Freud redimensiona a questão do narcisismo e das identificações pelas quais este se inscreve no psiquismo. Enquanto na identificação primária (com os pais), típica do narcisismo, não está colocada a questão da diferença sexual, e portanto da castração, na

identificação da saída do Édipo, esta questão é levada em conta mas repercute de forma articulada à primeira (cf. Freud, 1923: 46). A estreita relação entre estas duas identificações parece ser, de fato, evocada por Freud ao abordar a questão da dissolução do complexo de Édipo, mas isto não é explicitado claramente. Como veremos, ao se dedicarem a um estudo mais apurado do narcisismo como uma estrutura permanente no psiquismo, é preocupação tanto de Kohut quanto de Lacan, desenvolver melhor esta articulação entre as instâncias narcísicas e a função do Édipo. Enquanto Kohut irá manter narcisismo e Édipo em dois tempos, que, porém, se articulam, Lacan puxa a questão da falta (castração), edípica por excelência, imediatamente para o próprio momento de constituição do sujeito.

Segundo Freud, a dissolução do Édipo no menino⁷ é sinal de um triunfo da primeira das duas forças atuantes no seguinte conflito diante da ameaça de castração: o interesse narcísico pelo pênis e o investimento libidinal em seus objetos parentais.

“Os investimentos objetais são abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal”(Freud, 1924: 221).

É nesse contexto que Freud introduz o conceito de superego em 1923, colocando-o, porém, em constante equivalência com o termo *ideal do ego*. Freud afirma, portanto, que “o ideal do ego é o herdeiro do complexo de Édipo, é, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e vicissitudes libidinais do id” (Freud, 1923: 51). Situando o ideal do ego ou superego - tal como Freud os faz equivaler em 1923 - como instância condicionante das novas identificações que se darão no ego a partir de então, Freud assegura que o ego, ao mesmo tempo, domina o Édipo e coloca-se em sujeição ao id. Enquanto o ego é considerado o representante da realidade e do mundo externo, o superego é visto, então, como o representante do mundo interno, do id. Nesse sentido, Freud conclui que os conflitos entre o ego e o superego representam o contraste entre o que é real e o

⁷Mencionamos especificamente o caso masculino da saída do Édipo, enfatizando o importante papel que o narcisismo desempenha neste caso, sendo reeditado. No caso feminino, não deixa de haver também uma

que é psíquico . A partir desta observação de Freud, a psicologia do ego irá privilegiar fundamentalmente o aspecto do ego enquanto instância ligada à realidade, em detrimento da questão da submissão do ego ao id, bem como da forma pela qual esta submissão se atualiza através das identificações.

reedição do narcisismo, na medida em que a ferida narcísica da castração é condição da entrada no Édipo, mas não nos arriscaremos aqui a desenvolver mais esta questão.

2.3. Algumas repercussões da teoria freudiana do narcisismo na clínica

Apesar da escassa menção feita por Freud às hipóteses formuladas no ensaio sobre o narcisismo em seus artigos clínicos, supomos que este repercute na concepção de análise formulada em comunicações contemporâneas a ele. No texto da *Conferência nº XVIII - Terapia Analítica* (1916-17), Freud reformula os objetivos do processo analítico em termos da liberação da libido que é empregada para manter o recalque, tornando-a disponível ao ego. Os parâmetros do tratamento, diz ele, são determinados pela falta de mobilidade da libido, que pode recusar-se a abandonar seus objetos, e pela rigidez do narcisismo, a qual não permitirá que a transferência para os objetos aumente além de determinados limites (cf. Freud, 1916-17: 531). Neste enfoque, a análise é viabilizada pela transferência, sendo o médico colocado como pólo de investimento libidinal provisório, que pode atuar dentro do campo de forças em conflito até que esta libido possa ser liberada para o ego, quando este se tornar conciliador para com a mesma e disposto a conceder-lhe alguma satisfação. É interessante notar que a teoria do narcisismo repercute na clínica no sentido de uma concepção de análise como propiciadora de uma maior mobilidade da libido, o que é operacionalizado principalmente pelo trabalho na transferência.

Outra via aberta pela teoria do narcisismo para pensar a clínica é através do conceito de ideal do ego. Por exemplo, Freud declara que o ideal do ego é muitas vezes encarnado no objeto. Nos estados de apaixonamento, Freud se questiona se o objeto é colocado no lugar do ideal do ego ou do próprio ego, já que estes estados podem resultar em uma situação de "fascinação" ou "servidão" tal que resulte em um nítido empobrecimento do ego. Em contraste, no caso da hipnose, Freud não hesita em dizer que o hipnotizador colocava-se no lugar do ideal do ego. A explicação referente à distinção entre os dois casos, pode ser inferida a partir da seguinte afirmação:

"A relação hipnótica é a devoção ilimitada de alguém enamorado, mas excluída a satisfação sexual, ao passo que no caso real de estar amando esta espécie de satisfação é apenas temporariamente refreada e permanece em segundo plano, como um possível objeto para alguma ocasião posterior"(Freud, 1921: 145).

Talvez o que Freud tenha tentado mostrar com esta distinção é que o ideal do ego aponta justamente para o lugar de abstinência que o hipnotizador ocupava, marcando justamente a impossibilidade de sua realização plena, o que também pode ser aplicado à situação analítica. Por outro lado, pode-se problematizar uma situação em que o analista fique no lugar do ideal do ego numa análise, no sentido em que isto manteria uma organização transferencial predominantemente narcísica, na qual o ego do paciente deveria moldar-se ao ego do analista-ideal do ego. De fato, já em 1914, Freud atenta para o perigo de uma "dependência mutiladora" nos casos em que o objeto de investimento amoroso é colocado no lugar do ideal do ego (cf. Freud, 1914: 119). Isto, realmente, não se mantém quando Freud abandona a hipnose e introduz o método psicanalítico. A partir do trabalho com a transferência, como já vimos anteriormente, o analista atrai para si a libido, podendo até inicialmente encarnar o lugar de ideal do ego, mas isto é uma situação temporária. A análise deve avançar para uma etapa de elaboração do material que é transferido, para que a libido possa ser reinvestida de forma diferente nos objetos.

Deste modo, podemos ressignificar as colocações feitas na conferência de 1916, quando Freud declara que, numa análise, o analista atrai para si certa quota de libido e a utiliza na transferência. Isto agora pode ser entendido em termos de um trabalho que incide exatamente sobre o mecanismo identificatório, via ideal do ego; através do trabalho com a transferência. O analista encarna o lugar do ideal do ego mas, mediante as interpretações e manejos transferenciais, serve como mediador que torna possível que antigas identificações se desfaçam e novas identificações se produzam sucessivamente. O enfoque dado a este processo é bastante variável entre as correntes pós freudianas. Em algumas abordagens, o caráter de desfalecimento de identificações é o de maior privilégio (aqui se encaixa Lacan), enquanto em outras linhas a promoção de identificações ao longo do processo é o aspecto mais enfatizado (aqui se encaixam Kohut e a psicologia do ego).

Dando continuidade a este raciocínio, a nova concepção do aparelho psíquico representada pela segunda tópica, induz a novas formulações sobre a técnica analítica, as quais também foram interpretadas e exploradas de modo bastante divergente pelas diversas escolas.

"Há dois caminhos pelos quais os conteúdos do id podem penetrar no ego. Um é direto, o outro por intermédio do ideal do ego; seja qual for destes dois o caminho tomado, pode ser de importância decisiva para certas atividades mentais. O ego evolui da percepção para o controle dos instintos, da obediência a eles para a inibição deles. Nesta realização, grande parte é tomada pelo ideal do ego, que em verdade, constitui parcialmente uma formação reativa contra os processos instintuais do id. A psicanálise é um instrumento que capacita o ego a conseguir uma progressiva conquista do id" (Freud, 1923: 72).

Esta frase ilustra bem como que a definição do processo analítico se complexifica com os múltiplos acréscimos metapsicológicos feitos por Freud nesse período. Sem contar com os problemas decorrentes da própria tradução, é bastante difícil apreender o sentido que é dado por Freud a esta "*conquista do id*" pelo ego. Se, por um lado, ela pode ser entendida como identificação dos desejos do id via ideal do ego e suas possíveis elaborações e integrações no ego por meio de novas identificações, por outro, pode dar a entender que cabe ao ego predominar e dominar totalmente as pulsões. Também a célebre afirmação - "Onde estava o id, ali estará o ego" (Freud, 1932-33: 102) - que Freud faz em suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* gera muitas controvérsias a respeito deste mesmo tópico.

Também podemos encontrar algumas descrições do processo analítico a partir da segunda tópica no *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]). A situação analítica é definida em termos de um pacto do analista com o ego do paciente, enfraquecido nos estados patológicos. O paciente se compromete a dizer ao analista não só aquilo que sabe conscientemente e que pode falar intencionalmente, mas também tudo o mais que lhe vier à mente. Por outro lado, o analista, através das interpretações, deve ampliar o conhecimento do ego a respeito do inconsciente.

No entanto, Freud menciona uma segunda tarefa para o analista, que diz respeito ao trabalho com as resistências. Nesse sentido, Freud expõe:

"É interessante notar que, nessa situação, as divisões partidárias são, até certo ponto, invertidas: pois o ego luta contra o nosso estímulo, enquanto que o inconsciente, que comumente é nosso adversário, vem em nosso auxílio, visto possuir um 'impulso ascendente' natural e não desejar nada melhor que pressionar além de suas fronteiras estabelecidas, até o ego, e, assim, até a consciência" (Freud, 1940 [1938]: 206).

Neste trecho, Freud parece observar que o ego, exerce função de colaborador fundamental para que a análise se dê, mas, paradoxalmente, diz que é do próprio ego que emanam as resistências. Freud explica que esta resistência se manifesta através de anti-catexias que impedem a emergência de elementos indesejáveis provenientes do inconsciente e do id recalçado. Nestes momentos, segundo Freud, para que não nos falhe, o ego "tem de ser constantemente apaziguado e incentivado"(Freud, 1940 [1938]: 206).

A partir destes recortes, notamos como são vagas e até, de certa forma, incoerentes, as indicações de Freud quanto à função do analista, as quais ganham múltiplas conotações nas abordagens psicanalíticas subsequentes, muitas vezes divergentes, como é o caso das três linhas em questão nesta dissertação. Podemos questionar, por exemplo, de que ego falaria Freud quando reflete em termos de um aliado do analista e a que ego deveriam se dirigir as interpretações. Trata-se do mesmo ego que resiste? Estas imprecisões notáveis no texto de Freud demonstram a complexa situação destinada ao ego e, paralelamente, ao narcisismo na teoria freudiana. Melhor dizendo, isto pode ser apreendido, como já vimos, em relação ao lugar que esta instância ocupa na teoria da segunda tópica, ora como objeto submisso à pulsão (aspecto narcísico) - dimensão que parece se aproximar mais da resistência clinicamente - mais enfatizado por Kohut e Lacan, ora como instância mediadora exercendo uma relativa autonomia - ao qual Freud possivelmente se refira quando fala de ego como aliado do analista - tal como o concebe a psicologia do ego. Parece-nos que a teoria do narcisismo, se por um lado foi precursora do desenvolvimento teórico a respeito da noção de ego como uma instância, por outro, não foi reintegrada nas repercussões ditas técnicas da psicanálise.

Enfim, este trajeto na teoria freudiana torna possível nomear alguns conceitos centrais para pensar o narcisismo e algumas de suas repercussões na clínica da psicanálise, os quais foram levados adiante por diversos psicanalistas inspirados originalmente em Freud, sendo renomeados e redefinidos a partir das inúmeras possibilidades de articulação entre eles.

Capítulo 3 - TRÊS DESTINOS DA TEORIA FREUDIANA DO NARCISISMO

3.1. A teoria da psicologia do ego

A psicologia do ego surge inicialmente na Alemanha, sendo representada principalmente por H. Hartmann, R. Lowenstein e E. Kris. Entretanto, conforme observa Mezan (1988), encontra terreno fértil para se desenvolver no contexto dos EUA, por volta dos anos 40/50, cuja crescente sociedade capitalista industrial era composta em grande parte de imigrantes e filhos de imigrantes, sendo a conquista de êxito econômico e social os valores mais progressivamente exaltados. Assim se formava o caráter típico da sociedade americana como uma sociedade cujo ideal é o "self made man". Dentro deste contexto social mais amplo, esta teoria se encaminha no sentido de colocar o ego⁸ como objeto de estudo central para a psicanálise, ressaltando principalmente a adaptação e o ajuste à realidade como características peculiares a esta instância.

3.1.1. As raízes epistemológicas e os principais conceitos

No âmbito das teorias psicanalíticas posteriores a Freud, o conceito de ego adquire maior relevância no meio psicanalítico com a publicação de *O Ego e seus Mecanismos de Defesa* (1942) de Anna Freud. Nesta vertente, é ressaltada a tripla posição do ego frente ao trabalho analítico: aliado, adversário e objeto de análise. A meta analítica é descrita, então, como restabelecimento da integridade do ego. Este é tomado como próprio objeto da análise, no que diz respeito a seus mecanismos defensivos inconscientes, os quais, através da interpretação, devem-se tornar conscientes, alargando o campo de domínio do ego. Ao ego é atribuída a

função de obter uma permanente paralisação pulsional mediante recursos defensivos apropriados, que assegurem suas fronteiras. A formação reativa é apontada como uma das suas mais importantes formas de defesa.

A concepção de Hartmann difere da visão de Anna Freud, no sentido de que esta diz respeito à concepção do ego como instância eminentemente defensiva. Enquanto Anna Freud concebia o ego como uma instância eminentemente defensiva, Hartmann postula que o ego é, principalmente, uma instância adaptativa. Por exemplo, Anna Freud diz que a função egóica da intelectualização da vida pulsional, ou seja, da interligação dos processos "instintuais"⁸ com o pensamento verbal e a consciência, é uma defesa, adquirida primariamente, sendo bastante necessária ao ego. Porém, a intelectualização não é vista por Hartmann como defesa, mas como característica peculiar desta instância, que demonstra sua orientação para a realidade e capacidade de adaptação e regulação.

Ainda assim, a teoria de Anna Freud exerceu forte influência na constituição da psicologia do ego, já que esta também dá ao ego o valor de objeto de estudo principal. Em sua publicação inaugural, *Psicologia do Ego e os Problemas da Adaptação* (1939), Hartmann propõe fazer da psicanálise uma "teoria geral da vida mental", para que esta pudesse responder, com bases científicas e articulada a outras ciências sociais, aos problemas de adaptação dos indivíduos à sociedade. A partir disso, explica a importância de que a psicanálise desloque seu interesse do id e suas pulsões para as funções do ego, assim como para a personalidade total e seu ajuste à realidade. Alguns dos postulados básicos de Hartmann, tais como ele expõe, são: *a esfera livre de conflito do ego, os aparatos de ego e o conceito de ego autônomo.*

"Nem toda adaptação ao meio ambiente, nem todo processo de aprendizagem ou maturação, é um conflito. Eu me refiro ao desenvolvimento *fora de conflito* da percepção, intenção, compreensão

⁸Lembramos que adotaremos aqui o termo *ego* como tradução do original *ich*, tal como foi feito na tradução da Standard das obras de Freud, assim como nas publicações americanas dos autores da psicologia do ego.

⁹Utilizamos aqui o termo "instintuais", tradução de *instinctuals*, por ser esta a maneira pela qual estes autores (Anna Freud e os teóricos da psicologia do ego) traduzem o conceito de *trieb* do original alemão freudiano. Sem que nos estendermos mais sobre este tópico, observamos apenas que a adoção do termo *instinct* denota uma tendência biologizante na qual se encaixam tais autores, o que também se faz notar através de outros conceitos e idéias trazidas por eles tal como, no caso da psicologia do ego, a noção de adaptação.

objetiva, pensamento, linguagem, fenômenos de memória, produtividade, às bem conhecidas fases do desenvolvimento motor, capacidade de agarrar com as mãos, engatinhar, andar e aos processos de maturação e aprendizagem implícitos em todos esses e muitos outros...Eu proponho que adotemos o termo provisório *área do ego livre de conflitos* para este conjunto de funções que, a qualquer dado momento, exercem seus efeitos fora da região mental de conflitos"(tradução nossa, Hartmann, 1939: 8).¹⁰

Este trecho reúne alguns dos elementos com os quais a psicologia do ego trabalha. O termo "área do ego livre de conflitos" é usado para designar certos desempenhos e funções inatas do ego que, a qualquer dado momento, esforçam-se para exercer seus efeitos fora da região mental de conflitos. É a pressuposição desta área livre de conflitos que dá origem ao conceito de "ego autônomo", central na estruturação desta vertente da teoria psicanalítica. O desenvolvimento do ego autônomo é descrito a partir dos conflitos que ele pôde solucionar com o id, o superego e o mundo externo, de modo que se estabelece no psiquismo uma divisão entre as áreas de conflito e as áreas pacíficas do ego.

Nesse sentido, na concepção da psicologia do ego, o conflito é descrito em termos de um conflito entre as áreas de autonomia do ego e as áreas defensivas, que estão subordinadas às pulsões e estão a serviço da resistência. Nesta abordagem, a afirmativa freudiana clássica "Onde estava o id, ali estará o ego" (Freud, 1932-33: 102) é interpretada em termos de "onde houver ego conflituoso, o ego autônomo deve adquirir controle progressivo" (tradução nossa, Lowenstein, 1971: 20)¹¹. Portanto, nesta visão, a análise visa favorecer uma certa harmonização interna das funções do ego.

Baseando-se na hipótese do ego autônomo, Hartmann trabalha com a distinção entre um ego forte (livre de conflitos), capaz de se situar em um distanciamento das forças regressivas exercidas pelos determinantes do id, neutralizando-as, em contraposição a um ego fraco, que sucumbe a estas mesmas pressões. O modo pelo qual o ego alcança um estado de maior força é

¹⁰ "Not every adaptation to the environment, or every learning and maturation process, is a conflict. I refer to the development *outside of conflict* of perception, intention, object comprehension, thinking, language, recall-phenomena, productivity, to the well-known phases of motor development, grasping, crawling, walking, and to the maturation and learning processes implicit in all these and many others....I propose that we adopt the provisional term *conflict-free ego sphere* for that ensemble functions which at any given time exert their effects outside the region of mental conflicts".

¹¹ "...where there is conflictual ego, the autonomous ego should acquire increased control".

principalmente através de uma neutralização das pulsões sexuais e agressivas. Portanto, a força do ego está diretamente vinculada à sua autonomia, a qual se torna a meta principal na direção de um processo analítico.

"Eu não consideraria completa nenhuma definição de força do ego que não se referisse às estruturas intrasistêmicas, isto é, que não levasse em conta a relativa preponderância de certas funções do ego sobre outras; ou ainda, se as funções do ego autônomo estão ou não sofrendo interferência das funções defensivas, e também a extensão em que energias das várias funções do ego são neutralizadas"(tradução nossa, Hartmann, 1951: 35)¹².

Sendo assim, o postulado do ego autônomo presuppõe que o ego possa operar suas funções através do uso de uma libido dessexualizada. Nesse sentido, para preservar e garantir o estatuto de autonomia dada ao ego, a psicologia do ego trata de redefinir o narcisismo, que passa a ser tomado não como investimento libidinal do ego, mas sim do *self* (cf. Hartmann, 1950: 126). O conceito de *self* de Hartmann (1950) traz em si, como princípio básico, delimitar a oposição entre o investimento libidinal em si próprio (*self*) e o investimento em outras pessoas (objetos). Porém, é importante considerar que este conceito (*self*), é introduzido por Hartmann para marcar uma distinção entre o ego como objeto de investimento amoroso que caracteriza o narcisismo, que passa a ser tratado enquanto o *self*, e o ego como instância descrita por Freud na segunda tópica. Notamos que há uma exigência interna ao arcabouço teórico construído por Hartmann para que se faça tal distinção, na medida em que se trabalha bastante com a noção do ego em seu aspecto conflitante ou não conflitante em relação às duas outras instâncias, o *id* e o superego.

Para construir tal hipótese, Hartmann apóia-se na teoria da segunda tópica freudiana, principalmente na concepção de que o *id* é o reservatório original da libido, sendo o narcisismo do ego secundário. Partindo deste princípio, critica a concepção de que se faça uma equivalência entre narcisismo e investimento libidinal no ego. Hartmann refere-se à dificuldade de situar o conceito de

¹² "No definition of ego strength would I consider complete which does not refer to the intrasystemic structures, that is, which does not take into account the relative preponderance of certain ego functions over others; for instance, whether or not the autonomous ego functions are interfered with by the defensive functions, and also the extent to which the energies the various ego functions use are neutralized".

narcisismo na teoria da segunda tópica de Freud, ressaltando o fato de que torna-se problemática a concepção do investimento libidinal no ego, o qual passa a constituir uma das três instâncias do aparelho psíquico. Lembra, porém, que, quando Freud escreve sobre o narcisismo, em algumas passagens refere-se claramente ao investimento na própria pessoa, no corpo, em si mesmo (*self*). É então que observa a importância de que se faça uma distinção entre os investimentos no ego - os quais se contrapõem a investimentos nas outras instâncias - e os investimentos no *self* - na própria "pessoa" em contraposição aos investimentos objetais. Hartmann adota o termo *self* principalmente para designar a representação da própria pessoa, que, assim como as representações de objeto, pode se situar no ego, no superego ou no id. Quanto à parte do investimento na representação do *self* que localiza-se no ego, é chamada de "investimento egóico narcisista", podendo caracterizar um aspecto regressivo do ego.

Entretanto, ocorre que, na tentativa de isolar o problema do narcisismo através da definição de *self*, os psicólogos do ego não o discutem mais enfaticamente, deixando-o permanecer como um ponto confuso na teoria. Retomemos a definição de ego autônomo. O ego autônomo é aquele que é capaz de neutralizar os investimentos sexuais e agressivos que lhe advêm e que interferem nas suas funções e relações com a realidade. Em algumas passagens, por exemplo, a possibilidade de neutralização destes investimentos é atribuída a um maior investimento libidinal do *self*. Deveria haver, então, uma autonomia egóica, mas não uma autonomia do *self*? Isto não é satisfatoriamente explicado. Trata-se mais de uma simples constatação clínica.

"Eu também quero mencionar, no mínimo, o fato clínico estabelecido de que a capacidade do ego para a neutralização é em parte dependente do grau de um maior investimento pulsional no *self*. O grau de neutralização é outro ponto a ser considerado - além dos já mencionados anteriormente - se nós queremos descrever adequadamente a transição de um estado "narcisista" do ego para o seu posterior funcionamento em sintonia com a realidade." (tradução nossa, Hartmann, 1950: 129)¹³.

¹³ "I also want to mention, at least, the clinically well-established fact that the ego's capacity for neutralization is partly dependent on the degree of a more instinctual cathexis being invested in the self. The degree of neutralization is another point we have to consider - besides those mentioned before - if we are to describe adequately the transition from the "narcissistic" state of the ego to its later reality-sintonic functioning".

O que é patente na linha de pensamento proposta por Hartmann é que o aumento de autonomia do ego se dá através de uma transição de um estado de submissão pulsional do ego - "estado regressivo" que pode coincidir com o excesso de investimento narcísico na representação do self situada no ego, em detrimento do investimento nos objetos da realidade - para um modo de funcionamento em sintonia com os objetos da realidade. Este processo garante, segundo Hartmann, que a energia sexual do Id possa ser direcionada pelo ego para objetos e finalidades adaptadas à realidade. Há uma coerência, portanto, em considerar que mais libido do self pode representar, em sua forma neutralizada, mais energia disponível para o ego. Mas este processo não é descrito mais detalhadamente pelos teóricos desta vertente, permanecendo em suspenso uma compreensão mais aprofundada sobre a forma pela qual o narcisismo se integra ao restante de seu corpo teórico.

Outra questão que pode ser levantada a respeito da autonomia do ego é a seguinte: se a capacidade de neutralização por parte do ego depende do grau de autonomia do mesmo, e, se a própria autonomia ancora-se na possibilidade de utilizar pulsão dessexualizada, o que garantiria, a priori, esta primeira autonomia? A resposta de Hartmann é que há uma autonomia primária do ego. A autonomia primária do ego é representada pelos aparatos biológicos - tais como percepção, inteligência, memória e desenvolvimento motor (cf. Hartmann, 1950: 123). Estas "reservas biológicas" garantem os primeiros contatos da criança com a realidade. Assim como Hartmann propõe que há uma certa quota de autonomia primária do ego, há uma autonomia secundária do ego, que é adquirida ao longo do desenvolvimento, amparada pelos aparatos biológicos. A autonomia secundária diz respeito à resolução de conflitos com o id, o que, por sua vez, permite, cada vez mais, que sejam neutralizadas as pulsões que advêm ao ego. Este será, portanto, o objetivo central do processo analítico, tal como é descrito pelos teóricos da psicologia do ego.

3.1.2. O processo analítico como autonomização do ego

A delimitação conceitual entre ego e self se vincula claramente à proposta de elaborar a hipótese do ego autônomo, a ser alcançado numa análise, que,

logicamente, não poderia coincidir com um ego narcísico. Conforme já foi visto, segundo Hartmann, a autonomia do ego está associada aos graus de neutralização da pulsão que chega ao ego. Tal pressuposto ancora-se na hipótese de que o ego, cuja função básica é distribuir as quotas de investimento libidinal nos objetos da realidade, deve operar com energia dessexualizada (neutralizada).

“A energia agressiva bem como a sexual devem ser neutralizadas, sendo que, em ambos os casos, esta neutralização acontece através de uma mediação por parte do ego (e provavelmente sempre através de suas áreas de autonomia também)” (tradução nossa, Hartmann, 1950: 128)¹⁴.

Portanto, é indiscutível que o postulado do ego autônomo é central nesta vertente teórica, perpassando todas as explicações quanto ao desenvolvimento e funcionamento normais do psiquismo. Naturalmente, este postulado é transposto claramente para a situação clínica. O processo analítico se ancora, basicamente, no princípio do analista como aliado do ego do paciente. Este pacto com o analista é o que garante ao paciente o fortalecimento inicial mínimo de sua área de autonomia egóica no início de uma análise, para que, progressivamente, esta possa ser ampliada. Não é difícil prever que este princípio do pacto com o analista se desdobre na concepção de que análise do paciente se encaminha na direção da identificação com o analista. A identificação com a função do analista enquanto intérprete, o que deve ser levado com o paciente ao final da análise, gera uma ampliação da área de autonomia egóica. Com isto, o paciente pode garantir uma perpetuação da autonomia do ego em relação às forças pulsionais após o término da análise, impedindo-o de ser submetido a elas regressivamente. Por outro lado, isto capacita o ego a ter uma percepção mais adequada da realidade, o que torna mais favorável a possibilidade de que ele possa encontrar nela uma maior satisfação.

“O ego autônomo do paciente, cuja aliança com o analista é essencial para o sucesso do tratamento, o habilita a transpor suas resistências inconscientes. Além disso, é necessário que o paciente tenha memória relativamente intacta, pensamento, percepções, teste de realidade,

¹⁴ “Agressive as well as sexual energie may be neutralized, and in both cases this process of neutralization takes place through mediation of the ego (and probably already through its autonomous forestages too)”.

capacidade de observação de si próprio, e de expressão verbal" (tradução nossa, Lowenstein, 1971: 6)¹⁵.

Desta forma, a idéia central que norteia a concepção clínica da psicologia do ego é a de promover um distanciamento do ego em relação às imposições de satisfação pulsional do Id. Esta idéia baseia-se em uma determinada leitura do que Freud formulou como a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade. À medida em que o paciente expressa verbalmente seus conflitos, recorrendo para isso à sua memória, pensamento e percepções - aparatos do ego - e incorpora as interpretações do analista, vai neutralizando as pulsões que estão em jogo naquela situação. O ego deixa de ficar submetido às forças pulsionais conflitivas e passa a ter controle sobre as mesmas, ampliando a sua área de autonomia.

Dentro desta mesma perspectiva, segundo Lowenstein (1971), a transferência se desenrola no sentido de uma identificação neurótica com a pessoa do analista, ou mesmo de uma ligação erótica ou agressiva com o mesmo - onde predominaria o aspecto regressivo e conflitivo do ego - para uma identificação com a função do analista, que promova um aprendizado de auto-análise para o paciente. Esta identificação é vista como equivalente a identificações muito precoces de relação com os pais na infância, através das quais a criança adquire importantes ganhos em termos de desenvolvimento.

Levando em conta a derivação feita pelos psicanalistas da psicologia do ego, da autonomia do ego como produto de uma identificação, nos arriscaremos aqui a levantar uma hipótese de que o postulado de autonomia do ego de Hartmann, o qual pressupõe uma capacidade de neutralizar ou dessexualizar as pulsões, tem como uma de suas bases de sustentação a teoria da identificação deixada por Freud. Neste raciocínio, o caráter de dessexualização da libido que promove a extensão da autonomia egóica proposta por Hartmann estaria ancorado na hipótese freudiana da dessexualização da libido que se volta para o ego no caso da identificação. Freud afirma que, neste aspecto, a identificação se assemelha à sublimação. Em ambos os processos, a libido objetual se volta para o

¹⁵ "The patient's ego autonomous, whose alliance with the analyst is essential for the success of the treatment, enables him to overcome his unconscious resistances. Indeed, it is necessary that the patient have relatively intact memory, thinking, perceptions, reality testing, capacity for self-observation and for verbal expression."

ego, se dessexualizando, para que depois seja desviada para outros fins¹⁶. Esta hipótese explicaria também a ênfase dada pelos psicólogos do ego na identificação como base para o trabalho analítico.

Ainda do ponto de vista da clínica, Lowenstein (1949) propõe determinadas intervenções de preparação para a interpretação, de forma a alargar a área livre de conflito do ego, diminuindo a intensidade de defesas que este opõe às pulsões ou a seus derivados nos conflitos patogênicos, e facilitando o desenvolvimento da transferência. São elas: explicações sobre como proceder e perguntas que ajudem o paciente a se situar na realidade em que se encontra, principalmente diante de situações de rivalidade e competição. As interpretações propriamente ditas devem versar sobre o complexo de Édipo específico do indivíduo, conectando passado e presente e incluindo a transferência. Devem ser feitas "reconstructions upwards", que transportem material de um nível mais regressivo para outro mais superficial, historicamente e estruturalmente.

Tanto Lowenstein (1949), quanto Kris (1948) e Hartmann (1951), enfatizam que as interpretações devem ser feitas progressivamente, numa determinada hierarquia, acompanhando uma distância ótima entre a superfície e as profundezas. Segundo esses autores, esta noção se apóia na primeira tópica freudiana, ou melhor, no conceito de estratificação. Por outro lado, ressaltam o papel da verbalização na análise enquanto instrumento que serve à integração, à fixação do elemento antecipado inconsciente no préconsciente ou consciente do paciente. O discurso, estando entre a expressão emocional e a ação, meio de acesso a realidades sociais, é visto como pré-requisito essencial para as mudanças dinâmicas que são produzidas pelo tratamento psicanalítico, ou seja, para uma autonomização do ego em favor de uma melhor adaptação do indivíduo à sociedade.

Para concluir, observamos que, no enfoque da psicologia do ego, o narcisismo fica bastante à margem das formulações a respeito da constituição da subjetividade, e, conseqüentemente, da concepção do processo de análise. Definido por oposição aos investimentos objetais, "o narcisismo do self" nos remete

¹⁶Vide capítulo 2.

4280

a um mecanismo de defesa ou de resistência, regido pelos princípios da regressão, impedindo o relacionamento objetal pleno e adaptado às exigências da realidade. Se, por um lado, podemos supor que o conceito de self surgiu para que o postulado do ego autônomo pudesse ser sustentado, por outro, podemos perceber que a necessidade de se supor uma área de autonomia dentro do ego consiste numa forma de definir a "saúde psíquica" apoiando-se, justamente, na saída de um estado narcísico. Uma das prerrogativas para esta afirmação é o fato de que o ego autônomo direciona e controla os investimentos das representações narcísicas do self, tanto quanto das representações dos objetos, que estão, no caso da neurose, sendo investidas de forma inadequada, já que a pulsão está sendo regida pelos mecanismos regressivos. Cabe ao ego, então, dessexualizar estas ligações regressivas das pulsões com os representantes, afim de que os investimentos possam ser feitos de forma adequada aos objetos possíveis da realidade.

É exatamente neste ponto que Kohut e Lacan irão se destacar neste cenário, tomando um rumo bastante diferente de Hartmann no que diz respeito a esta questão, apesar de ambos terem sofrido a sua influência em suas respectivas formações. Como veremos logo a seguir, ambos partem exatamente das questões quanto ao narcisismo deixadas de lado por Hartmann. O narcisismo ganha funções mais específicas e definidas no funcionamento psíquico, assumindo um lugar de destaque também em suas formulações clínicas.

3.2. Heinz Kohut e a psicologia do self

Kohut (1913-1981) era um homem de origem austríaca, com formação inicial em medicina na Universidade de Viena. Pouco depois de ter concluído sua formação, em 1940, Kohut migra para os Estados Unidos devido às perturbações geradas pela segunda guerra na Europa, aderindo ao movimento realizado por muitos psicanalistas europeus nesta época. Desta forma, Kohut realiza todo o restante de seu percurso profissional, que vai desde a residência em neurologia, trabalhando como professor também em psiquiatria, até à formação em psicanálise, já em solo americano - mais especificamente, em Chicago. Em 1963, preside a

Sociedade Psicanalítica de Chicago, e, entre 1965 e 1973 atua como vice-presidente da IPA. É neste período que ele formula sua concepção própria do conceito de narcisismo e publica seus trabalhos iniciais a este respeito.

Fruto da atmosfera predominante na psicanálise dos anos sessenta nos EUA, a obra de Kohut tem sido situada por comentadores principalmente como herdeira da psicologia do ego americana. No entanto, discute-se também a presença concomitante de influências da teoria de Melanie Klein em sua produção. Esta inspiração é bastante provável no que diz respeito à importância concedida aos objetos precoces de investimento libidinal, tendo em vista, de saída, o conceito de *selfobject*, central na elaboração da teoria de Kohut. Entretanto, um ponto que Kohut enfatiza ao longo de toda a sua obra é uma crítica veemente à psicanálise como teoria das pulsões, endossando uma crítica frequentemente feita à teoria de Abraham e de Klein como instintivista e apriorista. Neste aspecto, Kohut vai de encontro à crítica já formulada pela psicologia do ego.

Inaura Carneiro Leão e Aloysio d'Abreu (1995) situam a teoria de Melanie Klein - na qual marcam a importância dada ao instinto de morte, mas também o desenvolvimento da noção de um mundo objetal interno - como intermediária entre a Psicologia do id (do início da Psicanálise) e a Psicologia das Relações Objetais (da qual destacam Balint, Fairbairn, Winnicott e Guntrip). Por outro lado, observam que a própria psicologia do ego já traz implícita uma noção da teoria das relações objetais, apesar desta última ter encontrado poucos adeptos americanos - Sullivan, M. Mahler e O. Kernberg. Porém mostram que, ainda que a psicologia do ego já demonstre uma preocupação com as funções adaptativas do ego ao meio ambiente, o que já pressupõe uma valorização do campo relacional, este será, de fato, privilegiado e expandido na teoria de Kohut. De fato, ao privilegiar o campo relacional e a dimensão da experiência, Kohut se distancia da proposta da psicologia do ego, criticando-a pelo abstracionismo de sua metapsicologia, a qual, segundo ele, impede que o analista possa se aproximar mais daquilo que é experimentado pelo paciente durante um processo analítico, como, por exemplo, o "sentido de continuidade do self (si mesmo)".

No começo de sua atividade como psicanalista, por volta 1950, Kohut encontra-se imerso em pleno "boom" da psicologia do ego nos EUA. Porém, pouco a pouco, se afasta dos postulados básicos desta teoria, até formalizar uma teoria

original conhecida como "psicologia do self". Segundo Norberto Bleichmar (1989), o trabalho que marca o começo de sua divergência com a psicologia do ego, foi apresentado em 1959 e chama-se *Introspecção, Empatia e Psicanálise*. Nesta apresentação, Kohut afirma que a psicanálise difere radicalmente de outras disciplinas científicas, e que esta diferença se expressa no que ele considera serem os dois métodos fundamentais da epistemologia psicanalítica: a introspecção e a empatia. Esta idéia aponta para um corte com a proposta da psicologia do ego, que sempre pretendeu elevar a psicanálise à categoria de uma psicologia geral, equivalente a outras disciplinas do saber científico.

Na visão de Paul Ornstein (1977), importante comentador da obra kohutiana, pode-se demarcar três períodos no desenvolvimento desta. O primeiro período, que vai de 1950 a 1959, é caracterizado pela produção de textos de psicanálise aplicada, além de outros mais esparsos que tratam de questões metapsicológicas e econômicas e suas implicações no método psicanalítico, tais como o famoso artigo *Introspecção, Empatia e Psicanálise - Um Estudo da Relação entre Método de Observação e Teoria*, de 1957 (publicado em 1959). Neste texto, Kohut afirma que somente um fenômeno que puder ser observado pela introspecção, ou pela empatia com a introspecção de outrém, pode ser chamado psicológico. Esta prerrogativa já ilustra a forte preocupação de Kohut de tomar a psicanálise como um saber próximo à *experiência* subjetiva, o que está na base da sua concepção da teoria e da clínica psicanalíticas.

O segundo período, delimitado por Ornstein entre 1960 e 1965, é marcado pela aplicação das considerações metodológicas recentemente estabelecidas a uma variedade de problemas teórico-clínicos, organizacionais e educacionais em psicanálise. Kohut transporta as novas considerações sobre o método psicanalítico baseado na empatia para a área da psicanálise aplicada, destacando-se na análise de algumas biografias, tais como a de Thomas Mann. Uma das vertentes que está presente neste período, mas que também pode ser encontrada em todo o restante da obra, é a questão da criatividade e dos distúrbios que afetam essa capacidade psíquica. Segundo Kohut, a psicanálise deveria se orientar no sentido de encontrar a conexão entre os conflitos e outras constelações psicológicas, bem como a capacidade criativa. Nesta ótica, a capacidade criativa é entendida, por exemplo, como sendo viabilizada pelo próprio narcisismo, sob a

forma de satisfação transformada de necessidades originais básicas, tais a idealização de outrém, que remete, em última instância, a uma menor separação psicológica em relação ao meio ambiente. A criação é vista como resposta ao conflito entre abandonar ou não antigas formas de satisfação nas quais a barreira eu/tu não estava claramente definida. Nesse sentido, Kohut faz alusão a uma possível correspondência entre o processo de inspiração respiratória e o termo "inspiração", utilizado frequentemente para caracterizar estados de maior criatividade (cf. Kohut, 1966: 22). Já neste ponto, pode-se perceber a distinção entre a leitura kohutiana e a compreensão de Hartmann, que associa a capacidade criativa com a ausência de conflitos, ou com o pressuposto de uma área livre de conflitos no ego (cf. Ornstein, 1977: 36).

Os interesses de Kohut no segundo período, assim como a utilização da metodologia desenvolvida no primeiro período, são considerados precursores e possibilitadores de suas idéias sobre o tema do narcisismo, que então, no terceiro período, entre 1966 e 1977¹⁷, desembocam principalmente em dois artigos principais, *Formas e Transformações do Narcisismo* (1966) e *O Tratamento Psicanalítico de Desordens Narcísicas da Personalidade* (1968), e no livro intitulado *A Análise do Self* (1971 b). Meu trabalho se concentrará basicamente nas produções deste terceiro período, bem como em algumas das subseqüentes publicações de Kohut, pelo fato de estarem mais diretamente centrados na questão do narcisismo.

3.2.1. Dos transtornos narcísistas da personalidade às transformações do narcisismo.

Kohut começou a desenvolver suas concepções teóricas sobre o narcisismo a partir da aplicação de seu método "empático-introspectivo" nas análises de alguns de seus pacientes caracterizados como "personalidades narcísicas". Em seu primeiro livro, *A Análise do Self* (1971 b), apresenta detalhadas descrições das transferências que os mesmos estabeleciam com ele,

¹⁷O autor considera o final do terceiro período no ano de 1977, pois que este é o ano que ele escreve o artigo no qual tenta promover esta organização dos trabalhos de Kohut em fases, artigo este que é justamente a

chegando à conclusão de que tais "transtornos do narcisismo" não inviabilizavam a ocorrência da transferência, assim como de outras relações de objeto. As transferências específicas das "personalidades narcísicas" são caracterizadas como "transferências narcísicas", cuja elaboração numa análise veio a servir de base para o estudo de Kohut e para o desenvolvimento dos conceitos clínicos e metapsicológicos fundamentais de sua teoria.

Em *Formas e Transformações do Narcisismo* (1966), Kohut constrói argumentos no sentido de valorizar o narcisismo na constituição e funcionamento psíquico do indivíduo, em detrimento da concepção meramente patologizante que costumava acompanhar o conceito na maioria das produções teóricas da psicanálise. Nesse sentido, propõe uma teoria do narcisismo em que este não constitui apenas um estágio na constituição do psiquismo, mas sim que é um estado que permanece atuante no funcionamento psíquico em progressivas transformações, seja em formas patológicas ou não. Nesta leitura, o narcisismo deixa de ser visto como um "mal necessário" e passa a ser encarado como o próprio combustível da existência, aquilo que impulsiona o sujeito.

Dentro desta perspectiva, Kohut ressalta o papel de certas aquisições do ego, decorrentes de "transformações do narcisismo". São elas: a criatividade do homem, sua capacidade de empatia, sua capacidade de encarar sua própria transitoriedade, seu senso de humor e sua sabedoria. Estas aquisições são apresentadas em sua relação com o narcisismo, todas elas derivadas de transformações sofridas por ele, mas que não deixam de se caracterizar como sendo de uma ordem narcísica. Todas elas estão amparadas na possibilidade de experimentar objetos como parte do self, já que há um investimento objetal, porém o objeto é utilizado para finalidades narcísicas. Vale a pena adiantar aqui que, na teoria kohutiana, a meta analítica é descrita de forma semelhante, não em termos de visar a abolição da posição narcísica do paciente, mas no sentido de uma transformação de seu narcisismo; isto é, de uma redistribuição da libido narcísica do paciente, assim como da integração de estruturas narcísicas primitivas à sua personalidade madura. O self é a instância que representa, por excelência, a

organização narcísica da subjetividade, desde os primórdios até a vida adulta, assumindo formas transformadas ao longo deste caminho.

O conceito de self é herdado da psicologia do ego, já que havia sido definido pela primeira vez por Hartmann. Contudo, Kohut faz muitos acréscimos a esta noção, que se torna um conceito central dentro do seu arcabouço teórico, construído essencialmente através do estudo do narcisismo. Inicialmente, Kohut propõe que o self seja um conteúdo do aparelho psíquico, que faz parte tanto do ego¹⁸ como do id, como do superego. Sua primeira definição do termo apóia-se na definição de Hartmann, que distingue a idéia de self do conceito de ego. Enquanto que o primeiro é a representação de si próprio, investido narcisicamente, o segundo constitui uma das três instâncias da estrutura tripartite da mente.

“O ego, o id e o superego são os componentes na psicanálise de uma abstração específica, de alto nível, isto é, distante da experiência: o aparelho psíquico...O self, entretanto, surge na situação psicanalítica e é conceituado na forma de uma abstração de um nível relativamente baixo, isto é, relativamente próxima à experiência, como um conteúdo do aparelho mental. Embora não seja, dessa forma, uma instância da mente, é uma estrutura dentro da mente, pois: a) está catexizado com energia instintiva e b) tem continuidade no tempo, isto é, é duradouro” (Kohut, 1971 b: 14).

O self assemelha-se, em um momento inicial da obra de Kohut, às representações de objeto. É um conteúdo do aparelho mental, mas não é um dos seus constituintes, podendo tomar parte em cada uma das três instâncias da mente. O self constitui, portanto, o conjunto das representações de si que podem estar contidas no ego, no superego ou no id. À medida que Kohut avança em suas teorizações, o self vai adquirindo maior importância, até se constituir, ao final de sua obra, no “núcleo de nossa personalidade” (cf. Kohut, 1977: 12). Desta forma, Kohut pretendeu, ao longo de sua obra, se aproximar cada vez mais da *experiência* - no caso, a *experiência* de um self (si mesmo) autêntico - se afastando cada vez mais de uma definição do “aparelho psíquico”, segundo ele carregada de um alto nível de abstração.

¹⁸ Aqui também será adotado o termo *ego*, como tradução do original freudiano *ich*, tal como é adotado nas publicações dos autores da psicologia do self.

Kohut trabalha com a definição geral de narcisismo como investimento libidinal do self, mas acrescenta que os limites do self não coincidem com os limites da personalidade. Afirma que o self pode expandir-se além dos limites do indivíduo, ou encolher-se e tornar-se idêntico a uma única de suas ações e objetivos. Portanto, a constituição e a sustentação do self estão em estreita dependência de uma relação atual ou passada do self com um objeto. É assim que, no caso de uma determinada relação atual com um objeto, este pode ser considerado como uma parte constituinte do próprio self; enquanto que algum resíduo de uma relação objetal passada pode ser o responsável por um ideal de vida presente, que transparece através de uma determinada ação ou objetivo fixo que orienta o self na existência.

É então que Kohut chega ao seu postulado fundamental: "A antítese do narcisismo não é a relação objetal, mas o amor objetal" (Kohut, 1966: 9). Não há uma cisão radical entre narcisismo e relação objetal, uma coisa não impede a outra. Nesse sentido, segundo Kohut, o narcisismo é compatível com intensas relações de objeto, havendo apenas variações gradativas no tônus narcísico destas relações até o "amor objetal verdadeiro"¹⁹. Isto é bem explicitado em um seminário dado por ele em 1962:

"Muitas relações de objeto são utilizadas com fins narcísistas. Em volta do bebê e em volta de nós existem objetos que têm para nós suma importância, mas que servem a fins narcísistas. Quando o bebê começa, por exemplo, a adquirir alguma idéia de seu próprio valor, de sua própria coesão, de que ele é alguém, necessita que outras pessoas lhe confirmem essa idéia"(tradução nossa, Kohut, 1962: 47).

A partir do trecho destacado, podemos notar que, na visão de Kohut, não só o narcisismo não é incompatível com as relações de objeto, como, de fato, depende delas. Partindo desta premissa, Kohut faz uma ressalva em relação ao conceito de narcisismo primário, postulado por Freud. Assinala que este conceito não deve ser compreendido no sentido da observação empírica, mas que deve-se tomar como referência o estado psicológico do bebê, de sua experiência. Este vivencia a mãe e suas ações, não como um tu e suas ações, mas segundo o ponto

de vista de um mundo no qual a diferenciação eu-tu ainda não foi estabelecida. Devido a isso, espera ter um controle sobre a mãe e suas ações tal como um adulto esperaria ter de si mesmo. Extrapolando a situação do bebê, Kohut marca, em seguida, que o narcisismo primário permanece sob formas transformadas pela vida afora como resíduo direto da posição original, impregnando todos os aspectos da personalidade com o tônus narcísico básico. Esta hipótese implica em uma suposição de que há um desenvolvimento paralelo da libido narcísica e da libido objetal, ou seja, de que não há uma progressão linear da primeira para a segunda. Ambos os caminhos se superpõem, o que pode ser observado em alguns momentos típicos do desenvolvimento.

A partir da análise relativa às "transformações do narcisismo", Kohut postula um desenvolvimento do narcisismo. Elabora, então, um percurso para a libido narcísica desde o narcisismo primário, que se desloca do plano do "self narcísico" para o da "imago parental idealizada", até chegar a uma "organização psicológica madura"(cf. Kohut, 1966: 10). Estas categorias são utilizadas no sentido de representar as diversas formas em que o narcisismo primário se transforma ao longo do desenvolvimento, dando origem a diversas modalidades de relações com os objetos e sendo, pouco a pouco, incorporado à estrutura da personalidade madura.

O primeiro polo de transformação do narcisismo primário é o "self narcísico". O investimento do self narcísico não implica em nenhum movimento em direção a um objeto, fica retido dentro do âmbito do self. É uma estrutura que não possui qualidades objetais. Kohut explica sua função como estando intimamente entrelaçado com as pulsões e suas tensões inexoráveis. O self narcísico é frequentemente articulado por Kohut à dimensão das nossas ambições e desejos, enquanto que a imago parental idealizada (que corresponderia ao ideal do ego) está predominantemente relacionada ao controle dos mesmos e à sua regulação mediante os nossos ideais.

"... o ego experimenta a influência do ideal do ego como vinda de cima, e a do self narcísico como vinda de baixo...o homem é conduzido por seus

¹⁹A categoria de "amor objetal verdadeiro" é utilizada por Kohut em inúmeras passagens de seus escritos, geralmente no contexto de evocar uma modalidade de relação com o objeto destituída de sua finalidade narcísica original. Este ponto será explicado e discutido mais adiante.

ideais e empurrado por suas ambições. E, diferentemente da imago parental idealizada, que é reverenciada, admirada, procurada e imitada, o self narcísico quer ser olhado e admirado" (Kohut, 1966: 14).

Além de correlacionar o self narcísico com o fenômeno do exibicionismo, como faz na citação acima, Kohut propõe que há uma ligação direta entre o próprio self narcísico e as pulsões - ambições - postulando a dimensão narcísica das mesmas. É assim que o narcisismo tende a ocupar, na teoria kohutiana, o lugar central que era ocupado pela própria pulsão na psicanálise freudiana, sendo a preservação do self o princípio básico que norteia o funcionamento do psiquismo. Melhor dizendo, o self narcísico é a expressão de uma ênfase posta mais na finalidade da pulsão (no próprio self, como realizador) do que em seu objeto. O objeto seria importante apenas enquanto convidado a participar do prazer narcísico da criança e assim confirmá-lo.

Neste sentido, há uma fantasia de grandiosidade, expressa inicialmente através do exibicionismo, a qual tem uma posição na estrutura da personalidade, exercendo uma determinada função. Enquanto os impulsos narcísico-exibicionistas são considerados como o aspecto pulsional predominante do self narcísico, a fantasia grandiosa é o seu conteúdo ideacional. À medida em que estes conteúdos ideacionais vão sendo cristalizados, toma-se possível o desenvolvimento do segundo polo de transformação do narcisismo primário: a imago parental idealizada.

O investimento da "imago parental idealizada" diz respeito a um movimento que já aponta em direção a algum investimento objetal, sendo expresso através do fenômeno da idealização. É considerado um amálgama de investimentos narcísicos com aspectos do "amor objetal verdadeiro". Portanto, o aparecimento de uma libido idealizadora, segundo Kohut, já constitui um passo no sentido do desenvolvimento da libido narcísica, se diferenciando em relação ao narcisismo original mas que ainda não se enquadra na categoria do que ele vem a chamar de "amor objetal verdadeiro".

Com isso, fica marcada a articulação entre imago parental idealizada e ideais por um lado, e self narcísico e ambições por outro. Os ideais são capazes de absorver grandes quantidades de libido narcísica transformada, reduzindo as tensões narcísicas e a vulnerabilidade narcísica do self. Entretanto, não

necessariamente toda a quota de libido do polo do self narcísico é transportada para o polo dos ideais. Nossas ambições podem, segundo Kohut, tornar-se idealmente contidas e encontrar satisfação à medida em que possam se fundir com a estrutura dos objetivos do ego e adquirir autonomia.

Veremos agora como estes componentes tomam parte na constituição do self, sendo incorporados à estrutura da personalidade madura. Na concepção kohutiana, isto ocorre quando o psiquismo sofre uma "frustração ótima" (cf. Kohut, 1981 a: 158). O conceito de frustração ótima, definido a partir do modelo da relação da criança com seus primeiros objetos, é entendido como uma frustração da gratificação proveniente destes objetos, que até então vinham respondendo empaticamente a suas necessidades. Neste momento, há uma internalização do investimento - processo denominado por ele como "internalização transmutadora"; o que resulta na formação de uma estrutura no aparelho psíquico que assume as funções anteriormente realizadas pelo objeto.

Partindo deste raciocínio, Kohut afirma que as perdas graduais da imago parental idealizada no período pré-edípico contribuem para um acréscimo da estrutura reguladora de pulsões até a formação do superego, que é resultante de uma perda maciça da mesma durante o período edípico²⁰. Cada falha detectada nos pais idealizados é preservada internamente como qualidade através da formação de uma estrutura psíquica. Nesse sentido, segundo Kohut, o fato do narcisismo original ter passado por um objeto amado, idealizado, antes de ser reinternalizado, é fundamental para a constituição de nossos padrões, valores e ideais, que são partes do superego (cf. Kohut, 1966:12).

Desta forma, a idealização ocupa um lugar de importância privilegiada para Kohut, o que, como veremos adiante, tem repercussões fundamentais para a sua teoria da clínica. Vale ainda marcar que este é um dos pontos de maior controvérsia na discussão entre as propostas clínicas de Kohut e de Lacan. Como veremos, a teoria lacaniana, apesar de também dar bastante rentabilidade ao tema da idealização como processo derivado do narcisismo, apresenta uma proposta

²⁰ Cabe aqui acrescentar, para efeito de uma visão mais geral da teoria, que o complexo de Édipo é submetido inteiramente à consolidação de um self coeso, firme e contínuo resultante de relações empáticas com as figuras parentais da etapa narcísica. Consequentemente, a Psicologia do Self vê a entrada no édipo, em si mesma - acompanhada dos típicos sentimentos afetuosos pelo genitor do sexo oposto e competitivos em relação ao

clínica muito diversa da concepção de Kohut quanto ao lugar ocupado por este processo, bem como pelas instâncias ideais na dinâmica psíquica. Continuemos, então, a apresentar as vicissitudes da idealização, agora para a consolidação do self nuclear, no entender de Kohut.

3.2.2. O self nuclear

À medida em que enfatiza cada vez mais a importância do narcisismo no funcionamento do psiquismo, Kohut amplia também a aplicação da noção de self, extrapolando o campo das inicialmente chamadas "personalidades narcísicas", como já vimos, e postulando o conceito de "self nuclear". Em um artigo do início da década de de 1970, intitulado *Sobre a coragem*, Kohut trabalha bastante esta noção, no intuito de teorizar sobre o comportamento de coragem e persistência de grandes líderes e alguns personagens históricos. O que ele postula é que essas pessoas são compelidas a avançar incessantemente numa determinada estrada, mesmo que isso signifique a sua morte, porque tem de modelar o padrão de sua vida - seus pensamentos, atos e atitudes - de acordo com o projeto de seu self nuclear.

"Trata-se daquele contínuo no tempo, daquela configuração coesiva em profundidade que vivenciamos como sendo o eu de nossas percepções, pensamentos e ações" (Kohut, s/d, 1988: 32)

Kohut pontua, no entanto, que não se trata de postular um self isolado como agente central da psique, ignorando a importância do inconsciente, com o intuito de se fazer uma teoria simples e elegante da mente, fazendo menção implícita ao conceito de ego autônomo de Hartmann. Define, portanto, o self como um axioma, uma abstração necessária que deriva da experiência clínica. Adotando esta abordagem, reconhece a existência simultânea de selfs diferentes e até mesmo contraditórios numa mesma pessoa, com variados graus de estabilidade e diversos graus de importância. Entre esses selfs, porém, há um que é mais central, sendo vivenciado pelo indivíduo como básico e sendo muito

genitor do mesmo sexo; como um aspecto positivo do desenvolvimento do sujeito, sendo muitas vezes somente alcançado no interior de um processo analítico.

resistente à mudança: o self nuclear. Este é composto de dois polos, derivados do self grandioso e da imago parental idealizada. Sua definição é bastante abrangente:

“O self nuclear é, assim, aquele setor inconsciente, pré-consciente, e consciente, no id, no ego e no superego que contém não apenas os valores ideais mais duradouros do indivíduo, mas também seus objetivos, propósitos e ambições mais profundamente assentados” (Kohut, s/d, 1988: 33).

Há portanto uma dupla composição do self nuclear, que conjuga elementos do self grandioso e da imago parental idealizada. Esta concepção é novamente enfocada por Kohut em *A Restauração do Self* (1977). Neste livro Kohut retoma a noção de “self nuclear”, designando o sentimento de coesão e continuidade ao longo do tempo experimentados por uma pessoa, à qual integra a sua teoria do “self bipolar” - composto de dois componentes que se relacionam entre si. Fazendo uma alusão ao gradiente de tensão que existe entre dois pólos elétricos carregados de maneira diferente(+, -), que determinam a formação de um arco elétrico, no qual a eletricidade flui do mais alto para o mais baixo, afirma que isto também se dá com o self. Esta metáfora pretende ilustrar uma condição promotora de ação que surge entre as ambições de uma pessoa e seus ideais.

“Com o termo ‘arco de tensão’ estou me referindo ao fluxo permanente de atividade psicológica real que se estabelece entre os dois pólos do self, isto é, as buscas básicas de uma pessoa para as quais ela é impulsionada por suas ambições e dirigida por seus ideais” (Kohut, 1977: 144).

Desta forma, o sentimento de continuidade do self nuclear dependerá intimamente da relação que se estabelece entre os dois pólos que o compõem: o polo do self narcísico ou grandioso e o polo da imago parental idealizada. Contudo, o sentimento de continuidade do self, na ótica de Kohut, não depende exclusivamente do conteúdo de seus componentes isolados, nem das atividades que são realizadas como resultado de sua pressão e orientação respectivas, mas também do relacionamento específico duradouro que estes pólos mantêm um com o outro. Os dois pólos do self, que constituem os rudimentos do self nuclear, são estabelecidos por processos de inclusão e exclusão seletivas de estruturas

psicológicas constituídas nas relações com os primeiros objetos amorosos. Neste ponto de vista, um mecanismo compensatório importante no modo como a formação do self, se assim for, se dá, em condições desfavoráveis, é um distúrbio no desenvolvimento de um dos componentes do self nuclear mediante o desenvolvimento especialmente vigoroso do outro. Isto pode ser também expresso em termos de que se a mãe falhou em estabelecer um self nuclear firmemente coeso na criança (pólo do self grandioso), o pai ainda pode ter êxito nesta tarefa na segunda etapa deste processo (*imagem parental idealizada*). É assim que Kohut explica que uma criança que não teve uma mãe que lhe desse o suporte necessário para o seu exibicionismo, pode encontrar em seu voyeurismo um meio de garantir uma forma e estrutura duradouras.

3.2.3. O conceito de selfobjeto e a questão do “amor objetal verdadeiro”

No livro *A Análise do Self* (1971 b), Kohut apresenta diversas modalidades de “transferências narcísicas”, chegando à formulação de um conceito fundamental em sua obra: o conceito de *selfobject*, traduzido para o português como objeto self ou selfobjeto. Os selfobjetos são definidos como objetos que estão a serviço do self e da preservação de seu caráter narcísico, sendo vividos como parte do self. Remetendo-se a sua própria definição de narcisismo primário, tal como já foi apresentada aqui anteriormente, Kohut observa que o controle que se espera ter sobre os selfobjetos é mais próximo ao controle que um adulto espera ter sobre seu próprio corpo do que ao conceito do controle que o mesmo tem sobre os outros. Além disso, Kohut acrescenta que os selfobjetos são objetos externos, encarnados inicialmente nas figuras parentais, e posteriormente encontrados em outras relações dos indivíduos narcisicamente abalados. As formulações sobre o conceito de selfobjeto nos interessam bastante neste estudo, já que remetem diretamente a problemáticas da clínica que incitaram toda a produção teórica kohutiana acerca do narcisismo. Por outro lado, este é um conceito bastante valioso para a discussão a respeito das semelhanças e divergências entre a teoria de Kohut e a de Lacan, no que diz respeito ao narcisismo. No que diz respeito ao conceito de selfobjeto, precisamente, podemos encontrar determinadas

constatações de Kohut que se aproximam bastante da concepção lacaniana do "outro", imagem especular do próprio eu.

Em *A Restauração do Self* (1977), Kohut apresenta uma hipótese sobre a função desempenhada pelos selfobjetos para a constituição e o funcionamento do self nuclear. Desta forma, são generalizados os pressupostos em relação ao conceito de selfobjeto, que deixa de ficar restrito exclusivamente às situações patológicas das "personalidades narcísicas", passando a ter importância fundamental para a descrição do processo de estruturação do psiquismo desde a infância. A definição do processo de constituição do self nuclear a partir das relações com selfobjetos é inferida a partir do que é considerado por Kohut como uma análise bem sucedida. Na perspectiva dele, pode-se dizer que uma análise foi bem sucedida quando se estabelece um self firme e coesivo, resultante da internalização de determinadas funções selfobjetais - dos selfobjetos parentais da infância; do analista na transferência selfobjetal durante a análise - através da "internalização transmutadora". Este self será, então, um centro auto-gerador de iniciativa (ambições) e de direção interior (ideais). Porém, acrescenta que, em toda pessoa, sempre ao longo da vida, permanece uma necessidade de selfobjetos, sendo que o que caracteriza o estabelecimento ou não de uma patologia são os graus diferenciados em que esta demanda se dá. Para Kohut, de fato, uma característica de um self saudável é que não seja forçado a prosseguir sozinho a qualquer preço, mas que possa, em emergências, recorrer ao apoio de selfobjetos.

Todavia, há várias passagens em que Kohut discorre sobre o conceito de selfobjeto sendo estabelecida uma distinção entre objetos que são vivenciados como parte do self - selfobjetos - e objetos que são vivenciados como centros independentes de iniciativa - "objetos verdadeiros". Isto nos leva de volta à complicada questão do "amor objetal verdadeiro", já anunciada anteriormente. Uma definição possível para este amor é a de que este diz respeito àqueles objetos amados e odiados por uma psiquê que aceite suas respostas e motivações independentes como outros, numa atmosfera de mutualidade (cf. Kohut, 1979 a: 302).

Entretanto, ainda assim, esta noção de "amor objetal verdadeiro", assim como a própria definição de um "objeto verdadeiro" em contraposição a um selfobjeto, fica bastante vaga na obra de Kohut, apesar de ser por ele esboçada

em vários momentos de sua trajetória. Nesse sentido, não está explícito até que ponto Kohut rompe com a noção de um relacionamento objetal pleno, com a crença nos "objetos da realidade" em oposição a "objetos narcísicos" ou "objetos da fantasia", idéia presente na psicologia do ego, apesar de que, de certa forma, ele se posicione contrariamente aos princípios desta teoria. Para tentar esclarecer melhor esta questão, recorreremos a uma discussão sobre a noção de normalidade, onde ele declara:

"Para nós existe um trânsito desde o narcisismo arcaico ao maduro, paralelo e entrelaçado ao trânsito do amor arcaico ao amor de objeto maduro; não acreditamos que ninguém renuncie ao amor de si mesmo e o substitua pelo amor aos demais" (tradução nossa, Kohut, 1981 a: 302).

Como podemos verificar no trecho acima, Kohut mantém até o final da sua obra a idéia de um "amor maduro", afirmando apenas que este não exclui investimentos no self e em selfobjetos. Mas Kohut não avança além disso. Ousamos pensar, portanto, que o "amor de objeto maduro" mencionado logo acima diz respeito a uma determinada "transformação" de um modelo arcaico de relação selfobjetal. De fato, como veremos no tópico seguinte, alguns seguidores atuais de Kohut adotam preferencialmente o ponto de vista de que existem gradações no plano das relações selfobjetais, que vão de uma maior dependência de reassseguramento narcísico até um grau de liberdade maior em relação aos objetos. Porém, ainda assim, a categoria de "amor objetal verdadeiro" ou "amor de objeto maduro" permanece muito vagamente esclarecida no interior da teoria kohutiana, dando margem a que se possa fazer outras interpretações a respeito dela, ou mesmo a que se questione o porquê de sua presença insistente ao longo de toda a obra de Kohut.

3.2.4. As contribuições clínicas de Kohut

As contribuições clínicas de Kohut centram-se, basicamente, em suas observações a respeito da transferência. As persistentes demandas narcisistas do paciente - dentro e fora do setting analítico - são vistas, não como meras resistências, mas como tentativas de avanço para a maturidade, como empenho do self na busca de selfobjetos empáticos que lhe permitam completar o seu desenvolvimento frustrado. Nesta ótica, a transferência com o analista enquanto selfobjeto proporciona uma matriz sustentadora para futuras internalizações transmutadoras, que, por sua vez, possibilitam o abandono gradual por parte do self de modalidades de contato na esfera narcisista e promovem ligações mais maduras de "ressonância empática" com selfobjetos que podem faltar e ser escolhidos com maior liberdade. Há, portanto, um movimento que vai desde as fusões arcaicas com "selfobjetos arcaicos" para o estabelecimento de laços de ressonância empática com "selfobjetos maduros". A própria definição de cura consiste, na ótica de Kohut, na aquisição gradual de contato empático com selfobjetos maduros, o que será alcançado na análise através da experiência da transferência com o analista (cf. Kohut, 1981 a: 106).

Convém, entretanto, esclarecer melhor o ponto de vista de Kohut sobre a questão das resistências, já que este é um aspecto de sua teoria frequentemente criticado por alguns psicanalistas. Em primeiro lugar, as transferências narcísicas não são vistas por Kohut como resistências, mas como tentativas de garantir algum asseguramento à fragil organização do self de alguns pacientes. Em segundo lugar, no entender de Kohut, o termo resistência pode dar uma conotação de antagonismo para a relação do analista com seu paciente. Desta forma, adota a expressão "capacidade de defesa". Neste contexto, mesmo a agressividade é vista como uma reação a uma falha empática de um selfobjeto, que se dissipa espontaneamente com o fortalecimento do self. Podemos notar aqui um ponto de vista nodal para a análise comparativa entre os conceitos kohutianos e lacanianos, que talvez seja exatamente o que irá nortear as distintas posturas do analista adotadas por ambos na relação com o paciente.

Levando em conta esta hipótese, adentremos um pouco mais na fundamentação teórica de Kohut a respeito da agressividade. O artigo escrito por

ele em 1971 a, *Reflexões acerca do Narcisismo e da Fúria Narcísica*, procura dar conta desta questão. Kohut define como "fúria narcísica" a resposta que um indivíduo narcisicamente vulnerável dá em função de uma ferida narcísica real ou antecipada. A "fúria narcísica" é o que leva um indivíduo a infligir ativamente (muitas vezes antecipadamente) aos outros as feridas narcísicas que ele próprio mais teme sofrer. Isto se baseia numa idéia de que o indivíduo que possui uma patologia narcísica experimenta as contrariedades como feridas narcísicas, já que não reconhece seu opositor como um centro de iniciativa independente com o qual casualmente entra em contradição. O que explica estes estados emocionais, na visão de Kohut, é a "insistência intransigente na perfeição do selfobjeto idealizado e na inexistência de limites ao poder e ao saber de um self grandioso, que deve continuar sendo o equivalente do *prazer puro*". Avançando neste raciocínio, Kohut coloca que os indivíduos mais suscetíveis às experiências de vergonha e de fúria narcísica são aqueles para os quais é indispensável um sentimento de controle absoluto sobre o ambiente, porque a conservação de sua auto-estima, e de fato a coesão do próprio self, depende da disponibilidade incondicional de um selfobjeto especular que a aprove e confirme, ou de um selfobjeto idealizado que permita a fusão.

Notamos, portanto, que, assim como Lacan, Kohut se dá conta da existência de que há uma vizinhança muito próxima entre as relações narcísicas de objeto - ponto muito desenvolvido por ambos, marcando uma distinção clara em relação à psicologia do ego - e a agressividade. No entanto, em Kohut, a agressividade é secundária, reativa a uma ameaça ao narcisismo, enquanto que, em Lacan, como veremos, a agressividade pode ser vista como primária, ou pelo menos como algo inerente ao processo de estruturação psíquica via narcisismo. Possivelmente, este fator de discórdia é um importante divisor de águas na concepção clínica construída por ambos. Guardaremos esta hipótese para ser desenvolvida no último capítulo e avançaremos agora nas contribuições clínicas próprias de Kohut.

Em 1979, quando escreve um artigo intitulado *Quatro conceitos básicos na psicologia do self* - são eles: self, selfobjeto, fragmentação e transferência selfobjetal - Kohut declara que a descoberta da transferência selfobjetal constitui a

base de todo o seu trabalho sobre o self e o narcisismo. As transferências selfobjetais ou transferências narcísicas se subdividem em três tipos:

- **Transferência Especular:** surge da reativação do self grandioso, quando as fantasias exibicionistas e grandiosas são revividas na situação analítica. São interpretadas como necessidade de alguém que reflita o exibicionismo próprio e o devolva para que o self adquira solidez. O analista atua, neste caso, como um espelho que reflete a imagem do paciente, oferecendo-lhe continuidade temporal e, portanto coesão.

- **Transferência Idealizadora:** surge da reativação da relação com um selfobjeto idealizado. Atualiza uma necessidade de fusão com uma fonte ideal de força e tranquilidade, caracterizando-se por uma tentativa de impedimento de que a fusão sofra qualquer interrupção. O analista deve, então se colocar como um selfobjeto empático, que permite que a idealização ocorra, para que, pouco a pouco, as falhas que naturalmente acontecem por parte de qualquer analista, produzam uma frustração ótima que levará à quebra da idealização e à conseqüente internalização transmutadora, que, por sua vez, também dá coesão ao self. Aqui Kohut alerta para o fato de que, se a quebra desta idealização ocorre de modo abrupto (morte ou fracasso do objeto idealizado), o paciente introjetará o objeto idealizado perdido subitamente, o qual será recalçado, tornando-se inacessível a influências modificadoras, e funcionará para o self como um superego arcaico, rígido e punitivo.

- **Transferência gemelar.** Esta consiste na reativação de um vínculo com um selfobjeto, vivido como seu gêmeo, isto é, um ser com quem compartilha ideais, ambições e metas. Esta categoria, a princípio, foi considerada por Kohut como uma forma de transferência especular. Somente em 1981, em seu último livro, ele a coloca como um outro tipo de transferência caracterizada principalmente pela intolerância, por parte do paciente, a qualquer interpretação que revele que seu analista não pensa nem sente como ele.

Uma maneira de abordar o tema da transferência na teoria de Kohut é a concepção de que há uma evolução da transferência no processo analítico em termos da relação selfobjetal, o que é bastante estudado por alguns seguidores atuais da doutrina de Kohut. Howard Bacal (1994) enfoca bastante este tópico, valorizando a relação selfobjetal como algo a mais que um puro *background* que o

paciente traria para a análise. Enfatiza a relação selfobjetal como uma experiência dinâmica contínua que se reproduz na relação do analisando com o analista, sendo fundamental para o andamento do processo. Formula que, durante uma análise, o paciente desenvolve um "senso de autorização" do analista enquanto selfobjeto, tendo o analista participação neste desenvolvimento através de uma receptividade ótima para a relação selfobjetal que o paciente traz para a transferência. Este senso de autorização se associa, portanto, com o amadurecimento das relações selfobjetais e acarreta uma diminuição da urgência e ansiedade vinculadas à necessidade da presença do selfobjeto o tempo todo. Simultaneamente, à medida em que o paciente tem confiança de que pode contar com um outro como selfobjeto, também se torna mais preparado para responder reciprocamente às necessidades selfobjetais de outros. Nesse sentido, ao se oferecer como selfobjeto para o paciente, o analista já deve ter elaborado suas próprias necessidades selfobjetais, que inevitavelmente surgem na relação com o paciente, para evitar que estas constituam um obstáculo à sua receptividade empática ótima.

Em suma, a atuação do analista se orienta no sentido de sustentar a transferência, compreender empaticamente a situação do paciente e dar interpretações sobre isso. Em seu último livro *Como Cura a Análise?* (1981 a), Kohut define a empatia como a capacidade de penetrar com o pensamento e o sentimento na vida interior de outra pessoa. Fala em dois passos básicos, interdependentes, que, em seu conjunto, constituem a essência do ato terapêutico do analista. São eles: a compreensão e a explicação. A compreensão seria o correspondente operacional da empatia. Diz respeito ao modo como o analista se posiciona na transferência, aquilo que é transmitido para o paciente para além do nível das palavras, podendo estar presente, segundo Kohut, mesmo em casos de interpretações de conteúdo errôneo. É ela que garante que a frustração se dê como frustração ótima, já que, nesta situação, o analista compreende o que sente o paciente e reconhece que sua inquietude seja legítima, restabelecendo o laço de empatia entre o self e o selfobjeto e levando a modificações estruturais - internalizações transmutadoras que geram modificações no self. A explicação equivale às interpretações propriamente ditas. Completa a eficácia da primeira fase, aumentando quantitativamente o efeito da primeira e estendendo seu resultado ao longo do tempo.

É interessante a observação de Kohut de que a própria interpretação é uma frustração ótima. É uma frustração porque, apesar do analista compreender os sentimentos e inquietudes do paciente, não age em favor deles, seja na transferência ou efetivamente na vida dele. Através da compreensão mais ou menos exata do analista em relação ao que é experimentado pelo paciente, é reestabelecido um laço empático que substitui a satisfação efetiva de sua necessidade. Neste mesmo raciocínio, a internalização transmutadora está para a frustração ótima assim como identificações grosseiras adquiridas ao longo da vida estão em correspondência com frustrações vividas de forma traumática.

O conceito de internalização transmutadora situa-se, então, como um conceito central no processo analítico descrito por Kohut, contribuindo na elaboração das transferências selfobjetais. Inaura Carneiro Leão e Paulo Roberto Sauberman (1985) dão contribuições esclarecedoras a este respeito. Afirmam que é através da internalização transmutadora que o indivíduo assume as funções previamente realizadas pelos selfobjetos, sendo que, na situação analítica, isto é viabilizado por uma posição empática do analista, não crítica diante de suas vulnerabilidades e fraquezas. As transferências selfobjetais devem se desenvolver espontaneamente para que sejam elaboradas. As estruturas mobilizadas são transformadas e, gradualmente, reinternalizadas, sob forma de minúsculos processos de internalização transmutadora, dando origem à aquisição de numerosos atributos sócio-culturalmente valorizados, tais como empatia, humor, criatividade e sabedoria. Por exemplo, na área da transferência idealizadora, Kohut acredita que os resultados terapêuticos são alcançados através da integração funcional desta configuração narcísica no ego e no superego, tornando-se parte da estrutura controladora e canalizadora das pulsões. Quanto à área do self grandioso, remobilizado nas transferências especulares, há a integração funcional gradual dos dois aspectos desta configuração narcísica: a grandiosidade e a libido arcaica exibicionista.

Mas Kohut adverte que, em algumas situações, este processo não se dá dessa forma diminuta nem transmutadora. Podem ocorrer identificações grosseiras com o analista - seu comportamento, atitudes, gostos; maciças e não assimiladas. Isto geralmente ocorre no início do tratamento (como prenúncio de internalizações transmutadoras de pequena escala, construtoras de estruturas) ou durante a fase

terminal, sob o impacto quase traumático da tarefa de renúncia final ao objeto transferencial narcísico. Geralmente, observa Kohut, pode-se notar mudanças nos padrões de identificação ao longo da análise, as quais passam de grosseiras e indiscriminadas a identificações seletivas e compatíveis com a personalidade do analisando.

Enfim, é notável a extrema importância e o recorrente destaque dado ao conceito de empatia na obra de Kohut, já que este conceito está na base da compreensão do trabalho do analista na transferência. No entanto, em seu último livro - *Como Cura a Análise?* (1981 a), Kohut alerta ironicamente para o fato de que ao falar em compreensão não está falando de "cura através do amor" nem de "cura pela bondade". Talvez Kohut tenha novamente apontado para isso ao ter-se mostrado tão preocupado em esclarecer melhor seu trabalho clínico - preocupando-se com algumas deturpações de sua teoria da empatia - em sua última conferência antes da morte, que intitulou-se *Sobre a empatia* (1981 b). Nesta ocasião, Kohut insiste que a empatia não deveria ser confundida com intuição ou com simpatia, com doçura ou com delicadeza, mas que consistia numa postura técnica, capaz de ser treinada e aprendida. Fica aqui a questão quanto aos impasses na transmissão de uma teoria em psicanálise, já que sabemos que de fato uma *transmissão transmutadora*, parodiando Kohut, só se dá em um certo *setting*, no qual aquilo que é buscado na teoria por cada analista é transformado e assimilado singularmente como uma prática particular.

3.2.5. Algumas divergências entre Kohut e a psicologia do ego

Apresentaremos agora algumas divergências entre a teoria de Kohut e a psicologia do ego, a qual, sem dúvida alguma, serviu de matriz para a psicologia do self. Isto nos ajudará a situar, no próximo capítulo, as teorias de Lacan e Kohut em uma posição de relativa equivalência em contraposição aos postulados de Hartmann.

Apesar de termos apontado durante toda a apresentação da teoria de Kohut, tentaremos agora sistematizar melhor algumas das distinções que este estabelece em relação aos princípios da psicologia do ego. Recapitulando as considerações feitas anteriormente a respeito destas distinções, podemos notar

que todas elas se articulam. Desde a discussão quanto ao "método empático-introspectivo", como também quanto à influência do narcisismo nos processos criativos e artísticos, já podemos perceber, de forma implícita mas não exatamente nomeada, a presença de um pressuposto fundamental derivado dos seus estudos sobre o narcisismo, que foi desenvolvido posteriormente em sua teoria: a importância do narcisismo para a instauração das relações com os objetos e para que se dê a inscrição no self dos ideais que irão norteá-lo em sua relação com seu meio ambiente. É justamente neste ponto que Kohut irá avançar em relação à concepção de self definida por Hartmann, marcando insistentemente ao longo de sua obra seu caráter de relação permanente com os selfobjetos, que inevitavelmente, fazem parte de sua própria constituição.

Em seu último livro, ao tocar no tema do que é considerado como cura na psicologia do self, Kohut (1981 a) volta a examinar as distinções entre a sua teoria e psicologia do ego. Esclarece que o estabelecimento de relações de ressonância empática com os selfobjetos usualmente é acompanhado por uma expansão da consciência e do domínio do ego, pelo predomínio dos processos secundários - em particular do pensamento verbal e das verbalizações - sobre os processos primários, assim como por um crescente sentimento de segurança e autonomia. Porém enfatiza que tais modificações apenas são decorrentes das modificações mais amplas na esfera do self tais como foram descritas, mas não constituem de modo algum a essência da cura. Nem tampouco estas modificações são sustentadas a partir de nenhuma dessexualização ou desnarcização da libido. Pelo contrário, para Kohut, a definição de cura diz respeito precisamente a uma modificação no modo de relação com os selfobjetos, resultante de modificações no seu padrão anterior ao longo da análise, à medida em que são internalizadas as funções selfobjetais. Além disso, a cura para Kohut não parece implicar o abandono definitivo de selfobjetos em prol de relações com os objetos da realidade (genitais)²¹, que teriam um ego autônomo como mediador, tal como pregava Hartmann.

²¹Fazemos uma ressalva aqui a respeito da noção de "amor objetal verdadeiro", que pode nos remeter à concepção de Hartmann de "amor adaptado aos objetos da realidade". Porém, como foi dito anteriormente, esta categoria não foi muito explorada por Kohut, o que nos impede de ter uma compreensão mais apurada sobre a mesma.

Para finalizar, questionamos ainda qual seria a diferença entre os processos identificatórios que fazem parte da análise kohutiana, tal como apresentamos no tópico anterior, e a identificação ao analista enquanto função, tal como foi proposto pela psicologia do ego. A diferença talvez resida no fato de que, no caso da teoria kohutiana, trata-se de internalizar uma função selfobjetal, o que dá coesão ao narcisismo, permitindo que o indivíduo experimente as pulsões de forma mais integrada numa dinâmica que pode oscilar entre os polos do self grandioso e da idealização. Já no caso da psicologia do ego, trata-se de uma identificação que deve levar a uma autonomia egóica em relação às pulsões que permite um melhor controle dos investimentos do id nos objetos da realidade, não havendo nenhuma menção a uma articulação entre o próprio investimento narcísico do self e os investimentos objetais. O maior ou menor investimento narcísico do self, consolidado ao longo do desenvolvimento, influencia apenas na maior ou menor capacidade do ego para neutralizar as pulsões que chegam até lá, gerando, por sua vez, um direcionamento mais ou menos adaptado dos investimentos do id na realidade. Portanto, o ego se identifica com o analista para fortalecer a sua capacidade de neutralização das pulsões que lhe advém, controlando-as da forma que o indivíduo possa se adaptar melhor à realidade. Vale acrescentar ainda, que Kohut se posiciona explicitamente a respeito da concepção de fim de análise proposta pela psicologia do ego, situando-a como um sistema teórico com objetivos morais e educativos disfarçado por uma roupagem científica (cf. Kohut, 1981 a: 301).

3.3. A teoria de Jacques Lacan

A retomada da teoria do narcisismo freudiana por Lacan se encaminha junto ao seu próprio percurso clínico e teórico. Seu encontro com a psicanálise é decorrente, inicialmente, de seu interesse pela psicose. Em sua tese de doutorado, em 1932, Lacan se utiliza de alguns pressupostos psicanalíticos afim de fundamentar sua apresentação de um caso clínico, o caso Aimée, tal como ele chama a paciente que vinha sendo observada por ele durante um ano e meio em

Sainte-Anne. Nesta tese, Lacan faz um estudo sobre a paranóia e os motivos que levaram a paciente em questão a ferir com uma facada uma das atrizes mais apreciadas pelo público parisiense da época. Chega então à conclusão, entre outras coisas, que a psicose se mostra essencialmente como um distúrbio mental da síntese psíquica e que a psicose paranóica é uma "ferida da personalidade". Baseando-se nos pressupostos de Freud a respeito dos delírios de ciúme, Lacan explica o estado paranóide de Aimée por uma fixação no narcisismo secundário aliada a um desejo masoquista de auto-punição. Visto que a paranóia é uma doença narcísica, lhe parece que como terapêutica "é mais necessário uma psicanálise do eu do que uma psicanálise do inconsciente" (Lacan, 1932. Apud. Julien, 1989: 12), tal como explicita em suas próprias palavras.

3.3.1. O estádio do espelho e a teoria do narcisismo em Lacan

A partir do estudo do caso Aimée e de suas conclusões a respeito da paranóia, o conceito de narcisismo passa a ser trabalhado por Lacan especialmente através da metáfora do espelho, à qual ele recorre em diversos momentos de sua obra. É assim que surge a sua teoria do imaginário especular, que contém os princípios básicos de sua concepção do narcisismo. Em 1936, em uma apresentação no Congresso de Marieband, Lacan vai além da psicose paranóica e passa ao universal: coloca em evidência, através de um esboço sobre a "fase do espelho" o próprio nascimento do eu²², ou seja, o narcisismo que Freud chama de primário. A primeira comunicação efetiva de Lacan sobre este tema à qual temos acesso é o artigo O estádio do espelho como formador da função do eu tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica (1949), fruto de sua participação no Congresso Internacional de Psicanálise de Zurique. Este artigo

²²As hipóteses de Lacan sobre o narcisismo, como poderemos constatar neste tópico, levam-no a discutir alguns problemas referentes ao conceito freudiano de *ego*, tal como é traduzido e utilizado na maioria das publicações psicanalíticas inglesas e americanas. Por razões inerentes a sua própria proposta, que se situa em dissimetria com as citadas correntes então vigentes, Lacan procura um meio de precisar melhor suas afirmações, de forma a apontar suas distinções em relação às mesmas, adotando uma terminologia própria para traduzir o *ich* alemão, ora através do vocábulo francês *moi*, utilizado em referência ao *ich* em seu aspecto imaginário e traduzido para o português pelo termo *eu*, ao invés do termo *ego*; ora através do vocábulo francês *Je*, que funciona como sujeito enunciativo da primeira pessoa, identificado nas traduções portuguesas como [eu]²². Esta preferência terminológica será mantida nesta dissertação, quando nos referirmos às teses lacanianas.

será tomado como base central para esta apresentação da teoria lacaniana, sendo que também o exploraremos em algumas subseqüentes retomadas ao longo da obra de Lacan.

→ O artigo sobre o estágio do espelho tem como marca original a hipótese de que a representação do eu é possibilitada pela via de uma imagem integradora - a imagem especular. Quando a criança se reconhece no espelho, tem uma representação de seu corpo unificado, distinta das sensações provenientes de sua motricidade, experimentadas de modo fragmentado. Lacan interpreta o júbilo da criança ao espelho como sinal de satisfação e surpresa pela antecipação do sentimento de unidade corporal que ela ainda não experimenta continuamente por causa de uma defasagem neurológica.

"Basta entender o estágio do espelho como uma identificação no sentido pleno que a análise dá a este termo: a saber, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem, cuja predestinação a este efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do termo antigo *imago*" (tradução de Luciano Elia, Lacan, 1949: 87).

→ ^{1º} O estágio do espelho é o resultado de um novo enfoque dado por Lacan ao estudo de Henri Wallon (1934). Wallon faz um balanço dos estudos sobre a criança e o reconhecimento de sua própria imagem no espelho - fenômeno universal que se dá entre o sexto e o décimo oitavo mês. Porém, conforme observa Philippe Julien, Wallon trata a imagem especular em termos cognitivos de representação, ou seja, se a criança se reconhece há progresso em termos do conhecimento de seu corpo, como objeto no mundo. Lacan acentua, por outro lado, o poder morfogênico desta imagem, que não é mero reflexo exterior passivo, mas geração do eu da criança. (A criança não se projeta em uma imagem, mas, inversamente, ela se constitui por esta imagem, o que ele define no trecho acima como uma identificação. Isto se desdobra na concepção de que a criança não é uma mônada fechada em si mesmo, um eu a priori, que abre-se pouco a pouco para o mundo saindo do narcisismo. Segundo Lacan, o "narcisismo primário" de Freud diz respeito, pelo contrário, a um ser inteiramente entregue ao outro, alienado. Por mais paradoxal que possa parecer, é esta alienação que funciona como possibilidade para "estabelecer uma relação do organismo com a sua realidade, - ou, como se diz, do *Innenwelt* com o *Umwelt*" (Lacan, 1949: 89).) Para

além do espelho de Wallon, é o corpo do outro enquanto visto em sua Gestalt que funciona como espelho. A esse respeito, novamente esclarece Julien:

“Lacan, pelo estádio do espelho designando o fundamento do eu freudiano, subverte a natureza do narcisismo primário: não um dentro fechado sobre si, mas um fora constitutivo de um dentro, uma alienação originante”(Julien, 1989: 19).

Com isto, como bem observa Julien, Lacan opera uma subversão da interpretação estabelecida: não há formação do eu através de sua exteriorização, de um movimento do interior para o exterior, por uma projeção. O que ocorre é o inverso: o eu é completamente exteroceptivo ou não existe (cf. Julien, 1989: 16). Portanto, a constituição do eu depende de movimento de identificação do sujeito com uma imagem especular, dada a partir do outro, configurada ao seu redor.

A relação com o outro, que se estabelece a partir da alienação constituinte do estádio do espelho estará sempre marcada, segundo Lacan, pela rivalidade (cf. Lacan, 1949). O outro atrai, fascina, mas ao mesmo tempo rejeita. O outro sou eu, mas é diferente de mim mesmo. O outro presentifica a defasagem entre o sujeito desejante e a imagem a qual ele tem acesso como presentificação de sua identidade, ou seja, (a imagem é, antes de tudo, um outro para o sujeito.) Daí a agressividade que está presente em toda a relação dual, que torna-se uma relação de exclusão: ou eu ou o outro, ou quem eu amo me exclui ou excluo quem eu amo. Aqui se esclarece a saída agressiva encontrada por Aimée para a sua psicose paranóica. O seu eu estava tão colado ao da atriz, a qual substituíra sua irmã em sua cadeia associativa inconsciente, que só lhe restava matá-la para garantir sua própria sobrevivência. Com o desenvolvimento da teoria do simbólico acoplada à teoria do imaginário, Lacan encontrará meios de dar um novo encaminhamento à questão da agressividade. Como veremos, isto será feito principalmente no seu primeiro seminário, em 1953.

Entretanto, mesmo que o registro do simbólico propriamente dito só tenha se constituído em sua especificidade no *Seminário I*, podemos notar que este registro já é apresentado no texto sobre o estádio do espelho, quando Lacan retoma a noção freudiana de eu ideal. O eixo central deste artigo, como já vimos, é a hipótese de que a sustentação da imagem egóica se dá através de uma dialética

de identificação ao outro. Neste contexto, Lacan afirma que a forma primordial do eu, identificado ao outro, é o eu ideal, que funciona como matriz simbólica básica para as identificações secundárias (cf. Lacan, 1949: 87). Em 1949, o eu ideal condensa em si o que Lacan irá desdobrar, em seguida, em eu ideal e ideal do eu distintamente, o que, por sua vez, irá consolidar a clara distinção das funções, articuladas entre si, que os registros do imaginário e do simbólico desempenham na constituição narcísica do eu.]

[Em resumo, com a teoria do estágio do espelho, que se desdobra sob múltiplas formas ao longo da obra lacaniana, Lacan assinala que a hipótese do narcisismo marca, de modo crucial, a estreita relação que há entre a formação do objeto e a do eu, uma relação de sobreposição e de sobre-determinação. Esta é, talvez, a sua tese central no que diz respeito ao estudo do narcisismo, a qual se desdobra em múltiplas contribuições teóricas e clínicas ao longo de sua obra.] Da mesma forma, este é o ponto de maior aproximação entre a sua teoria e a teoria kohutiana, bem como um ponto que mais as distingue em relação à psicologia do ego. Seguiremos, portanto, apresentando alguns dos desdobramentos desta tese no decorrer da obra de Lacan.

Façamos, para começar, um breve posicionamento histórico destes desdobramentos. Philippe Julien (1989) delimita duas retomadas do estágio do espelho - que é apresentado originalmente em articulação com o registro do imaginário - levando em conta o desenvolvimento histórico da obra de Lacan.

→ De 1953 a 1960, Lacan relativiza suas colocações anteriores enquanto submetidas à ordem simbólica. Isto é formalizado com a escrita do esquema ótico. O imaginário, que já havia sido mostrado desde 1932, é retomado e transformado em sua relação com o simbólico. O simbólico, por sua vez, será promovido e posto em primeiro plano em sua "primazia" (grifo do autor) sobre o imaginário. A introdução do simbólico é a efetiva novidade trazida por Lacan em seus primeiros anos de seminário (cf. Julien, 1989: 33).

→ De 1961 a 1980 o estágio do espelho ganha uma outra escrita, a topológica, com a introdução do olhar como objeto a - introdução do registro do

no sem. I Lacan retoma o I acentuando sua relação
com o simbólico

real.²³ Apesar de manter os pressupostos básicos desenvolvidos na primeira retomada, Lacan acrescenta que o espelho não é mais totalmente relativizável pelo simbólico, há uma dimensão imaginária irreduzível, que é atravessada pelo real, que se apresenta como furo na imagem. Ao final da obra de Lacan, o estágio do espelho é compreendido na interrelação entre os três registros: real, simbólico e imaginário (cf. Julien, 1989: 26).

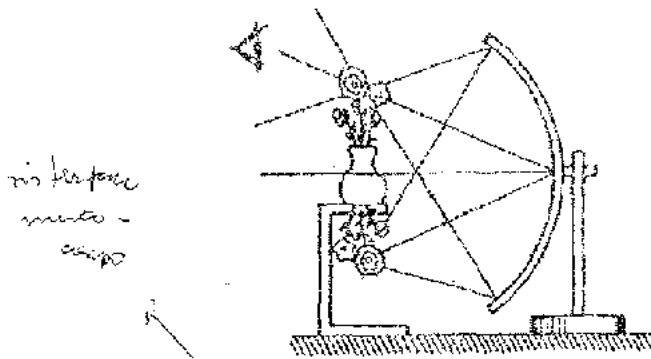
→ Nos concentraremos porém, na primeira retomada do estágio do espelho situada por Julien, que consideramos a mais essencial no que diz respeito à concepção teórica do narcisismo fundamentada por Lacan, bem como no que concerne aos efeitos sobre a clínica decorrentes da mesma. O narcisismo será analisado, portanto, a partir dos referenciais oferecidos pelos registros do imaginário e do simbólico.

²³No entanto, de acordo com a posição de Julien (1989), que é remetida às próprias palavras retrospectivas de Lacan em 1976, já em 1953 Lacan esboça a sua teoria dos três registros: o real, o imaginário e o simbólico. Observa, porém, que o real é, neste primeiro momento, apenas nomeado, sem ser ainda mostrado e explorado tal como é feito ao final da obra.

3.3.2. O esquema ótico

→ No *Seminário I - Os escritos técnicos de Freud* (1953-54), Lacan retoma os postulados de *O estágio do espelho* (1949), reafirmando que é pela mediação de uma imagem que se produz na criança um domínio unificado de si. A imagem, sendo a primeira forma que permite ao sujeito situar-se no mundo, é o elemento básico na constituição reflexiva do eu e do outro.

Para melhor configurar o campo em que estas relações acontecem, ainda no *Seminário I*, Lacan propõe um esquema importado de um experimento da física. Este esquema é conhecido como "esquema ótico" e serve ao princípio físico básico de que um espelho côncavo produz uma imagem real (conceito da física que designa a imagem gerada pelos reflexos dos raios de luz refletidos por um espelho côncavo, situada precisamente à frente do mesmo), invertida, de um objeto situado em um determinado ponto onde incidem os raios de luz refletidos a partir daquele (cf. Lacan, 1953-54: 94).



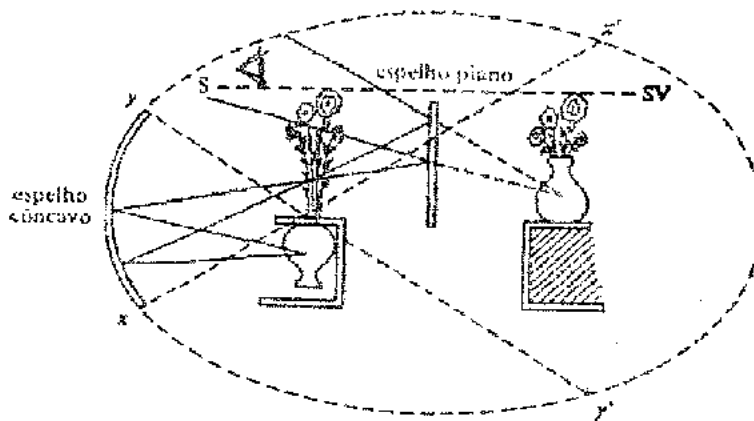
→ Lacan anuncia que, com este esquema, visa ilustrar a estreita intrincação do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica. Utilizando estes elementos, Lacan alude à constituição do eu a partir da constituição da imagem corporal, que dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo prematuro em relação ao domínio real. No esquema acima, as flores imaginárias preenchem o vaso real, correspondendo ao corpo imaginário que enche de forma o vazio do corpo real. As flores reais, situadas abaixo do vaso, também aludem ao corpo real, ao qual não se tem acesso direto, a não ser pela mediação da imagem e da linguagem. Este corpo real também é entendido como a própria dimensão pulsional, a dimensão do desejo do sujeito. Com isso, Lacan pretende representar "o sujeito anterior ao nascimento do eu, e o surgimento deste" (Lacan, 1953-54: 94).

96). O observador somente tem acesso a imagem do buquê - que é visto em posição invertida como se estivesse dentro do vaso; enquanto o buquê real, permanece inacessível ao olhar por se encontrar embaixo do vaso. Logo, o sujeito só tem acesso ao seu desejo pela via de uma imagem refletida de si mesmo (eu).

→ Desdobrando o uso deste esquema, Lacan menciona que o olho representa o sujeito, caracterizando a situação deste pela sua inserção no campo da linguagem e pela posição em que ele se encontra. É somente na medida em que encontra um lugar no mundo simbólico, lugar que lhe é dado pelo Outro²⁴, que ele obtém a visão da imagem. O posicionamento do sujeito no cone em que os raios se cruzam, esquematicamente, diz respeito à determinação do sujeito pelo simbólico para a constituição da imagem do eu. Esta é a novidade que Lacan traz aqui em relação ao estágio do espelho. A partir do *Seminário I* (1953), inicia-se um período em que há uma ênfase no simbólico, como engendrando a própria constituição do imaginário. É a época da chamada "primazia do simbólico". No esquema, o buquê imaginário, que se forma bem no gargalo do vaso, só pode ser visto se o observador estiver posicionado dentro do campo determinado onde os raios refletidos se cruzam, o que serve para demonstrar a incidência da ordem simbólica, antecipadamente, na dimensão do imaginário. No caso do bebê que se olha ao espelho, pode-se dizer que o que Lacan acentua em 1953 é que alguém, a partir de um determinado lugar (simbólico), deve mostrar ao bebê sua própria imagem para que ele possa de fato reconhecer-se na imagem.

Lacan apresenta, ainda no *Seminário I*, um desdobramento do esquema ótico, em que insere um espelho plano, introduzindo um espaço virtual no qual uma imagem real - vaso debaixo das flores - se virtualiza - flores dentro do vaso (cf. Lacan, 1953-54: 163).

²⁴O *outro*, com o minúsculo, designa o outro em seu caráter imaginário, assim como *Outro*, com o maiúsculo, designa o "grande outro" simbólico, tal como foi postulado por Lacan.



→ Este esquema segue o mesmo princípio da física utilizado no esquema anterior. Só que aqui o sujeito (S) só tem acesso a uma imagem virtual - visível no espelho plano - da imagem real do objeto - produzida pelo espelho côncavo. A imagem virtual é utilizada para representar o outro, através do qual a imagem unificada do eu pode ser vista pelo sujeito, conforme Lacan postulou com o estádio do espelho. Além disto, através desse jogo entre virtualidade e realidade pode-se apreender o eu como situado fora de nós, como o outro que somos. O ser humano não vê sua forma realizada, total, a não ser fora de si. O desdobramento do esquema, serve, portanto, para sublinhar, principalmente, que o eu se constitui no outro (imaginário) e através do Outro (simbólico).

→ Segundo Lacan, como explicita Romildo Rêgo Barros, o espelho plano introduzido no segundo esquema opera como Outro. O espelho plano introduz a dimensão da virtualidade da imagem do eu- que de real passa a virtual - assim como do objeto - já que a imagem real, ao se tornar virtual, funciona como objeto. Com o espelho plano, Lacan assinala o lugar simbólico a partir do qual é possível a ligação entre o sujeito e sua imagem: "é no Outro que reside a lei da heteronomia do sujeito em relação à sua imagem, que é um outro" (Barros, 1994: 4). Sujeito e imagem são díspares, sendo que a constituição da imagem é produzida a partir da posição do sujeito dada pelo Outro.

Melhor dizendo, é a posição simbólica dada pelo Outro que permite ao sujeito reconhecer-se na imagem. Desde antes de seu nascimento, a criança está inscrita em um universo simbólico que determina seu lugar. A palavra de nomeação do Outro, espaço aberto de significantes, vai se juntar à visão do outro. Portanto, ao mesmo tempo que o Outro dá um lugar simbólico para o sujeito, no qual se apóia a construção imaginária, dá também os meios pelos quais ele pode ir

além da imagem relativizando-a a partir dos significantes infinitos que podem ligá-lo à mesma. Esta é a função própria dos significantes.

"Ao falarmos do significado, pensamos na coisa, quando se trata da significação. Não obstante, cada vez que falamos, dizemos a coisa, o significável através do significado. Há aí um logro, porque é claro que a linguagem não é feita para designar as coisas. Mas esse logro é estrutural na linguagem humana e, num certo sentido, é nele que está fundada a verificação de toda verdade" (Lacan, 1953-54: 281).

Portanto, ao simbólico é atribuída a possibilidade de uma espécie de flexibilização em relação à situação de fixidez específica do imaginário. A articulação entre o registro do imaginário e o registro do simbólico, assim como a forma pela qual ambos participam na constituição narcísica do eu, pode ser melhor compreendida a partir do interjogo entre o eu ideal e o ideal do eu, tal como foi retomado e desenvolvido por Lacan no *Seminário I*, a partir da breve menção de Freud a estes termos no texto *Sobre o Narcisismo*.

3.3.3. Ideal do eu e eu ideal

Segundo Lacan, dizer que o eu é imagem, é dizer que o eu é eu ideal, sendo formado a partir de uma determinação simbólica que o precede, o ideal do eu. O ideal do eu é aquela instância derivada do narcisismo que indica uma busca impossível de que se recupere o estado narcísico original, mas que, ao mesmo tempo, situa esta busca em termos de determinados valores simbólicos. Nesse sentido, é também o ideal do eu que comanda o jogo das relações a outrem, sendo que é dessa relação a outrem que depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária, e portanto, do eu ideal.

O ideal do eu marca a presença de uma hiância, ligada à própria estrutura do eu, o que determina a sua configuração sob a forma de uma imagem. O próprio fato de que o sujeito se veja numa projeção já pressupõe uma certa defasagem, ou seja, uma ferida narcísica²⁵, sendo sempre no outro que ele reencontrará seu eu

²⁵ A ferida narcísica a que se refere Lacan, que fundamenta a própria constituição do eu em relação ao ideal do eu, é entendida como a própria castração, a falta, situada por Freud no momento do Édipo. Como já dissemos no capítulo sobre Freud, para Lacan, o Édipo não consiste em uma fase posterior a uma etapa narcísica inaugural, como formulou Freud, mas sim é um dado estrutural que está presente desde sempre. Esta questão

ideal. (Deste modo, podemos constatar no eu ideal aquela imagem que se quer fixa, completa, que está em correspondência ao outro e funciona como matriz simbólica para as identificações. Em contrapartida, o ideal do eu demonstra exatamente que é impossível que a imagem se fixe de um modo só, que sempre vai faltar algo, deslanchando um movimento permanente na cadeia simbólica dos significantes que o constituem.)

“O *ich-ideal*, o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária” (Lacan, 1953-54: 166).

Desta forma, ao dizer que “o ideal do eu é o outro enquanto falante”, Lacan diz que (o ideal do eu representa justamente a ligação do sujeito com a imagem, ligação esta que é necessariamente mediada pelo simbólico.) O ideal do eu aponta para o além do imaginário, para uma ordem simbólica que determina o maior ou menor grau de completude da imagem à qual o sujeito tem acesso e, portanto, a própria possibilidade de que a imagem seja formada. Melhor dizendo, é o ideal do eu que determina a forma que a imagem assumirá, de acordo com os determinantes simbólicos que traz em si. Da mesma maneira, é o ideal do eu que determina a forma através da qual um objeto se torna desejável. No caso do narcisismo propriamente dito, o objeto é o eu ideal, imagem idealizada do eu.)

Podemos visualizar esta interrelação entre eu ideal e ideal do eu voltando ao esquema dos dois espelhos, onde Lacan demarca um sujeito virtual (SV), um olho mítico. Como está representado no esquema, SV está em correspondência direta com S - no esquema ambos situam-se na mesma linha de direção. Com isso, fica representada no esquema a presença do sujeito para além da imagem, designando, segundo Lacan a posição típica do analisando, como veremos no próximo tópico. SV presentifica no esquema o fato de que o sujeito promove mudanças, através da fala, na imagem virtual estática que o representava até então. Como veremos logo adiante, isto se dá mediante o reconhecimento do desejo do sujeito, a partir do momento que ele se nomeia, reconhecendo nos

é tratada mais detalhadamente por Lacan através da sua teoria dos dois tempos do Édipo: o tempo de *ser o falo* e o tempo de *ter o falo*, a qual pode ser encontrada no seu seminário sobre *As formações do inconsciente*

investimentos imaginários que sustentam e sustentaram as suas identificações sucessivas na sua história. As modificações são relativas tanto à sua própria imagem como um outro quanto relativas à imagem do outro.

A instância que representa a posição simbólica onde o olho (S) se situa, bem como também onde se reflete em SV, é o ideal do eu. Como já foi dito, o ideal do eu diz respeito à posição e ao desejo do sujeito na estruturação imaginária. É a instância por excelência que é capaz de condensar em si funções imaginárias e simbólicas. O lugar simbólico do sujeito na imagem que vê, está em correspondência com a permanente articulação entre o ideal do eu e o eu ideal. Nas palavras de Romildo Barros em seu seminário²⁶, enquanto o ideal do eu aponta para uma certa interiorização de uma exterioridade (Outro), o eu ideal é fruto de uma transformação desta interiorização em uma exterioridade, ou seja, no campo dos objetos. Com isso, o sujeito, o Outro e o objeto vão estar em ação a cada operação subjetiva, dando forma ao desejo, seja sob a forma de eu ideal ou sob a forma de ideal do eu. Em outras palavras, a relação do eu com o outro é necessariamente mediatizada pelo Outro, campo de significantes e sentidos.

Pode-se concluir, portanto, que o esquema dos dois espelhos demonstra que a prevalência do simbólico sobre o imaginário é a mesma do ideal do eu sobre o eu ideal, que corresponde à introjeção simbólica do ideal do eu sobre o eu. Com este esquema, Lacan contesta, como observa Julien (1989), sua primeira apresentação do espelho, como um alter-ego. Não haveria, como se poderia ler no artigo sobre o estádio do espelho, em primeiro lugar, o imaginário do espelho, na criança; e, em um segundo momento, a instauração do simbólico, pela presença do adulto. Pelo contrário, imediatamente, no começo do jogo, o simbólico se superpõe ao imaginário, determinando-o.)

3.3.4. Outros desdobramentos do estádio do espelho no Seminário I

É importante que enfatizemos agora um ponto fundamental na teoria de Lacan : o fato de que o narcisismo não se reduz à questão do investimento libidinal

(1957-58).

²⁶Seminário intitulado "O Narcisismo", realizado na Escola Brasileira de Psicanálise, a partir de março de 1996 e que vem tendo prosseguimento em 1997.

na imagem do eu, mas que diz respeito, fundamentalmente, aos investimentos objetais. Lacan trabalha com a idéia básica de que há uma alienação fundamental do sujeito numa imagem, que é a forma original do eu (eu ideal) bem como da relação com o outro. Ao afirmar isto, já anuncia que a constituição do eu é paralela à constituição do objeto, sendo estes processos interdependentes. A partir dessa perspectiva, o narcisismo remete à própria dialética do objeto. É o narcisismo que dá a forma a partir da qual os objetos se constituem, permanentemente ao longo da vida.

A concepção de Lacan consiste em um certo retorno ao raciocínio freudiano de *Sobre o Narcisismo* (1914 b) relativo aos tipos de escolha amorosa. Lacan considera, porém, que a escolha anaclítica ou objetal não está menos distante do narcisismo que a narcísica. Este ponto de vista pode ser notado na seguinte passagem sobre a escolha amorosa do tipo anaclítico:

"O *Anlehnungstypus* não é menos imaginário, porque está fundado também numa inversão de identificação. O sujeito encontra então sua referência numa situação primitiva. O que ele ama é a mulher que alimenta e o homem que protege" (Lacan, 1953-54: 155).

Nesta perspectiva, é característica de toda relação amorosa o fato de sempre envolver componentes narcísicos. Na relação amorosa, pode-se assistir, em muitos momentos, à estrita equivalência do objeto, ou do eu ideal, ao ideal do eu. Isto quer dizer que o ideal do eu pode vir a situar-se no mundo dos objetos sob a forma de um eu ideal. O sujeito apaixonado ama seu próprio eu realizado ao nível imaginário. Nesse sentido, para Lacan, na situação de apaixonamento, a hiância entre ideal do eu e eu ideal, entre desejo e realização de desejo, desaparece.

"À alienação imaginária pela qual o sujeito vê seu desejo sobre a imagem do outro, se superpõe a alienação simbólica pela qual o desejo do sujeito é reconhecido como desejo do desejo do Outro. Deste modo, enquanto o eu é visto no eu ideal, sem que o sujeito nele se reconheça, pela palavra que responde à demanda de amor, o sujeito se reconhece no que vê" (Julien, 1989: 35).

Tal como Julien explicita, Lacan frisa que há uma interrelação permanente entre imagem e desejo. O sujeito só é capaz de se ver como uma imagem, ou seja,

como um eu ideal, o qual, no entanto, é constituído a partir da referência simbólica do ideal do eu. (Como já vimos, é o ideal do eu que permite que esta imagem esteja situada libidinalmente no mundo, mais especificamente, no lugar de onde o sujeito possa se sentir amado. Por outro lado, quando encarna o lugar do eu ideal, o sujeito ignora seu próprio desejo, alienando-se no desejo do outro. Por isso, a relação do sujeito com o eu ideal é uma relação que remonta, necessariamente, ao outro, nos moldes do transativismo infantil, quando a criança confunde o seu lugar com o lugar do outro. O exemplo típico do transativismo infantil é a situação em que uma criança bate na outra e chora como se ela mesma tivesse apanhado. Como neste modelo, segundo a perspectiva de Lacan, originalmente o sujeito nada sabe sobre seu desejo, que está alienado no outro. A esta perpétua interrelação entre imagem e desejo Lacan chama, no *Seminário I*, de a "báscula do desejo".

"É num movimento de báscula, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo. Da mesma forma, tudo o que está então nele no estado de puro desejo, desejo originário, inconstituído e confuso, o que se exprime no vagido da criança - é invertido no outro que ele aprenderá a reconhecê-lo" (Lacan, 1953-54: 197).

A idéia de uma báscula, balança, é utilizada por Lacan afim de representar uma alternância entre o puro desejo e a imagem a que se tem acesso. Portanto, o desejo só aparece quando a imagem desaparece. É a dimensão simbólica da fala ao Outro, para além do outro, que permite um certo distanciamento do imaginário e, conseqüentemente, uma possibilidade de reconhecimento de seu desejo. (Mas, a cada vez que o sujeito se apreende como eu (eu ideal), como forma estática, completa, reproduz o modo de relação imaginária, de colagem no outro, na qual não tem acesso ao seu desejo.)

Lacan supõe que, antes da fala - no sentido da atualização da linguagem feita por cada sujeito - o desejo só existe no plano da relação imaginária, ou seja, alienado no outro. Como já vimos, a ordem simbólica, da linguagem, já está dada, precedendo e ancorando o desejo singular do sujeito na própria constituição da imagem do eu. Mas é com a fala que o sujeito é capaz de definir sua posição desejante singular, tanto em relação à imagem - outro - quanto em relação ao campo mais amplo da linguagem - campo do Outro. O simbólico introduz a

possibilidade de que o sujeito se reconheça na imagem do outro, além de denotar a dimensão de transitoriedade de toda imagem, que pode deslizar numa cadeia infinita de imagens sustentada pela própria cadeia de significantes que se faz presente na fala. Partindo destes pressupostos, é no simbólico, mais especificamente na fala singular do sujeito, que Lacan deposita todo seu interesse no início de sua obra, sendo também a ela atribuídos os ganhos terapêuticos obtidos numa análise.

Através destes novos recursos teóricos, Lacan dá um novo encaminhamento à questão da agressividade. Tal como já havia observado, imaginariamente, o desejo do sujeito está no desejo do outro, o outro se sobrepõe ao sujeito, em uma operação de exclusão que está na base do surgimento da rivalidade agressiva. Com a teoria do registro do simbólico como função de mediação entre o sujeito e a imagem, tornam-se possíveis novas respostas para os fenômenos agressivos e até mesmo para as psicoses. Em termos clínicos, a crítica de Lacan quanto ao perigo das interpretações "de eu a eu" consiste, essencialmente, em uma advertência para que, ao invés de trabalhar o sintoma do paciente no quadro de suas relações imaginárias e simbólicas que se atualizam na transferência, o analista acabe acentuando a rivalidade imaginária. Referindo-se à Anna Freud, declara:

"Deveria ter distinguido a interpretação dual, em que o analista entra numa rivalidade de eu a eu com o analisando, e a interpretação que progride no sentido da estruturação simbólica do sujeito, a qual deve ser situada para além da estrutura atual do seu eu"(Lacan, 1953-54: 80).

Desta forma, a crítica às interpretações de eu a eu formulada por Lacan se fundamenta, essencialmente, em sua concepção da rivalidade imaginária inerente a toda relação ao outro. O que é fundamental sublinhar aqui é que Lacan, assim como Kohut, situam a agressividade em estreita proximidade com o narcisismo. A divergência entre ambos, em relação a este tema nos parece bastante sutil, mas, como veremos no próximo capítulo, tem consequências bastantes importantes no que diz respeito às suas distintas concepções da clínica psicanalítica.

3.3.5. Repercussões clínicas da teoria do imaginário especular

Uma das formas pelas quais Lacan demonstra a fundamental incidência do simbólico na situação analítica é através de uma aplicação do esquema ótico a esta situação. O analista em sua dimensão imaginária, como outro, pode ser visto no esquema na imagem virtual que se configura atrás do espelho plano, bem como, em sua dimensão simbólica, enquanto Outro, é representado no esquema pelo próprio espelho plano. Estas duas dimensões correspondem, por sua vez, à dimensão transferencial do analista, outro que encarna os investimentos imaginários do sujeito que se dirige a ele; assim como, à dimensão do analista interpretante, que apresenta ao paciente aquilo que transcende a dimensão imaginária sistematicamente, mas que, por outro lado, a determina, fator de surpresa para o desconhecimento do eu.

Nesse sentido, Lacan supõe que as interpretações e intervenções do analista (Outro) possam ser representadas no esquema como determinadas viradas do espelho plano. Mesmo que a imagem real não mexa pelo simples fato de que o espelho plano mude de posição, a imagem virtual que o sujeito vê se alterará. Desta forma, estes movimentos do espelho apresentam ao sujeito, através do outro que se forma virtualmente, as diversas imagens nas quais o seu desejo esteve e está encarnado, assim como os determinantes simbólicos que estão e estiveram em questão. Sendo assim, as viradas no espelho plano levam o sujeito a reconhecer sua própria história nas imagens virtuais às quais tem acesso, e, com isso, a chegar às bases simbólicas que as sustentam desde antes do nascimento (cf. Lacan, 1953-54: 184).

Em termos menos esquemáticos e mais descritivos, Lacan afirma que, em uma primeira fase da análise, há um reconhecimento dos investimentos imaginários, daquilo que do eu é desconhecido para o sujeito à imagem na qual reconhece estes investimentos. Lacan frisa que a análise consiste, essencialmente, em um processo de reconhecimento do desejo, no plano simbólico, mas que isto se dá a partir do reconhecimento dos investimentos imaginários. É o outro especular, que tem estreita relação com o eu, que o sujeito pode ver e tomar como objeto. A análise deve levar o sujeito a descobrir a que outros ele tem se dirigido ao longo de sua história. Uma das ferramentas básicas para este trabalho é o conceito de que, na análise, a identificação narcísica do

sujeito à imagem, ou ainda, os próprios investimentos imaginários, estão concentrados no plano da transferência.(cf.Lacan, 1953-54: 215). Desta maneira, a sequência do processo refere-se principalmente às transformações no plano da transferência.

No *Seminário I*, Lacan diz que, longe de ser um fenômeno apenas imaginário, a transferência é simbólica. Ao discernir e priorizar a dimensão simbólica da transferência, o que Lacan introduz , segundo Julien, é que "a transferência não é toda repetição, mas é: a repetição de uma *demand*a dirigida do lugar do Outro, o retorno de uma demanda passada" (Julien, 1993: 63). Esta demanda volta, em formações do inconsciente e na transferência, porque não foi devidamente reconhecida pelo sujeito anteriormente. Desta forma, a repetição é compreendida como um apelo à nomeação. A especificidade da análise frente a outras relações nas quais a transferência pode se manifestar é exatamente o fato de que o analista a ela responde não do lugar do outro que diria "Tu és isso", mas sim do Outro, que promove justamente a nomeação simbólica feita pelo próprio sujeito. Portanto, na visão lacaniana, a transferência, porque é também simbólica, não é um obstáculo, não é mera repetição, mas é propiciadora de mudanças.

Para elaborar sua concepção própria quanto ao manejo da transferência na situação clínica, Lacan parte do princípio de que, a cada vez que o sujeito se formula, se nomeia diante do outro, faz existir um Outro, ou seja, não há garantia de um sentido, de um entendimento único por parte de um outro, nem mesmo de uma resposta esperada do outro. Nesta ótica, a fala é a dimensão por excelência onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico, integração do desejo na impossibilidade de expressão definitiva que o caracteriza. A ordem simbólica comporta o deslocamento necessário, infinito, do símbolo em relação ao que ele representa.

"Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado - se é que não se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não é nada senão um conceito" (Lacan, 1953-54: 210).

Nesta perspectiva, é a fala que proporciona uma espécie de suspensão em relação a uma situação puramente imaginária, de fixidez. À ambiguidade

semântica que caracteriza a fala, se superpõe a ambiguidade subjetiva. O próprio sujeito não sabe o que diz ou pode dizer mais, ou menos, do que quer dizer. Segundo Lacan, é do Outro de quem se trata essencialmente na função da fala, o Outro do próprio sujeito, que se configura como ideal do eu.

É sob tal concepção que repousa a hipótese clínica com a qual Lacan trabalha no início de sua atividade, a respeito da função da fala do sujeito em análise: a noção de uma fala plena em oposição a uma fala vazia. Esta hipótese é claramente anunciada por Lacan no escrito sobre o Discurso de Roma - *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise* (1953) e tem grande influência no conteúdo dos seus primeiros seminários. Segundo Lacan, é o valor da fala enquanto ato atual, no caso da análise, ato na transferência, que faz dela fala vazia ou plena. Ato no sentido de que produz uma mudança no sujeito que a enuncia (Lacan, 1953-54: 128). A fala plena do analisante é aquela que é livre de quaisquer determinações imaginárias, a relação derradeira do sujeito ao Outro. A fala é vazia quando se dirige ao outro e não produz efeitos no plano simbólico, reproduzindo padrões imaginários fixos.

Partindo destas premissas, Lacan considera que o modo do sujeito se exprimir, de falar ao analista, que se situa como Outro, reproduz o modo como seu desejo está integrado na própria constituição de sua imagem narcísica, desejo de responder a uma demanda do Outro. Desta forma, uma das definições possíveis da análise, segundo Lacan, é a de que se trata de desfazer as amarras da fala, amarras que determinam, por sua vez a fixidez dos investimentos imaginários bem como da própria imagem. As intervenções do analista ocasionam, portanto, uma possibilidade de desinserção da sua relação ao outro. Da mesma maneira, esta desinserção faz variar, espelhar, completar e descompletar a imagem do seu eu. Neste sentido, a aposta da análise é a de um reconhecimento de todas as etapas do seu desejo, que se cristalizaram em sucessivas identificações, ou seja, de todos os objetos que vieram trazer à imagem do eu sua consistência.

"A relação falada, flutuante, com o analista tende a produzir na imagem de si variações bastante repetidas, bastante amplas, mesmo que sejam infinitesimais e limitadas, para que o sujeito perceba as imagens captadoras que estão no fundamento da constituição do seu eu" (Lacan, 1953-54: 210).

Nesse sentido, a articulação entre o imaginário e o simbólico tem incidência importante na teoria e na clínica psicanalítica de Lacan. Há no movimento lacaniano contemporâneo uma pretensão de que o imaginário seja mais valorizado do que tem sido na análise, já que a ênfase maior de Lacan foi no simbólico e, posteriormente, no real. Entretanto, ainda assim, o que podemos considerar como uma marca lacaniana, a importância de que o imaginário seja mediatizado por outra instância na análise, se mantém. Como observa Mirta Zbrun (1995) em uma coletânea de artigos sobre o imaginário, um dos pressupostos básicos para que se lide com o imaginário consiste no fato de que o trabalho com o eu e suas identificações só é possível pela via do ideal do eu. Esta autora retrata uma perspectiva bastante difundida no meio lacaniano de que a direção do tratamento está ligada ao que é chamado de "desidealização". Isto é explicado da seguinte forma: toda identificação se sustenta numa idealização, que é sempre ilusória, sendo um efeito da própria estrutura da linguagem, ou seja, do incontornável fato de o homem ser submetido a identificações idealizantes. Segundo a autora, a análise ocorre em um nível de "encenação do eu", da ilusão do eu, que leva o imaginário até as suas raízes no simbólico a fim de produzir um momento em que os ideais percam sua fixidez imaginária e tenham efeito sobre as próprias identificações que constituem a imagem do eu. Logo, é necessária uma mediação do simbólico para que possa haver uma certa flexibilização da imagem do eu e, portanto, para que o imaginário possa ter lugar na constituição de cada sujeito ao final da análise.

3.3.6. O retorno a Freud e algumas críticas à psicologia do ego

Tudo que foi explanado sobre a teoria lacaniana já é, de certa forma, suficiente para constatar sua dissimetria em relação à psicologia do ego. Porém há algumas referências explícitas de Lacan a este respeito.

Em 1953, quando Lacan inicia seu primeiro seminário, sobre os escritos técnicos de Freud, observa uma determinada ênfase dada pelas correntes pós-freudianas então em evidência nos meios psicanalíticos - principalmente a linha inglesa e a psicologia do ego americana - em uma leitura demasiado simplista da instância do eu, concebida na segunda tópica freudiana. Lacan observa que é em

torno da concepção de eu que gira todo o desenrolar da teoria sobre a técnica analítica, situando aí a causa de todas as dificuldades que a elaboração teórica a respeito desta prática suscita. Todavia, se nestas abordagens - entre as quais se destaca a teoria de Anna Freud - costumava-se tomar o eu como única fonte de conhecimento, Lacan anuncia, na contramão, que a função desta instância na análise é uma função de desconhecimento.

"No ponto em que ainda estamos, talvez não possamos fazer coisa melhor aqui. Mas resta o fato de que podemos depreender a profunda ambiguidade da concepção que os analistas têm do ego - que seria tudo aquilo a que se acede, embora não seja, por outro lado, senão uma espécie de obstáculo, de ato falho, de lapso"(Lacan, 1953-54: 25).

Calcando-se neste mesmo argumento, Lacan discute outro ponto de controvérsia, também no *Seminário I*, em relação à afirmação de Freud de que na análise o analista deve buscar uma aliança com o eu. Na ótica lacaniana, tomar o eu como aliado do analista, suposição básica para o bom andamento do processo analítico na visão de Anna Freud e de sua principal herdeira teórica, a psicologia do ego, contém uma contradição manifesta. Segundo Lacan não se pode definir o eu como função autônoma, ao mesmo tempo em que se continua a tomá-lo como instância defensiva. Mesmo a noção de *splitting* do eu, da divisão entre a área sadia e a área conflitiva, para Lacan, é inconsistente. Da mesma forma, Lacan entende que a concepção da estruturação do eu como "defesa" pura e simplesmente, que tem como função básica amenizar e controlar as pulsões do Id, fortalecendo o eu, é insuficiente. Atribui esta insuficiência ao fato de que esta definição não inclui um plano mais profundo, o plano da situação do sujeito na ordem simbólica. Isto é exemplificado no caso da identificação na saída do Édipo, em uma alusão ao caso *Dora*, que não pode ser interpretada somente como um mecanismo que estruturou o eu designando o modo operatório de sua função defensiva, mas sim como um mecanismo constitutivo da função assumida pelo sujeito nas relações simbólicas.

Nesse sentido, Lacan situa o motivo destas controvérsias em relação às elaborações finais de Freud a partir de 1920, como uma problemática eminentemente ligada à técnica. Utilizando-se do próprio termo *ego*, tal como foi traduzido e utilizado na teorias de influência inglesa, explica as deturpações em

relação ao manejo do *ich* pelos psicanalistas destas abordagens - refere-se novamente principalmente à Anna Freud e à psicologia do ego - pelo fato de que fazem uma equivalência entre o eu do discurso do paciente em análise - que Lacan chamará de *je* - e o eu como constructo metapsicológico - que chamará de *moi*.²⁷

"Os textos psicanalíticos formigam em impropriedades metódicas. Há aí temas difíceis de tratar, de verbalizar, sem dar ao verbo um sujeito, e é por isso que lemos o tempo todo que o ego impele o sinal de angústia, maneja o instinto de vida, o instinto de morte - não se sabe mais onde está o central, o agulheiro, a agulha"(Lacan, 1953-54: 35).

A crítica principal de Lacan quanto a estas concepções pode ser resumida, grosso modo, em considerar indevida a apreciação que estas fizeram da teoria freudiana quanto à função exercida pela instância do eu no funcionamento psíquico e na situação de análise. Para Lacan, estes autores negligenciaram o papel do narcisismo e suas implicações para a compreensão da segunda tópica, mais especificamente do conceito de eu. Nesse sentido, Lacan privilegia a definição freudiana do eu como precipitado de investimentos abandonados, que se cristalizam dando forma ao eu através da identificação. Segundo Lacan, é exatamente este mecanismo identificatório constituinte do eu que irá marcá-lo em seu caráter alienante e narcísico.

O eu é uma unidade que deve se constituir, na articulação do simbólico e do imaginário. Não há nenhuma unidade a priori, presente desde a origem, tal como se pode ler na teoria de Hartmann de forma implícita no conceito de uma "autonomia primária" do ego. Da mesma forma, para Lacan, a realidade não está dada a priori, mas é uma construção permanente, que também envolve os registros do simbólico e do imaginário, na qual o sujeito está necessariamente implicado. Além disso a relação com os "objetos da realidade" (como são considerados pela psicologia do ego), remonta necessariamente ao momento narcísico inaugural. Nesse sentido, na teoria lacaniana, não há como conceber o final da análise como relação imediata com a realidade, mas esta será sempre mediatizada pelo simbólico e pelo imaginário.

²⁷ O *Je* - [eu] - é identificado sempre com o "sujeito" da enunciação inconsciente. O *Je* é utilizado por Lacan em contraposição ao indivíduo em sua dimensão totalizante que, por sua vez, pode ser identificado com o *moi*,

Em outro momento do *Seminário I*, ao fazer considerações sobre o amor, Lacan critica claramente as concepções teóricas e clínicas da psicanálise que trabalham com a concepção de um "amor maduro", livre de componentes narcísicos. Este é um ponto claro de divergência tanto de Lacan, quanto de Kohut, em relação à psicologia do ego. Esta última traz como meta analítica básica a saída de um estado narcísico ou regressivo de relação com os objetos para um estado de adaptação à realidade. Já Kohut e Lacan não compartilham deste ideal, levando em conta o fato de que o narcisismo se perpetua pela vida afora, bem como não compartilham de um ideal de final de análise em que o narcisismo seja completamente transposto e substituído por uma relação objetal pura ou madura. Entretanto, outras serão as divergências entre estes dois autores, que, como veremos, propõem encaminhamentos para o processo de análise bastante díspares entre si.

No *Seminário II - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-55)*, Lacan observa que a própria virada de Freud respectiva à segunda tópica, efetuada após as conceituações quanto à repetição e à pulsão de morte, apenas reforça a posição do eu como objeto, introduzida no texto sobre o narcisismo. Há uma tensão entre o sujeito desejante (je) e o eu (moi). A necessidade da introdução do para além do princípio do prazer no arcabouço teórico freudiano, é explicada em termos de que "há um sujeito que fala para além do ego" (Lacan, 1954-55: 217). Por este motivo é introduzida a noção de eu inconsciente. Nesta leitura, o que deve ser interpretado nesses textos ulteriores de Freud é a manutenção e o acirramento do paradigma psicanalítico de que existe um sujeito descentrado do indivíduo.

Portanto, a interpretação que Lacan dá para o porquê da introdução da segunda tópica por Freud é a de que este constructo visa ressaltar a ignorância do eu, na medida em que este sofre, permanentemente, efeitos do inconsciente. É também a partir deste ponto de vista que Lacan se refere inúmeras vezes, ao longo de sua obra, ao mau uso que se fez da afirmação de Freud referente a uma explicação metapsicológica do trabalho de análise - "Lá onde o isso estava, o ego deve advir" (Freud, 1932-33: 102), tal como consta na tradução da Standard a

o eu em seu aspecto imaginário. O moi, porém, pode vir a ocupar todas as funções, inclusive as do sujeito, no

partir do original alemão. Lacan critica um entendimento desta afirmação como uma proposta de alargamento do campo da consciência, ou de um maior controle do eu sobre as pulsões. Propõe que esta frase seja traduzida de forma avessa à que foi traduzida pela edição inglesa. Ao invés de "Lá onde isso estava, o ego deve advir", propõe: "...tudo que é do ego deve ser realizado no que o sujeito reconhece de si mesmo" (Lacan, 1953-54: 226). Explica que não se trata de um deslocamento tópico do eu para o lugar do isso. As pulsões do isso, o sujeito desejante, estão presentes no eu desde sempre, participando de sua própria constituição narcísica. Nesse sentido, a mudança que se opera na análise é na medida em que o sujeito passa assumir a o seu desejo (simbólico por excelência) em nome próprio. O "eu devo advir" diz respeito, segundo Lacan, ao [eu] da enunciação, ao sujeito (je), e não ao eu imagem (moi).

Enfim, fica claro que na proposta clínica de Lacan o discurso do paciente figura como elemento central no processo analítico, sendo mais do que apenas um meio de expressão do paciente para comunicar algo ao analista. A fala constitui o próprio campo onde se operam as mudanças subjetivas, sendo ela mesma fator de possibilidade para que estes movimentos ocorram. Desta forma, não há uma crença, bem como nenhuma valorização de uma comunicação "de ego a ego", mas a fala tem valor em si própria, para o sujeito que a enuncia.

Capítulo 4 - NARCISISMO: DIVERGÊNCIAS E COINCIDÊNCIAS ENTRE LACAN E KOHUT

De acordo como vínhamos mostrando nos capítulos anteriores, Lacan e Kohut são autores que se destacam no meio psicanalítico contemporâneo pelo privilégio dado ao estudo do narcisismo e suas manifestações clínicas. Isto faz com que se situem, de saída, como dissidentes fervorosos da psicologia do ego e sua concepção de "ego autônomo". Nos concentraremos agora, principalmente, na interrelação específica entre o pensamento de Kohut e de Lacan, na medida em que já exploramos bastante as dissidências de cada um deles isoladamente em relação à psicologia do ego no capítulo anterior. Consideramos porém, que esta dissidência em comum já os coloca em uma situação de certa equivalência dentro da história do movimento psicanalítico, ainda que ambos se encontrem geograficamente em locais diferentes, bem como em contextos filosóficos, sociais e culturais tão distintos. Isto implica que suas formulações se encontrem escritas, não somente em línguas diferentes, mas também a partir de enquadres epistemológicos diferentes. Neste sentido, em uma primeira etapa, o mapeamento do campo psicanalítico feito por Paul Bercherie (1984), nos será muito útil. Em seguida, discutiremos as mesmas questões levantadas anteriormente, tendo em vista um caso clínico escrito por Kohut (1979 b), de repercussão bastante grande, sendo publicado inclusive na França e comentado por um autor lacaniano, Serge Cottet (1985).

4.1. Transitando entre os conceitos de Lacan e Kohut a partir de "O ocular quadrifocal" de Paul Bercherie

Afim de fazer uma "geografia do campo psicanalítico", Paul Bercherie escreve um artigo intitulado *O ocular quadrifocal (II) - epistemologia da herança*

freudiana (1984). Neste artigo, Bercherie propõe uma perspectiva esquemática, chamada por ele de "quadrifocal", na qual situa quatro correntes principais no universo das teorias psicanalíticas pós-freudianas. São elas: o kleinianismo, a psicologia do ego, o lacanismo e uma quarta corrente chamada por ele de "nebulosa marginal"²⁸. Bercherie caracteriza as duas primeiras tendências como ortodoxas, já que, segundo ele, não modificam a estrutura fundamental do modelo freudiano original, em particular a concepção do indivíduo como uma mônada isolada, que entra, secundariamente, em relação com seu ambiente, com seu mundo objetal e a alteridade. Já os heterodoxos, transcenderiam a plataforma freudiana original, propondo modelos interacionais do indivíduo com seu meio. No caso das correntes denominadas por Bercherie como heterodoxas, estabelece ainda outra subdivisão: ou estes modelos têm uma inspiração biológica (ecologia e etologia), no caso dos marginais, ou uma inspiração sociológica (estruturação linguística e antropológica), no caso do lacanismo.

Consideramos a caracterização das correntes como ortodoxas ou não, tal como o faz Bercherie, bastante problemática. No nosso entender, todas as abordagens pós-freudianas da obra de Freud, de alguma forma, operam uma certa seleção quanto aos tópicos freudianos a serem mais ou menos privilegiados em suas construções teóricas. Nesse sentido, também não concordamos com a idéia de que as correntes ortodoxas, por serem mais fiéis à Freud, adotariam a hipótese do indivíduo como mônada fechada. Acreditamos que esta concepção já consiste, ela mesma, em uma das possíveis interpretações do texto freudiano. No entanto, acreditamos que a adoção ou não da concepção monádica é um divisor de águas bastante interessante no mapeamento do campo psicanalítico. Por isso, não abandonaremos inteiramente tal caracterização, mas não podíamos deixar de fazer estas ressalvas.

²⁸Esta corrente foi designada por Bercherie como uma "família" que apresenta a particularidade de não se constituir em um grupo, mas que reúne as individualidades de alguns psicanalistas em razão de algumas afinidades que apresentam seus pensamentos e práticas, tendo a preocupação com a clínica como ponto central. Para estes psicanalistas, a produção teórica é uma decorrência direta deste processo, visando, fundamentalmente, buscar um extensão do campo da cura analítica. Devido a este privilégio, a "família marginal" caracteriza-se por teorias pouco rigorosas e pouco ortodoxas em relação à herança freudiana. Alguns dos psicanalistas que a compõem, segundo Bercherie, são: Balint, Fairbairn, Winnicott e Searles. Porém, conforme justificaremos mais adiante, acreditamos poder situar também Kohut como integrante desta corrente.

A partir da distinção entre os dois grandes grupos em que se subdivide o campo psicanalítico a partir da adoção ou não do modelo da mônada isolada, feita no "quadrifocal" de Bercherie, podemos fundamentar o que vínhamos mostrando no capítulo anterior como o principal ponto em comum de dissidência de Kohut e Lacan em relação à psicologia do ego: a descrença em uma concepção do narcisismo como um estado de isolamento primário da subjetividade, no qual a libido estaria investida em si próprio, sendo qualquer relação com os objetos posterior a este momento inicial. Como bem observa Bercherie, este modelo, que é utilizado pela psicologia do ego, ancora-se fundamentalmente em alguns dos pressupostos freudianos da segunda tópica, principalmente na hipótese da matriz original indiferenciada ego/id. Partindo deste princípio, na teoria de Hartmann, o ego se diferencia a partir desta matriz indiscriminada, constituindo-se como uma instância autônoma de adaptação e de síntese, fruto da aliança entre os processos de autonomia primária e a neutralização das pulsões sexuais e agressivas do id. Desta forma, os investimentos nos objetos se dão secundariamente, sendo fruto da regulação e racionalização da atividade psíquica pelo ego autônomo.

Começemos então explorando este primeiro ponto de coincidência entre Lacan e Kohut: a dissidência em relação à psicologia do ego. Em contraposição a esta vertente, que enfatiza a autonomia egóica em relação às pulsões e aos seus objetos de investimento regressivos, podemos perceber que, tanto Kohut quanto Lacan privilegiam a concepção de uma instância que é permanentemente investida narcisicamente - o *self*, para Kohut, o *moi*, para Lacan - a qual, entretanto, remete diretamente às próprias relações com os objetos, como examinaremos logo adiante. De qualquer forma, como já foi discutido no capítulo anterior, sabemos que esta semelhança entre ambos também se traduz em uma virada radical em relação à concepção de análise proposta pelos psicólogos do ego, que não se sustenta mais em um deciframento dirigido ao ego, o qual, autonomamente, deveria desviar o investimento pulsional para objetos e objetivos mais favoráveis. Ambos esperam algo mais de um trabalho de análise, ou seja, um trabalho na transferência, onde a relação com o analista é o principal elemento representativo da subjetividade (relacional) do paciente.

Ainda em relação à psicologia do ego, Bercherie (1984) menciona a presença de certas teorias derivadas da mesma através de uma série de estudos onde a psicopatologia clínica e a psicologia genética se conjugam. É no interior deste movimento que Bercherie situa a "psicologia do self" de Kohut, ao lado de M. Mahler, Jacobson e Kernberg. Entretanto, ao explicar a ruptura feita pela corrente marginal em relação à psicologia do ego, faz comentários que, no nosso entender, podem ser facilmente aplicados à concepção psicanalítica de Kohut.

"A corrente marginal propõe exatamente o oposto, uma visão complexa e paradoxal, poliestratificada, da subjetividade. Os níveis profundos (simbióticos em particular) do funcionamento subjetivo revelam sua permanente criatividade e suas capacidades empáticas, também essenciais para a atividade do analista, que é regido pela compreensão da plasticidade do psiquismo, do valor das suplências e compensações que constituem frequentemente a riqueza paradoxal do patológico" (tradução nossa, Bercherie, 1984: 111)²⁹

Como explicita no trecho citado, Bercherie acredita que a corrente marginal dá um novo lugar para aquilo que é simplesmente considerado como sintoma ou sinal de patologia pela psicologia do ego, ou seja, para os chamados "níveis arcaicos do funcionamento mental". Desta forma, esta corrente adota uma visão poliestratificada do psiquismo, na qual determinados modos arcaicos de relação com os objetos persistem, sendo, inclusive, importantes para que os vínculos emocionais se dêem e não menos fundamentais para que o analista possa exercer sua tarefa (empatia). Bercherie observa que o trabalho dos "marginais" relativiza, dá uma nova dimensão, aos empréstimos muitas vezes tomados da própria psicologia do ego, sob o ângulo das relações entre a subjetividade e o seu ambiente *real* - tal como é, de fato, considerado pela perspectiva positivista de Hartmann. Segundo os marginais, a subjetividade se constitui na história singular de cada sujeito em suas relações com o ambiente.

Ora, não é absurdo supor que a teoria de Kohut possa muito bem se enquadrar na corrente marginal descrita por Bercherie. Nossa hipótese é a de que

²⁹ "Le courant marginal propose toujours au contraire une vision complexe et paradoxale, polystatifiée, de la subjectivité. Les niveaux profonds (symbiotique en particulier) du fonctionnement subjectif y révèlent leur permanente créativité et leurs capacités empathiques, aussi essentielles pour l'activité de l'analyste qu'éclairantes pour la compréhension de la plasticité du psychisme, de la valeur de suppléances et des compensations qui font souvent la richesse paradoxale du pathologique."

a teoria do self de Kohut seja um exemplo legítimo da ruptura com a psicologia do ego descrita acima. Kohut substitui a preocupação com a adaptação do ego à realidade pela teoria das relações do self com seus objetos arcaicos (selfobjetos). Além disso, Kohut atribui a estas relações uma função privilegiada na consolidação de um psiquismo saudável, que adquire a capacidade de se comunicar empaticamente com os objetos, aquisição esta que, por sua vez, é a base fundamental para que se possa exercer a função de analista. Levando em conta estas observações, incluiremos Kohut na tendência marginal, tal como foi delimitada por Bercherie, e aplicaremos algumas das observações feitas a respeito das teorias "marginais" à teoria do self, na tentativa de compará-la com a teoria de Lacan.

Segundo Bercherie, a principal riqueza do pensamento trazido pela "família marginal" é o fato de que ela visa, essencialmente, ampliar os meios de intervenção clínica do analista, possibilitando uma maior "elasticidade" da técnica. Isto é sustentado teoricamente por uma concepção de desenvolvimento espontâneo do psiquismo e de suas relações objetais, desde que este não seja perturbado em seu curso. As relações entre o sujeito e o seu ambiente (a ordem objetal principalmente) são originárias, fundadoras da estrutura da subjetividade, e permanecem pela vida afora sob a forma de uma dialética constante entre o intersubjetivo e o interrelacional. O processo patológico será reversível na medida em que o paciente possa regredir ao ponto onde se deu uma dita "catástrofe" inicial - "catástrofe" ambiental - afim de poder reconstituir o processo interrompido. Portanto, cabe ao analista, basicamente, não atrapalhar este processo e deixar-se ser guiado pelo paciente de acordo com suas necessidades, sem rigidez técnica.

Estes princípios básicos que caracterizam a corrente ambiental servem perfeitamente como demonstrativos da ruptura da teoria do self de Kohut em relação à psicologia do ego. No caso do lacanismo, Bercherie demonstra que há ruptura basicamente em relação aos mesmos fatores relativos ao monadismo ao qual os ambientalistas marginais se opõem, só que estes são transcritos de forma bastante diferente, mais radical, e afinados com o próprio contexto das teorias predominantes no sistema filosófico-cultural francês.

“Deste modo, por sua vez, a corrente francesa escapa do monadismo metapsicológico e ascende, mais radicalmente que os marginais - visto que a conceitualização “transicional” permanece ambígua - a uma verdadeira modelagem dos efeitos fundadores do sujeito ao registro objetal”(tradução nossa, Bercherie, 1984: 115).³⁰

De acordo com Bercherie, na teoria lacaniana o registro objetal se faz presente tanto através do registro do simbólico quanto do registro do imaginário, ambos determinantes na constituição do sujeito. Como já vimos, o sujeito só pode se ver como um eu (*moi*), como uma imagem, como um outro - estando estes no nível do registro objetal imaginário. Porém, a grande novidade introduzida por Lacan é a sua teoria do simbólico, que marca, basicamente, que a formação do eu como imagem depende inteiramente de um certo posicionamento simbólico, de um terceiro termo entre o sujeito e a imagem, ou melhor, de que o sujeito seja, originalmente, falado pelo Outro (podendo assim figurar neste discurso como um outro). A situação do sujeito, e do próprio eu, depende inteiramente da sua determinação simbólica, do lugar que lhe é dado pelo Outro - este estaria em um nível de um registro objetal simbólico.

A partir disto, podemos considerar, junto com Bercherie, que, com a teoria do simbólico, Lacan é radical quanto à função do registro objetal na constituição do psiquismo, colocando a alteridade no cerne mesmo da subjetividade. Há um descentramento permanente do sujeito em relação ao eu (ao qual ele tem acesso). Da mesma forma, na clínica, a função simbólica que assume o analista é o ponto central da sua teoria da técnica, aquele que justifica uma atitude mais reservada do que em outras correntes, assentada sobre a emergência dos significantes, para que possa ser suporte de uma relação do sujeito com o seu próprio Outro, assim como para as transformações deste processo na transferência. Logo, a marca da teoria lacaniana pode ser resumida na noção de que a alteridade é intrínseca à subjetividade.

Portanto, a respeito da participação do registro objetal na constituição da subjetividade, as teorias de Kohut e Lacan podem ser aproximadas apenas no que diz respeito a um nível objetal imaginário, ou seja, de objetos históricos do sujeito,

³⁰ “Ainsi, à son tour, le courant français échappe-t-il au monadisme métapsychologique et accède-t-il plus radicalment que les marginaux - car la conceptualisation “transicionale” demeure ambiguë - à une véritable modélisation des rapports fondateurs du sujet au registre objectal.”

encarnados em pessoas de suas relações. Veremos agora até que ponto esta semelhança pode ser transposta - ou não - para alguns dos conceitos elaborados pelos dois autores. Estabelecemos, para isso, quatro categorias básicas a serem discutidas a partir dos conceitos construídos por ambos: a função do registro objetal no narcisismo; a questão da idealização; a questão da agressividade em sua relação com o narcisismo; a situação clínica e a transferência.

A função do registro objetal no narcisismo

Conforme já foi exaustivamente falado, tanto para Lacan quanto para Kohut, o registro objetal está em articulação direta com as suas próprias concepções do narcisismo, guardando-se as devidas distinções. O conceito kohutiano de selfobjeto é da maior relevância neste tópico, na medida em que o consideramos como aquele que permite a articulação mais precisa com um conceito correspondente na teoria de Lacan. Para recapitular, os selfobjetos são definidos como objetos que estão a serviço do self e da preservação de seu caráter pulsional, sendo vividos como parte do self. São objetos externos, encarnados inicialmente nas figuras parentais, e posteriormente encontrados em outras relações dos indivíduos. Desta forma, o conceito de selfobjeto parece estar em correspondência direta com o conceito lacaniano de outro ou pequeno outro, na medida em que este é utilizado por Lacan para designar o outro em seu aspecto imaginário, aquele que constitui a imagem narcísica do eu (eu ideal). A partir disso, para Lacan, o investimento no outro corresponde ao investimento no próprio eu. Portanto, em ambas teorias não há oposição entre investimento narcísico e investimento objetal, ou seja, investindo-se no outro (selfobjeto) investe-se no próprio eu (self).

No âmbito da constituição do psiquismo, também podemos encontrar uma certa semelhança na função do registro objetal para a constituição do eu/self. Entretanto, em termos lacanianos, trata-se aqui do registro objetal tomado em sua dimensão simbólica. Enquanto que, para Kohut, o self se torna coeso a partir de um processo de internalização transmutadora das experiências com os primeiros selfobjetos - que se cristalizam no pólo do self grandioso e, posteriormente, da

imago parental idealizada - para Lacan, o eu se constitui numa dialética de identificação ao outro, mediada necessariamente pelo Outro.

Retomando a citação anterior de Bercherie (cf. Bercherie, 1984: 115), supomos que há uma sutil diferença - que pode fazer muita diferença na clínica, como discutiremos mais adiante - na forma como é abordada a questão da constituição subjetiva pelos dois autores. Esta diferença reside no fato de que, para Lacan, há uma alteridade, uma instância simbólica, representada pelo ideal do eu, que antecede a própria constituição do eu, assim como qualquer interação com os objetos propriamente ditos. Não há narcisismo, nem eu como unidade, anterior a uma determinação simbólica. O que isto quer dizer? Quer dizer, basicamente, que o reflexo enquanto tal não tem valor, se não for regulado por uma lei, por um desejo a ser alcançado, o que implica, necessariamente, em uma defasagem em relação à imagem. O sujeito se aliena na imagem exatamente para suprir o despedaçamento no qual a própria linguagem, o Outro, o colocou, ao mesmo tempo em que sua apresentação enquanto imagem só tem sentido como resposta a esse Outro.

Observamos então que Lacan demarca insistentemente a presença necessária de uma instância mediadora na relação narcísica do sujeito à imagem. Como já foi visto, o reconhecimento da imagem é regido por uma lei simbólica (ideal do eu). Da mesma forma, clinicamente, o registro simbólico é o que permite que haja uma certa "descolagem" do sujeito em relação à imagem, até para que este possa reconhecer-se nesta, ao mesmo tempo que a reconhece enquanto imagem. Assim, a proposta clínica de Lacan se distancia do que é proposto por Kohut como necessidade de uma internalização da função selfobjetal na análise, sem fazer distinção entre reconhecimento da imagem (selfobjeto) e imagem. Desenvolveremos esta hipótese mais adiante, quando nos determos nas questões clínicas especificamente.

Em resumo, a concepção do narcisismo como relação especular com o outro (selfobjeto) é bastante semelhante para os dois autores. Porém, Lacan acrescenta um terceiro termo nesta relação dual, o que gera consequências particulares para a sua compreensão deste fenômeno. Enquanto o selfobjeto é um objeto concreto e externo, no qual se sustenta a existência do próprio self - tanto em seu polo do self grandioso quanto no polo da imago parental idealizada - e que

é internalizado espontaneamente ao longo de um bom desenvolvimento, para Lacan, o outro é o próprio eu do sujeito, ou seja, estes processos de constituição do eu e do outro são equivalentes. Portanto, segundo Lacan, em um nível imaginário não há distinção entre o eu e o outro. Só em um plano simbólico esta diferenciação é possível. A introdução do registro do simbólico como "função objetat", marca fundamental da teoria lacaniana em distinção à teoria de Kohut, também se refletirá no plano das formulações de ambos a respeito da idealização e da agressividade.

A questão da idealização

Prosseguindo na trilha das categorias predefinidas, vejamos como os nossos autores veem a questão da idealização. Para Kohut, a idealização diz respeito à imago parental idealizada do self, que constitui o outro polo dos objetos arcaicos do self - além do objeto do self grandioso que dá origem ao próprio self, como foi explicitado acima. Este polo é resultante de uma internalização de objetos idealizados da infância, dando origem ao polo da imago parental idealizada.

Esta relação de bipolaridade self - imago parental idealizada remete facilmente ao par eu ideal - ideal do eu em Lacan. A afirmação de que "o homem é conduzido por seus ideais e empurrado por suas ambições (self)" (Kohut, 1966: 14), coloca o polo idealizado do self em uma posição de grande destaque na teoria de Kohut. A este é atribuída a função de direção interior através da constituição de nossos padrões, valores e ideais. Para Kohut, portanto, a idealização é importante como fator constituinte da própria imago parental idealizada - ou seja, do próprio ideal do eu, em termos freudianos ou lacanianos. Conforme enfatiza Kohut em vários momentos, a idealização é o movimento original da libido em direção aos objetos, correspondendo a um maior amadurecimento do self.³¹

Já na teoria lacaniana, a idealização é um fenômeno imaginário, que diz respeito a um estado em que o eu ideal é que colocado no lugar do objeto, o que é fruto de uma compreensão totalmente divergente de Kohut quanto à importância deste processo para a constituição do psiquismo. Para Lacan, mais uma vez, há uma distinção entre idealização (imaginária) e ideal do eu (simbólico). O ideal do eu antecede e até mesmo possibilita a formação de qualquer imagem, seja do eu ideal, seja do objeto (outro), às avessas da internalização da "imago" proposta por Kohut. Como vimos, para Lacan, a idealização é associada aos estados de apaixonamento e leva o sujeito a uma alienação quanto ao seu desejo, que fica totalmente submerso no desejo do outro. É quase como se para Lacan, a idealização apontasse para uma "regressão", ao invés de avanço, como é para

³¹ Aqui fica clara a presença de uma certa gradação no padrão das relações selfobjetais ou narcísicas, a partir do pólo primário do self grandioso. Isto pode, talvez, justificar a presença da categoria de "amor objetal

Kohut. Segundo Lacan, a idealização aliena o sujeito de seu desejo e o faz escravo de satisfazer o desejo do outro.

A partir destas considerações, podemos supor que a polaridade self/imago parental idealizada de Kohut aponta para um desenvolvimento da libido narcísica, enquanto que o par eu ideal/ideal do eu de Lacan diz respeito a uma relação de interdependência, de interrelação necessária e permanente entre imagem e desejo. Portanto, também em relação à questão da idealização, fica evidente que o grande divisor de águas das duas teorias é a distinção proposta por Lacan entre os planos simbólico e imaginário. Isto terá fortes repercussões para a discrepância no modo como os dois psicanalistas veem a presença da idealização no interior de um processo analítico, como veremos adiante.

A questão da agressividade em sua relação com o narcisismo

É bastante interessante que o tema da agressividade seja abordado pelos dois autores aqui em questão como fenômeno maciçamente ligado ao narcisismo. Podemos supor que isto é decorrente de alguns pressupostos também semelhantes apresentados em relação ao registro objetal na ordem do narcisismo. Se o objeto é tomado como parte do próprio self (selfobjeto) ou se o objeto captura inteiramente o eu do sujeito (outro), de fato, estamos, em ambos os casos, muito próximos da possibilidade de uma perturbação da própria subjetividade provocada por estas relações com os objetos.

Retomando o ponto de vista de Kohut (1971 a), vimos que a "fúria narcísica" é definida por ele como aquela reação do indivíduo narcisicamente vulnerável ao selfobjeto que não satisfaz suas necessidades de suporte para o seu narcisismo, que o frustra, o que é vivenciado como uma "ferida narcísica". Kohut especifica, ainda, que este selfobjeto pode ser tanto um selfobjeto idealizado, quanto um selfobjeto especular.

Já para Lacan, a agressividade proveniente da situação imaginária do sujeito é explicada em termos de "rivalidade". A fórmula "o desejo do homem é o desejo do outro" (Lacan, 1953: 205), explicita, justamente que, no plano imaginário,

verdadeiro", que pode ter sido utilizada por Kohut como recurso teórico para demarcar a extremidade oposta

o sujeito se sente inteiramente capturado pelo outro, colado. A rivalidade é uma consequência, no plano imaginário, de uma alienação do sujeito no outro, que mata a sua própria subjetividade e o seu desejo. A cada vez que o sujeito se dirige a um outro (imaginário), se anula enquanto desejante. Por isso, como no caso da idealização, a saída para esta situação implica, de alguma forma, em um movimento de libertação desta prisão imaginária, no caso, através da fala ao Outro, da dimensão simbólica.

Novamente adotando um ponto de vista mais radical que Kohut, Lacan interpreta a agressividade em sua relação com o narcisismo como uma reação a um perigo de *morte* e não a uma *ferida narcísica*. É interessante observar que, na visão lacaniana, a agressão é da ordem de uma luta pela própria sobrevivência psíquica, resposta a uma situação de *rivalidade* imaginária, na qual o sujeito tenta matar o outro que o sufoca em sua singularidade. Já para Kohut, a agressão é uma resposta a uma *frustração*, sendo entendida muito mais como um *pedido*, demanda da *presença* do selfobjeto.

De fato, não é difícil prever que o modo pelo qual cada um teoriza a respeito da agressividade resulta em uma maneira diferente de trabalhar esta situação na transferência. Guardemos novamente esta discussão para anexá-la aos outros tópicos clínicos.

A situação clínica e a transferência

Em relação à situação clínica, os dois autores coincidem em alguns aspectos da abordagem da transferência em sua dimensão narcísica. Enquanto para Kohut o analista *deve* ser tomado como selfobjeto, para Lacan o analista *pode* ser visto como outro (imaginário). Nossa questão, então, se desloca mais para o uso distinto que é feito por ambos desta leitura, de certa forma semelhante, da situação de análise, a partir das divergências que já apontamos no nível teórico. É curioso observar contudo que, aparentemente, essas duas linhas da psicanálise divergem muito mais em relação aos meios pelos quais o analista intervém numa análise do que quanto à compreensão daquilo que se passa com a transferência

em um nível narcísico por excelência. A propósito, nenhum dos dois considera que o objetivo da análise seja a redução da transferência, sendo esta considerada como distorção da realidade, tal como propõe a psicologia do ego. Ambos propõem um trabalho na transferência, para além da repetição, um trabalho de criação.

Segundo Serge Cottet (1985), foi o ponto de vista sobre a "fúria narcísica" que levou Kohut a adotar uma nova concepção da transferência - que rompe com a concepção tradicional. Ao considerar a "fúria narcísica" como um sintoma, que tem sua máxima emergência na transferência, Kohut supõe que o analista passa a fazer parte do sintoma do paciente. Logo, podemos identificar aqui um ponto em comum entre as concepções clínicas dos dois autores, que tomam a transferência como o meio privilegiado no qual as mudanças nos padrões de relação do paciente se operam. Só que, para Kohut, transferência não é vista como resistência, mas como empenho na busca por selfobjetos empáticos afim de completar o seu desenvolvimento. Portanto, na visão de Kohut, as mudanças que ocorrem na transferência são concebidas em termos de desenvolvimentos, de reparações a determinadas falhas identificatórias, enquanto que, para Lacan, estas mudanças consistem justamente na saída de determinadas prisões identificatórias que se repetiam na situação analítica. De fato, como mostramos no capítulo anterior, a ênfase dada por Kohut no trabalho analítico é nas *experiências* (grifo nosso) que são vividas transferencialmente com o analista, sendo estas *experiências* capazes de reparar danos nas relações com os selfobjetos que não puderam ser supridos ao longo do desenvolvimento.

Vejamos agora algumas consequências clínicas importantes decorrentes das concepções de Kohut e de Lacan a respeito da idealização. Para Kohut, ela aparece na transferência sob a forma de transferência idealizada, indicando, não uma resistência, mas um processo de reparação, que tem seu movimento próprio e que não deve ser dissolvida. Na ótica kohutiana, como observa Cottet (1985), a cura se dá pela experiência deste vínculo (imaginário), que, por sua vez, possibilita a experiência da coesão do self. Porém, como vimos, para Lacan a relação analisando-analista deve se dar predominantemente em um eixo simbólico, e não puramente imaginário. O analista deve se situar como Outro e, de modo contrário à proposta de Kohut, visa justamente levar o analisando a sair de sua prisão

imaginária. A idealização, como nos diz Lacan (1953-54), é apenas uma etapa do processo analítico, uma das maneiras pelas quais a captura narcísica do sujeito se manifesta na transferência, e que deve, portanto, ser superada.

Nestes moldes, enquanto Kohut utiliza a metáfora do espelho no sentido de refletir a imagem e o exibicionismo do self, dando-lhe coesão, o espelho móvel de Lacan visa justamente deslocar a imagem de sua fixidez pela via da palavra. Na abordagem lacaniana, o lugar do analista é muito mais enfatizado em termos de promoção de descontinuidades, queda de imagens e identificações aprisionadoras e alienantes. O espelho que constitui o analista para Lacan é o próprio campo do Outro, que aponta para a relativização da imagem e compromete o sujeito com o lugar de onde olha, fazendo-o falar. Desta forma, parece que a ênfase dada ao analista enquanto presença ou ausência por cada um deles é oposta, o que oculta, no nosso entender, o valor da própria oscilação entre estes pólos para a realização de uma boa análise.

Chegamos, portanto, a uma hipótese quanto à importância do par ausência/presença para a função exercida pelo analista na transferência. Acrescentamos, ainda, que esta hipótese provavelmente pode ser articulada a um comentário crítico feito por Bercherie (cf. Bercherie, 1984: 117) em relação ao lacanismo. Segundo o autor, enquanto os psicanalistas da "família marginal" esforçam-se para acolher "a criança do paciente" e buscam entrar em uma relação terapêutica com ela, os ortodoxos comportam-se frente a esta como pais todo-poderosos ou pedagogos e os lacanianos parecem nada querer saber desta criança. Nesse sentido, Bercherie nota que os lacanianos dirigem-se apenas "ao adulto no paciente" - no sentido da ênfase na não-resposta às demandas imaginárias - posição que situada como humanamente prudente, mas clinicamente inadaptada. Concluimos então, que Bercherie talvez esteja apontando através deste comentário que seria interessante que o analista pudesse transitar, de alguma forma, pelas duas abordagens do paciente, a criança e o adulto, em outras palavras, tanto no nível da demanda (imaginária) quanto no nível do desejo (simbólico).

As divergências examinadas a respeito da agressividade no enfoque dos dois autores aqui em questão também se coadunam com estes diversos modelos observados por Bercherie: o modelo do paciente como criança a se desenvolver,

adotado por Kohut, e o modelo do adulto que fala ao Outro, utilizado por Lacan. Na perspectiva de Kohut, a "fúria narcísica" não deve ser interpretada pelo analista, já que ela regride espontaneamente à medida em que a coesão do self vai sendo alcançada através da relação transferencial. Porém, não fica muito claro, o que é feito nestes momentos de instabilidade da relação analítica. Deduzimos que o analista deveria aguçar a sua percepção empática sobre as necessidades narcísicas do paciente, a fim de poder responder adequadamente a elas. Isto talvez possa explicar o fato de que, na teoria kohutiana, a função do analista seja definida mais em termos de presença, de encontro, de compreensão, de empatia, de continuidade. Estes elementos são, por si só, valorizados, já que são definidos em termos de possibilitar que o paciente vivencie aquilo que ele não pôde vivenciar de forma estruturante na sua infância e que o impediu de completar seu desenvolvimento.

Situando-se em uma posição bastante divergente do ponto de vista de Kohut, a marca clínica da concepção de Lacan - no período que estamos privilegiando aqui, ou seja, no período de seus primeiros seminários - é, grosso modo, enfatizar a inevitável inadequação da resposta do outro, tanto imaginário quanto simbólico, de modo a permitir que o sujeito possa assumir verdadeiramente o seu desejo. Este é determinado simbolicamente, só sendo acessível tangencialmente, através da fala ao Outro. Conforme já foi visto, este processo é concebido como um processo que se opera, eminentemente, na esfera da transferência. Logo, para Lacan, a transferência também é criação, mas criação possibilitada particularmente pela dimensão simbólica, que fará o sujeito, de certa forma, deslizar em "cadeias de imagens" (do eu e também do outro), proporcionalmente ao deslizamento significativo que se dá na fala.

Portanto, em termos lacanianos, a saída kohutiana para lidar com a agressividade do paciente não transcende o plano imaginário. Há uma crença na garantia de que o analista pode dar algo ao paciente, algo que ele não teve na sua vida real. Dando a oportunidade do paciente experimentar na transferência uma relação com um selfobjeto empático, o paciente torna-se capaz de ir, pouco a pouco, fazendo "internalizações transmutadoras" desta relação selfobjetal, até que possa prescindir dela. Para Lacan, nada que é dado pelo analista (no caso, como outro) pode ser adequado às expectativas do paciente. A análise não serve,

portanto, para a satisfação de desejo algum, nem para a "internalização" de objeto nenhum, mas sim para que possa haver um reconhecimento do desejo e um relativo distanciamento do sujeito em relação às imagens, engôdos aos quais o desejo se fixa na busca de satisfação.

Ao conceituar a internalização transmutadora, Kohut introduz ainda um outro conceito clínico bastante interessante para nossa discussão: o conceito de "frustração ótima". Este conceito diz respeito à frustração que o paciente vivencia, espontaneamente, na relação com o analista - como deveria ter sido com os pais na infância - momentos de frustração das respostas empáticas, sendo exatamente esta vivência, de forma ótima, o que determina que haja a "internalização transmutadora". As experiências de "frustração ótima" se dão, basicamente, a partir da regra da abstinência e dos desencontros que naturalmente se farão presentes, a despeito de uma intervenção propriamente analítica. O acaso se encarregará de promover a quebra nessa continuidade, uma quebra não brusca, que promova a formação de estruturas, dando coesão ao self, "através da internalização transmutadora".

Isto nos faz supor que Kohut, de certa forma, valorizava a experiência da não-resposta do outro na transferência, conforme propõe Lacan. Porém, o conceito de "frustração ótima" aparece nos escritos de Kohut como uma noção bastante vaga. Nos perguntamos, por exemplo, o que definiria, em última instância, o caráter *ótimo* da frustração necessária ao paciente em análise? Ou ainda, o que garantiria que esta frustração não fosse vivida como "ferida narcísica", gerando, por sua vez, a fúria narcísica? A respeito destas questões, é muito pertinente a observação de Bercherie (1984) de que falta à corrente "marginal" um modelo metapsicológico e clínico mais consistente, que dê conta da complexidade dos temas tratados. Bercherie comenta a riqueza das observações clínicas trazidas por estes autores, que permanecem, porém, explicadas em termos quase que intuitivos ou em elaborações teóricas do tipo *patch-work*. Por outro lado, Bercherie também observa que, no caso do lacanismo, paga-se um preço por deter o modelo metapsicológico mais bem construído e coerente, que contém a teorização mais séria e mais ampla. Isto é explicado da seguinte forma:

"Um método muito dedutivo não contém aquela indeterminação conceitual que Freud nos designou como uma dimensão fundamental da conceitualização científica, esta que mantém a abertura no campo da pesquisa" (Bercherie, 1984:118)

Desta forma, Bercherie faz uma alusão à epistemologia, na qual os métodos indutivo e dedutivo se opõem, mas, ao mesmo tempo, representam duas faces da metodologia que são inseparáveis. Conclui, então, que há um gradiente de possibilidades entre os dois extremos, que caracteriza, segundo ele, o campo da pesquisa contemporânea em psicanálise. Enquanto que, em um extremo, situa-se a "família marginal", o outro polo é ocupado pelo lacanismo. A partir deste enquadre, Bercherie supõe, enfim, que Freud, devido a sua utilização de modelos os mais heterogêneos entre si, continua a ser o mais abrangente, cuja teoria tem maior amplitude do que a de qualquer um de seus herdeiros.

Refletindo com Bercherie, se podemos falar em equivalências conceituais entre Kohut e Lacan, é no sentido de encontrar equivalências potenciais entre conceitos das duas teorias, que abrem a possibilidade para uma escuta semelhante daquilo que é trazido por nossos pacientes, semelhança esta que permite a troca e o enriquecimento mútuo entre as duas teorias.

4.2. As duas análises do Sr. Z.

Prosseguiremos comentando um caso clínico apresentado por Kohut (1979 b), no qual expõe uma análise que se deu em dois tempos diferentes, sendo que, de uma análise para a outra, o analista modificou a linha teórica que servia de base para a sua prática. Com a exposição de *As duas análises do Sr. Z.*, Kohut se propôs a mostrar as consequências clínicas de sua recém-elaborada teoria do self, em distinção ao modelo tradicional de análise utilizado por ele anteriormente, mais ortodoxo e bastante influenciado pela psicologia do ego então em evidência nos E.U.A. Apresentaremos este caso para que possamos visualizar melhor as discussões feitas no plano teórico a respeito das rupturas de Lacan e Kohut em

relação à psicologia do ego, aproveitando ainda para discutir a segunda análise, baseada nos pressupostos da teoria do self, também a partir de um enfoque lacaniano.

4.2.1. Apresentação do caso

Como declara Kohut (1979 b), a análise do Sr. Z. aconteceu em duas etapas, cada uma das quais conduzida durante quatro anos, cinco vezes por semana, separadas por um intervalo de cerca de cinco anos e meio. Durante a primeira etapa, o material analítico foi focado do ponto de vista da análise clássica, tal como o próprio autor coloca na introdução de sua apresentação do caso³². A segunda etapa porém, iniciou-se quando ele escrevia *Formas e Transformações do Narcisismo*, em 1966, terminando quando ele publicava seu primeiro livro, *A Análise do Self*, em 1971. Esta localização temporal das duas análises é utilizada por ele no sentido de demonstrar que a mudança na sua visão teórica influenciou decisivamente no enfoque de sua percepção da psicopatologia do Sr. Z, possibilitando assim o acesso a determinados pontos que não haviam sido alcançados da primeira vez.

Quando o Sr. Z. procurou Kohut pela primeira vez, tinha 25 anos de idade e era aluno da pós-graduação. Filho único, vivia com sua mãe, em grande conforto financeiro. Seu pai, que havia falecido há quatro anos, tinha sido, não somente um executivo muito bem sucedido, como também era herdeiro de considerável fortuna. Sr. Z. tinha como queixa, além de uma série de leves sintomas somáticos, o fato de sentir-se solitário porque não conseguia estabelecer relacionamento com garotas. O único amigo com quem saía, às vezes acompanhados também pela mãe, havia se ligado recentemente a uma mulher mais velha, afastando-se do paciente. Isto, segundo Kohut, constitui o evento que desequilibrou aquilo que unia defensivamente os três, precipitando a busca do paciente pela análise.

Como relata Kohut, após algum tempo de análise, Sr. Z. começou a vencer seu forte sentimento de vergonha em relação ao analista, e passou a revelar

³²Entendemos que a doutrina "clássica" à qual Kohut se refere é constituída principalmente pelos princípios da psicologia do ego, devido à própria hegemonia desta teoria no meio psicanalítico no qual Kohut estava

fantasias masturbatórias masoquistas, onde realizava tarefas submissas a serviço de uma mulher dominadora. Contou que lembrava dos primeiros anos de sua infância como uma época feliz, marcada apenas por uma doença grave do pai, quando ele tinha cerca de três anos e meio. Nesta ocasião, o pai se apaixonou por uma enfermeira e abandonou a família por um ano e meio, tempo que durou esta relação.

Durante o primeiro ano de análise, as interpretações giraram em torno da transferência da relação com a mãe. A transferência era interpretada insistentemente, sendo associada ao narcisismo defensivo do paciente, manifesto em seu sentimento fantasioso de grandiosidade e em sua demanda de que a situação psicanalítica viesse a resgatar a posição de controle exclusivo em que ele se encontrava na infância, na ausência de rivais edípicos. O paciente reagia com muita raiva a tais interpretações. Em sequência, foram trabalhados mais aspectos relativos a seu complexo de Édipo, tais como sua fantasia da mulher fálica e sua angústia de castração. O narcisismo defensivo era interpretado como uma proteção contra a dolorosa consciência do pai como rival e contra a angústia de castração que disso decorria. Dentro dessa perspectiva, também eram explicados seu masoquismo (culpa pela posse da mãe pré-edípica) e seu relacionamento homossexual com um professor, que ocorreu durante dois anos de sua adolescência (reativação da felicidade pré-edípica).

Kohut aponta entre os resultados da primeira análise o desaparecimento das fantasias masoquistas do Sr. Z., a decisão de se mudar da casa da mãe para um apartamento seu, e, ainda, o fato de já manter relacionamentos sexualmente ativos com moças de sua faixa etária e de seu meio social. Mas o sinal mais significativo de seu progresso, ligado ao enfrentamento de seus conflitos mais profundos, é referido a um sonho que aconteceu cerca de um ano e meio antes do final desta primeira etapa. Neste sonho, o pai queria entrar em casa, carregado de embrulhos de presentes, enquanto que o paciente, assustado, tentava fechar a porta para manter o pai lá fora. Novamente, foi interpretada sua tendência a se retirar da competição e afirmação masculina.

inserido, conforme já foi visto anteriormente. Portanto, o relato deste caso possibilita também ilustrar clinicamente as dissidências de Lacan e Kohut em relação à psicologia do ego.

No intervalo entre a primeira e a segunda análise, o paciente manteve contato com o analista por meio de cartões de agradecimento e felicitações. Quando voltou a procurá-lo, contou que, apesar de ser sexualmente potente, achava que os relacionamentos que estabelecia eram emocionalmente pouco profundos e que sua vida sexual não lhe dava satisfação real. Paralelamente, dizia não se sentir satisfeito com a sua profissão, a qual era experimentada como um peso. Também mencionou que voltara a ter desejos de se masturbar com fantasias masoquistas. No entanto, segundo Kohut, o fator que mais poderia ter influenciado seu paciente a voltar a procurá-lo foi a séria mudança de personalidade da mãe. Desde que o Sr. Z. se mudara, sua mãe começou a ficar cada vez mais isolada em casa e, cerca de dois anos antes de sua volta à análise, começou a desenvolver um sistema de fantasias paranóides. Entretanto, o que o paciente relatou, a partir disso, foi que considerava esta situação de doença da mãe, não como uma força perniciosa que o arrastava para a antiga doença, mas como uma força de integração que o impelia em direção à saúde.

A segunda análise começou, conforme conclui Kohut, exatamente do ponto onde a primeira havia falhado mais significativamente: da relação do paciente com o pai e as implicações que isso tinha para ele próprio. Já de início Sr. Z. trouxe um sonho com uma figura masculina idealizada, a qual associou com o pai e com o próprio analista. Houve então uma curta fase de idealização que, de acordo com a nova teoria de Kohut (1971), já consistia numa transferência narcísica em estado nascente. Em seguida, esta deu lugar ao que ele chamou de uma transferência especular fusional, que se assemelhava muito com o ocorrido na primeira análise, quando o paciente tornava-se centrado em si mesmo e exigia do analista uma empatia perfeita.

A principal mudança na leitura de Kohut desta situação, como ele próprio revela, é o fato de que, na primeira análise, o paciente era considerado como um centro de iniciativa independente, esperando-se que ele, com ajuda de *insights* analíticos, abandonasse suas necessidades narcísicas e crescesse. Na segunda análise, porém, o narcisismo do paciente é aceito como necessário à sua própria constituição subjetiva. A partir deste novo modelo teórico, o paciente estava elaborando ali na transferência a relação com um selfobjeto nocivo, lutando para desvencilhar-se dele e para se delimitar enquanto self. A percepção da mãe como

um objeto que sufocava a existência dele independente dela, fez-lhe reinterpretar de outra forma outros fatos da sua vida, tais como a fuga do pai com a enfermeira, que passou a ser vista como uma tentativa do mesmo de fugir de uma relação escravizante com a mãe. Da mesma maneira, vieram à tona lembranças de sua infância que não apareceram durante sua primeira análise.

Contudo, o reconhecimento deste e de outros aspectos de sua vida deu-se em meio a relutâncias e incertezas do paciente quanto àquilo que ele próprio falava. Na visão de Kohut, isto representava o medo de perder a mãe como selfobjeto arcaico e o correspondente self arcaico, o qual, nestes momentos, era considerado por ele como o único que tinha. A segunda análise focalizou a depressão e a desesperança que a atitude da mãe provocava nele. É muito interessante a interpretação que Kohut dá para o fato de que o próprio material trazido pelo paciente tenha mudado de uma análise para outra. Segundo ele, na primeira fase o paciente se encaixara na visão que o próprio analista tinha da situação, em função de responder às expectativas teóricas do mesmo, da mesma forma que na infância se ajustara às exigências da mãe. Isto denuncia de que forma as convicções teóricas de um analista podem se mesclar ao sintoma de um paciente, ou, mais radicalmente, como afirma Serge Cottet (1985), como a própria cura pode se constituir num sintoma.

Outro tema que surgiu com mais vigor na segunda análise foi o das preocupações com a figura paterna. O que aparecia, principalmente, conforme observa Kohut, era o desconforto de perceber o pai como subjugado pela mãe e fraco para servir-lhe de objeto de admiração e identificação. Da mesma forma, este desconforto passou a ocorrer também na transferência. O analista tinha que ser visto sempre como uma figura idealizada e sem falhas. O relacionamento homossexual com o professor passa a ser visto, então, como uma amizade enriquecedora com um homem forte e admirado, na tentativa de buscar o que não havia tido na relação com o pai. Seguiu-se a isso todo um processo de recuperação de memórias de infância com o pai e resgate de alguns momentos de intensa cumplicidade entre os dois. Na compreensão de Kohut, este foi o momento crucial da análise. Consistiu na preparação para a reativação de um self nuclear independente. Até então, este self nuclear lhe era desconhecido, já que estava cristalizado em torno de uma relação não reconhecida com seu selfobjeto pai.

Quanto ao modo de analisar de Kohut, percebe-se que ele manteve uma postura mais silenciosa, aguardando as associações do paciente, aliada, em alguns momentos, à posição interpretativa clássica. Um exemplo interessante de suas intervenções que é relatado por ele se deu quando, em uma determinada época do processo, ele interpretava a "angústia de desintegração". Neste momento, Kohut interpreta a própria resistência do paciente às interpretações no sentido de que estas entrariam no circuito sintomático do paciente, fazendo-o se perguntar sobre qual realidade era a real: a realidade de sua mãe, a que o analista defendia, ou a sua atual. À esta interpretação Sr. Z respondeu associando que realmente admitia sentir-se feliz ao se dar conta dos delírios da mãe, porque isso lhe garantia a possibilidade de ter suas próprias verdades, de se ver como separado e distinto dela.

Ao final de quatro anos, a segunda análise do Sr. Z. chegou ao seu término, sob a forma de um acordo entre paciente e analista. Sr. Z admitia sentir-se mais feliz com seu trabalho e mais realizado nas suas relações afetivas, apesar de não estar mantendo naquele momento nenhuma relação específica com uma mulher. Kohut relata porém, que Sr. Z continuou a manter alguns contatos com ele, através de cartões, e que, aproximadamente um ano após o término do processo, soube que o ex-paciente havia se casado com uma mulher com quem este se dava muito bem, compartilhando interesses, mas que respeitava a sua privacidade e as suas diferenças. Conforme comenta Kohut, estes fatos eram indicadores de que ele já não repetia o modelo arcaico de relação com a mãe.

4.2.2. Comentários sobre o caso sob a ótica kohutiana e lacaniana

Como já foi observado anteriormente, a imprecisão de algumas noções criadas por Kohut - assim como se dá nas correntes tratadas por Bercherie (1989) como "marginais" - torna-as de difícil apreensão. Com a apresentação do caso, fica claro, por exemplo, que não se trata de pura "espontaneidade", como fator que leva à elaboração das questões trazidas pelo paciente, da forma que, como vimos, é explicitada na teoria. Vejamos como isso se passa, por exemplo, em relação à "fúria narcísica". Quanto diz estar interpretando a "angústia de desintegração", na verdade Kohut parece estar trabalhando a raiva subjacente à ameaça de

separação por parte do selfobjeto, no caso, separação pelo fato do analista ou da mãe poderem ter idéias próprias.. Na primeira análise de Sr. Z, pelo contrário, podemos deduzir que, a raiva provocada pelas interpretações de "ego a ego", como caracteriza Cottet (cf. Cottet, 1985: 13), não foi devidamente considerada e acabou dando lugar a uma repetição da situação fusional com a mãe, quando ele adota para si as verdades do analista e encena uma cura de acordo com estes mesmos princípios.

Na visão lacaniana, esta raiva que aparece na relação do Sr. Z. com o analista, e também com a mãe, poderia ser explicada como um efeito provocado na transferência por um analista idealizado - que provocaria uma situação de rivalidade imaginária no paciente - em oposição ao que é postulado por Kohut. No caso específico da interpretação citada, pode-se questionar porém, se Kohut estava, de fato, ocupando o lugar da figura idealizada que, na sua teoria, é tão enfatizado como meio fundamental para a conquista de um self coeso. Nos parece que, pelo contrário, o que a prática de Kohut nos revelou, quando admite que as suas próprias verdades são verdades relativas, tal como as da mãe do paciente, o analista pôde admitir os limites do seu saber, ao invés de se afirmar como figura idealizada.

Enfim, concordamos com Cottet (1985), que observa que o que mais mudou de uma fase para a outra da análise foi o próprio Kohut, propiciando um outro destino para o processo analítico do paciente. O que nos perguntamos aqui é qual foi o estatuto desta mudança, ou ainda, o que a mudança teórica significou, de fato, na transferência. Kohut atribui esta mudança principalmente à nova introdução do tema do pai feita na segunda análise. Segundo seu ponto de vista, as interpretações maciças de rivalização edípica feitas na primeira análise, obturaram a possibilidade de que outras associações pudessem ser feitas a respeito disso, o que, de fato, traria a possibilidade de uma elaboração da relação com o pai por parte do paciente. Porém, talvez possamos pensar que não foi propriamente a introdução das novas lembranças do pai, ou a nova internalização da figura paterna, da forma como coloca Kohut, aquilo que determinou um outro destino à análise do paciente, mas sim, lacanianamente, que isto se deu pelo trabalho associativo a partir dos significantes ideais condensados na figura paterna. Partindo deste pressuposto, podemos considerar que, ao falar sobre o

pai, o paciente foi capaz de reconhecer-se simbolicamente frente à sua própria imagem, assim como frente à imagem do pai. Nas palavras de Serge Cottet (1985), houve uma reabilitação do pai imaginário, que, conforme podemos entender, significa, simultaneamente, uma reabilitação de sua função simbólica.

Esclarecendo melhor este ponto de vista, o comentário de Serge Cottet (1985), aponta para o fato de que, apesar da ênfase dada por Kohut para a importância da idealização na transferência, trata-se de uma "idealização dirigida." Não houve um reforço do "pai ideal" (nem do eu ideal), mas sim de um trabalho de deslocamento dos significantes constitutivos do ideal do eu do paciente, no sentido de revertê-los "em proveito do pai", à moda de uma revivescência do momento edípico. Acrescentamos porém, que talvez seja mais interessante pensar em termos de uma "idealização relativa", em distinção à idealização aprisionante que ocorreu na transferência durante a primeira análise. Na segunda análise, se houve uma idealização, foi uma idealização provisória, para dar lugar exatamente ao saber do próprio paciente. Ou melhor, ao invés de se fixar no desejo do outro idealizado e produzir uma cura fictícia, na segunda análise o paciente pode reconhecer o seu desejo frente à figura idealizada que ele via no analista.

Nossa hipótese é a de que o próprio fato de que o analista tenha se colocado na segunda análise de forma mais humilde, descolado de uma posição de saber absoluto, já que reconhece o tempo todo precisamente aquilo que possa ter deixado escapar na primeira análise, tenha tido papel fundamental para a modificação do processo. Como já foi descrito, a atitude do analista na segunda análise era mais silenciosa do que na primeira e, pelo próprio caráter de iniciação do analista na nova teoria, provavelmente, as interpretações foram deixadas mais ao encargo do paciente. Avançando ainda mais, talvez a principal "função selfobjetal" exercida pelo analista aqui tenha sido a de se colocar como Outro, dando a palavra prioritariamente ao paciente. Neste caso, podemos mesclar as duas teorias, fazendo-as dialogar entre si.

A respeito da transferência, Serge Cottet (1985) observa que, na primeira análise, esta foi analisada como simples repetição do passado. Isto descarta a possibilidade de uma leitura de que a própria resistência, no caso manifesta na transferência, seja vista como propiciadora de uma experiência inovadora para o paciente. O que Cottet mais ressalta, é uma exaustão interpretativa da

transferência como demanda de amor exorbitante e exigência de uma admiração desmedida, tal como haveria sido sua relação com a mãe na infância. Este ponto é crucial no que toca ao modo diferente de condução da segunda análise, onde há uma aposta de que alguma mudança ocorra na transferência, não mais tomada como pura repetição, mas como criação. Esta mudança de ponto de vista, que como vimos está diretamente ligada a uma determinada concepção do narcisismo como um estado permanente da subjetividade, sendo perfeitamente compatível com as relações objetais, aproxima as concepções de análise de Lacan e Kohut. Podemos dizer, no mínimo, que os elementos que estão em jogo na transferência são os mesmos : as instâncias narcísicas e os objetos com os quais estas se articulam.

Do ponto de vista da teoria kohutiana, o sucesso da análise do Sr. Z. foi explicado em termos de uma atualização na transferência da maturação da relação do self com seus selfobjetos. Em uma visão lacaniana, na qual a transferência também é considerada como mutativa, houve uma mudança na situação imaginária do paciente, que pôde se libertar de uma imagem aprisionante, onde o seu desejo se resumia ao desejo da mãe. Neste enfoque, isto se deu à medida em que o paciente pôde falar ao analista como Outro - que ao invés de satisfazer as suas demandas, fazia-o falar sobre o seu desejo - para além do outro (por exemplo, a mãe) que aparecia na imagem do analista na transferência.

Voltamos a ressaltar que a atuação de Kohut neste caso se orientou, principalmente, por uma preocupação de se mostrar *presente* enquanto selfobjeto empático, atento às necessidades do paciente, de forma distinta da relação nociva que ele teve com a mãe. Talvez isto justifique a atitude mais reservada de Kohut, atendendo a uma necessidade de uma *presença* mais *ausente* que a da mãe invasiva. A postura lacaniana - cuja teoria comporta uma diferenciação do objeto enquanto imaginário ou simbólico - tende mais para o lugar do analista sempre como *ausente*, reproduzindo a inevitável inadequação de qualquer *presença*, levando o paciente a falar sobre esta inadequação. Porém, o caso do Sr. Z. pode nos servir como modelo de que, inevitavelmente, *presença* e *ausência* se articulam o tempo todo na transferência no decorrer de uma análise.

Para concluir, o que pudemos observar através deste exemplo clínico é que a atuação de Kohut como analista neste caso é bastante ambígua e que não

necessariamente condiz com o que vínhamos estudando através de suas teorias. Conforme é veiculado pela teoria, a função do analista é colocar-se transferencialmente como um selfobjeto presente, que responde às demandas selfobjetais do paciente, frustrando-o apenas em alguns momentos em que isto não pôde ser evitado, ou seja, naturalmente. Entretanto, como foi apontado, a presença do analista nem sempre se deu desta forma. Isto nos faz pensar que, tal como foi mostrado por Bercherie (1984), de fato, a pouca rigidez teórica de certas teorias dá margem a que elas possam ser interpretadas de modos bastante diferentes. Por exemplo, o conceito de empatia, tal como observou o próprio Kohut na última conferência que realizou antes de sua morte (1981 b), tende a ser interpretado em termos de simpatia ou bondade.

Resta fechar esta discussão, reconhecendo a abertura ilimitada do campo das teorias em psicanálise, levando em conta a relatividade e a subjetividade que estão necessariamente articuladas na construção e aplicação delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame das convergências e divergências entre algumas correntes da psicanálise contemporânea foi o que nos motivou a realizar esta dissertação. A escolha das teorias de Lacan e de Kohut derivou, a priori, do fato de seu próprio destaque no meio psicanalítico em que estamos inseridos - ou seja, o contexto do Rio de Janeiro, anos 90 - o qual influenciou e influencia nossa formação, seja em termos do próprio contato com as respectivas teorias, seja pela orientação de nossas experiências de análise e supervisão. A necessidade de delimitarmos um tema central, que tornasse viável nosso estudo para esta dissertação, nos levou a priorizar a questão do narcisismo, já que é um assunto bastante desenvolvido por ambos. Da mesma forma, a inclusão da psicologia do ego se tornou interessante devido a sua incidência sobre o pensamento tanto de Kohut quanto de Lacan. Assim, iniciamos o nosso trabalho com uma série de questões e chegamos a algumas respostas. Mas, ao final deste percurso, não podemos deixar de confessar que muitas indagações ainda restam, e que, além delas, outras foram surgindo ao longo do nosso trabalho, as quais permanecem como fonte para futuros estudos.

Pudemos constatar, em primeiro lugar, que a dispersão no campo das teorias e práticas psicanalíticas se deve, de fato, tal como supomos no primeiro capítulo com Mezan (1988), tanto à diversidade de modelos epistemológicos que se apropriaram dos pressupostos freudianos e que resultam em múltiplas sofisticadas teorias que não se comunicam entre si, como à abertura deixada pelos paradoxos presentes na própria teoria freudiana. Nesse sentido, o texto *Sobre o narcisismo : uma introdução* (1914 b) constitui um marco no interior do arcabouço teórico freudiano, no qual se entrecruzam caminhos separados e relativamente independentes de sua teoria do psiquismo e das pulsões. Por isso mesmo, as considerações de Freud a respeito do narcisismo têm, muitas vezes, caráter enigmático, dando margem a diversas interpretações a respeito delas mesmas, assim como determinando a difícil integração do conceito a outros princípios

metapsicológicos e clínicos também formulados por Freud. Alguns destes tópicos são: a concepção do narcisismo primário, a questão da função das instâncias ideais na constituição do psiquismo e a integração da teoria do narcisismo na segunda tópica e na teoria freudiana da clínica.

Kohut e Lacan coincidem em abordar o narcisismo como um estado permanente a que está submetida a subjetividade, desenvolvendo uma certa vertente da matriz freudiana que, principalmente, privilegia a função dos ideais, marcando o caráter de descentramento da subjetividade em relação ao ego. Partindo da classificação proposta por Bercherie (1984) a respeito das correntes heterodoxas e ortodoxas, podemos constatar a concepção do narcisismo articulada ao registro objetal é, fundamentalmente, o que delimita dois grandes grupos dentro do universo psicanalítico: um deles que remete o narcisismo, de alguma forma, ao próprio registro objetal - na qual situamos Kohut e Lacan - e outro que toma o narcisismo como um estado em que o psiquismo corresponde a uma mônada fechada sobre si própria - no qual se encontra a psicologia do ego. Kohut e Lacan concebem o narcisismo necessariamente em relação ao registro objetal - sendo que a teoria lacaniana permite que se faça uma distinção entre duas formas pelas quais o registro objetal pode se fazer presente: simbolicamente ou imaginariamente. Portanto, a respeito da participação do registro objetal na constituição da subjetividade, as teorias de Kohut e Lacan podem ser aproximadas apenas no que diz respeito a um nível objetal imaginário, ou seja, de objetos históricos do sujeito, encarnados em pessoas de suas relações.

Em contraposição aos postulados da psicologia do ego, que enfatiza a autonomia egóica em relação às pulsões e aos seus objetos de investimento regressivos, podemos perceber que, tanto Kohut quanto Lacan, privilegiam a concepção de uma instância que é permanentemente investida narcisicamente - o *self*, para Kohut, o *moi*, para Lacan - a qual remete diretamente às próprias relações com os objetos. Porém, enquanto Kohut substitui a preocupação com a adaptação do ego à realidade pela teoria das relações do *self* com seus objetos arcaicos (*selfobjetos*), as quais atribui uma função privilegiada na consolidação de um psiquismo saudável, capaz de se comunicar empaticamente com os objetos, Lacan é mais radical ainda colocando a alteridade (os "objetos") no cerne mesmo da subjetividade, através da implementação do registro do simbólico, postulando

um desenterramento permanente do sujeito em relação ao eu (imagem à qual se tem acesso).

Na teoria kohutiana, vimos que os selfobjetos são definidos como objetos primitivos do psiquismo, que estão a serviço do self e da preservação de seu caráter pulsional, sendo vividos como parte do mesmo. A partir disto, podemos supor que o conceito de selfobjeto está em correspondência direta com o conceito lacaniano de outro ou pequeno outro, na medida em que este é utilizado por Lacan para designar o outro em seu aspecto especular imaginário, aquele que constitui a imagem narcísica do eu (eu ideal). Portanto, em ambas teorias não há incompatibilidade entre investimento narcísico e investimento objetal, ou seja, investindo-se no outro (selfobjeto) investe-se no próprio eu (self).

Da mesma forma, como vimos, esta semelhança relativa ao registro objetal (em um nível imaginário) entre Kohut e Lacan também se traduz em uma virada radical em relação à concepção de análise proposta pelos psicólogos do ego, que não se sustenta mais em um deciframento dirigido ao ego, o qual, autonomamente, deveria desviar o investimento pulsional para objetos e objetivos mais favoráveis, implicando uma redução transferencial e uma adequação da percepção à realidade dos fatos. Ambos veem o trabalho de análise como um trabalho na transferência, onde a relação com o analista é o principal elemento representativo da subjetividade do paciente. Portanto, guardadas as devidas distinções, a subjetividade é concebida por ambos como estando, inevitavelmente, remetida ao registro objetal.

As divergências entre Lacan e Kohut tornaram-se mais marcantes quando abordamos a questão da agressividade em sua relação com o narcisismo. Na visão de Kohut, a "fúria narcísica" é explicada como uma reação a um selfobjeto que frustra o psiquismo em suas necessidades empáticas. Já na ótica lacaniana, a agressividade é entendida como rivalidade inerente a toda situação especular, estruturante, quando o eu se sobrepõe ao outro. Desta forma, Kohut ainda parece crer em uma possibilidade de impedir que uma determinada frustração ocorra, enquanto Lacan aponta mais para a falta com a qual se depara todo ser falante, que se presentifica no fato de que o homem só é capaz de se ver em uma imagem, o que ganha consistência com a sua teoria do simbólico.

Apoiada nesta crença em uma certa reparação das frustrações, a idealização tem um lugar fundamental na teoria de Kohut, sendo a experiência com um selfobjeto idealizado estruturante para o psiquismo, que internalizará suas funções. Apesar da dimensão da falta ser também levada em conta por Kohut - para que esta internalização se dê o objeto tem que, de alguma forma, faltar, o que se presentifica pelo conceito de frustração ótima - esta é concebida em termos de um movimento que se dá espontaneamente no caso de uma relação com um selfobjeto empático. Nesse sentido, notamos que, tanto o conceito de frustração ótima quanto o conceito de empatia, figuram como noções bastante vagas na teoria kohutiana, a qual identificamos por isso à corrente marginal caracterizada por Bercherie. Desta forma, estes conceitos, como também outros, podem adquirir conotações extremamente distintas dependendo da interpretação subjetiva que cada psicanalista faz deles, a qual, por sua vez, também depende do contexto epistemológico no qual se está inserido, bem como das experiências enquanto analista e analisando já foram acumuladas por cada um.

As questões relativas à agressividade e à idealização nos pareceram ser pontos fundamentais na determinação dos diferentes caminhos tomados por Kohut e Lacan em suas concepções de análise. Conforme já mencionamos anteriormente, ambos apostam em um trabalho na transferência, mas isto é feito a partir de pressupostos bastante antagônicos. Os dois autores tomam a transferência como o meio privilegiado no qual certas mudanças nos "padrões relacionais" do paciente se operam, sendo a transferência tomada não apenas como repetição, mas como criação. Só que, para Kohut, estas mudanças são concebidas em termos de desenvolvimentos, de reparações a determinadas falhas identificatórias na medida em que o analista se coloca como selfobjeto empático, sendo a idealização um movimento propiciador do processo, enquanto que, para Lacan, as mudanças consistem justamente na saída de determinadas prisões identificatórias alienantes pela via da simbólica da fala, sendo a idealização mais um exemplo de alienação imaginária do desejo do sujeito no outro, a qual não pode propiciar mais do que puramente uma reação agressiva e deve ser superada.

Outro aspecto observado a partir disso é que, enquanto Lacan demonstra estar sempre atento para os efeitos imaginários (adoção de modelos fixos) aos quais uma "teoria da técnica" poderia dar margem, situando a função do analista

justamente enquanto função simbólica, o que justifica o próprio uso frequente de esquemas e metáforas como recursos para expor suas idéias, Kohut, por outro lado, não se preocupa com esta questão, o que pode ser notado, por exemplo, em seu modelo (desenvolvimentista) da relação analítica, concebida como reedição da relação parental. A partir disso, pensamos que o próprio modo pelo qual cada um descreve as suas concepções teóricas inevitavelmente incide sobre a leitura e a interpretação que se faz delas. Nesse sentido, em uma leitura lacaniana, talvez possamos dizer, por exemplo, que a concepção analítica de Kohut encontra-se atrelada a certos modelos imaginários que podem se tornar aprisionantes. De fato, em sua última conferência, Kohut (1981 b) talvez tenha se dado conta deste problema, quando faz alusão ao mau uso que muitas vezes é feito de seu conceito de empatia, interpretado por alguns de seus leitores como sinônimo de bondade ou simpatia.

Isto nos remete, portanto, a um outro caminho que se articula com o estudo que fizemos nesta dissertação: a questão da transmissão das teorias em psicanálise. Consideramos que o alerta de Lacan quanto ao risco de cairmos em jargões e manuais diretivos de intervenções clínicas é de extrema importância. Porém, nos parece que o modo como cada estudante de psicanálise se apropria das teorias é algo bastante complexo, envolvendo suas próprias experiências subjetivas, assim como o contexto filosófico-cultural e institucional ao qual pertence. Portanto, pensamos que não há garantia nenhuma de que rumo será tomado por cada teoria em sua transmissão, o que, de fato, atinge até mesmo as formulações do próprio Lacan.

Observamos ainda, ao longo desta dissertação, que as formulações de Kohut conduzem muito mais a uma concepção da função do analista como *presença*, baseada em uma certa abordagem do processo analítico como uma operação de *soma*, enquanto que a abordagem lacaniana leva mais a uma concepção do analista como *ausência*, calcada em uma noção da análise como uma *subtração*. Isto nos suscita a seguinte questão: será que, ao invés de enfatizar apenas um destes aspectos da função do analista, como fazem cada um dos dois, não devemos, pelo contrário, integrá-los e situá-los como dois lados de uma mesma função? Esta questão nos remete, de imediato, aos preceitos de Winnicott (1971) relativos ao seu conceito de "objeto transicional", aquele que é

definido essencialmente como *presença na ausência* e nos abre uma porta para possíveis pesquisas futuras.

Para encerrar, aderimos inteiramente à tese de Bercherie (1984) de que, em última instância, nenhum modelo teórico é capaz de dar conta completamente da experiência analítica. A vantagem de que possamos ter acesso a vários destes modelos é a de nos tornar possível interrogá-los uns aos outros naquilo que eles possam ter deixado em aberto, ou, pelo contrário, naquilo que possa ter sido fechado em excesso, impedindo que outras descobertas possam ser acrescentadas e que a especificidade da experiência clínica com cada paciente possa encontrar um lugar. E, ainda assim, não podemos nos esquecer de reservar um espaço para ser preenchido pela própria subjetividade de cada analista, em cada situação singular, com cada um dos seus analisandos. Afinal, a singularidade é, ela mesma, o nosso singular objeto de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. e CARNEIRO LEÃO, I.(1995). A técnica analítica na psicologia sicanalítica do self. In: Outeiral, J. O. e Thomas, T.O.(organizadores). In: Psicanálise Brasileira. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- BACAL, H (s/d). The selfobject relationship in psychoanalytic treatment. In: GOLDBERG, A.(ed.). Progress in Self Psychology. London, The Analytic Press, volume 10, 1994.
- BARROS, R. R.(1994). O esquema ótico. In: Boletim, Seção Rio, Ano 1, Número 2, novembro de 1994.
- BERCHERIE, P.(1984) L'oculaire quadrifocal (II) - épistémologie de l'héritage freudien: les quatre courants fondamentaux de la psychanalyse. In: Ornicar - Revue du Champ Freudien, número 30. Paris, Navarin editeur, 1984.
- BERNARDI, R.(1990). Sobre el pluralismo en psicoanalysis. In: Revista de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires, volume 16, número 3, 1994.
- BIRMANN, J.(1989). Os impasses da cientificidade no discurso freudiano e seus destinos na psicanálise. In: Birman, J. Psicanálise, Ciência e Cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- BLEICHMAR, N.(1989). A Psicanálise Depois de Freud - Teoria e Clínica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- CARNEIRO LEÃO, I. E SAUBERMAN, P. R (1985). Identificação e identidade na moderna psicologia do self. In: Revista Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro, volume 19, número 3, 1985.
- CHEMOUNI, J.(1990). História do Movimento Psicanalítico. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.
- COTTET, S.(1985). Le plus novateur des analystes américains. Prefácio à KOHUT, H. Les Deux Analyses de M. Z. Paris, Navarin editeur, 1985.
- FREUD, A. (1942). El Yo y Los Mecanismos de Defensa. Buenos Aires, Paidós, 1950.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: ESB, volume VII, Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- FREUD, S.(1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: ESB, volume XI, Rio de Janeiro, Imago, 1970.

- FREUD, S.(1914 a). A história do movimento psicanalítico. In: ESB, Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- FREUD, S. (1914 b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: ESB, volume XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- FREUD, S. (1917[1916-1917]). Terapia analítica - Conferências introdutórias sobre psicanálise - conferência número XXVIII. In: ESB, volume XVI, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S.(1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: ESB, volume XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S. (1923). O ego e o id. In: ESB, volume XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S.(1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: ESB, volume XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S. (1933[1932]). A dissecação da personalidade psíquica - Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: ESB, volumeXXII, Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- FREUD, S. (1940 [1938]). Esboço de psicanálise. In: ESB, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- GAY, P.(1988). Freud - Uma Vida Para o Nosso Tempo. São Paulo, Companhia Das Letras, 1989.
- HARTMANN, H. (1939). Ego Psychology and the Problems of Adaptation. New York, International Universities Press, 1958.
- HARTMANN, H. (1950). Comments on the psychoanalytic theory of the ego. In: HARTMANN, H. Essays on the Ego Psychologie. New York, International Press inc., 1964.
- HARTMANN, H.(1951). Technical implications of ego psychology In: Psychoanalytic Quaterly, N° 20. New York, the P. S. inc., 1951.
- JONES, E.(1969). A Vida e a Obra de Freud. Apud.: ROCHA, Z. Para Uma Leitura dos Textos de Freud Sobre o Narcisismo. Recife: Círculo de Psicanálise, 1985.
- JULIEN, P.(1989). O Retorno a Freud de Jacques Lacan - aplicação ao espelho. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1993.
- KAUFMANN, P.(ed.) - (1993). Dicionário Enciclopédico de Psicanálise - O legado de Freud e de Lacan. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

- KOHUT, H.(1959). Introspection, empathy and psychoanalysis: an examination of the relationship between mode of observation and theory. In : ORNSTEIN, P. (org.). The Search For The Self - selected writings of Heinz Kohut : 1950/1978.(volume 1). New York, International Universities Press, 1978. Utilizamos uma tradução mimeo feita por membros da SBPRJ.
- KOHUT, H.(1962). Las lineas de desarrollo separadas del narcisismo y del amor objetal. In: ELSON, M. (compilador). Los Seminários de Heinz Kohut. Buenos Aires, Paidós, 1990.
- KOHUT, H.(1966). Formas e transformações do narcisismo. In : Self e Narcisismo (Tradução de "The Search for The Self" - volume I.) Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
- KOHUT, H.(1971 a). Reflexões acerca do narcisismo e da fúria narcísica. In: Self e Narcisismo (Tradução de The Search for The Self - volume I.) Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
- KOHUT, H.(1971 b). A Análise do Self. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- KOHUT, H.(1977). A Restauração do Self. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- KOHUT, H. (1979 a). Four basic concepts in Self Psychology. In: ORNSTEIN, P. (org.). The Search For The Self - selectected writings of Heinz Kohut: 1950/1978.(volume 2). New York, International Universities Press, 1978. Utilizamos uma tradução mimeografada feita por membros da SBPRJ.
- KOHUT, H. (1979 b) The two analyses of Mr. Z. In: International Journal of Psychoanalysis, volume 60, número 1, New York, 1979. Utilizamos uma tradução mimeo feita por membros da SBPRJ.
- KOHUT, H.(s/d). Sobre a coragem. In: STROIZER, C.(org.). Psicologia do Self e a Cultura Humana - Reflexões Sobre Uma Nova Abordagem Psicanalítica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- KOHUT, H. (1981 a). Como Cura El Analisis? Buenos Aires, Paidós, 1986.
- KOHUT, H. (1981 b). Sobre a empatia. Conferência traduzida e apresentada na Jornada Brasileira de Psicologia do Self. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, 1992.
- KRIS, E. (1948). Ego psychology and interpretation in psychoanalitic therapy. In: Psychoanalytic Quaterly, Nº 20, New York, The P. S. Inc., 1951.
- KUPERMANN, D.(1993). História da Transferência na Institucionalização da Psicanálise. Dissertação de mestrado, departamento de Psicologia, PUC/RJ, 1993.

- LACAN, J. (1932). Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade. Apud. JULIEN, P.(1989). O Retorno a Freud de Jacques Lacan - aplicação ao espelho. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1993.
- LACAN, J.(1936[1949]). El estadio del espejo como formador del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicanalítica. In: Escritos 1. México, Siglo Veintiuno ed., 1994. Utilizamos uma tradução do texto original para o português feita por Luciano Elia (mimeo).
- LACAN, J.(1952). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. In: Escritos 1. México, Siglo Veintiuno ed., 1994.
- LACAN, J.(1953-54). O Seminário (livro 1) - Os Escritos Técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- LACAN, J.(1954 -55). O Seminário (livro 2) - O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- LACAN, J.(1957-58). Les formations de l'inconscient. Transcrição de J. B. Pontalis. Paris, Bulletin de Psychologie, número XII, 1958, seminário de 22 de Janeiro de 1958.
- LACAN, J.(1960). Observación sobre el informe de Daniel Lagache. In: Escritos 2. México, Siglo Veintiuno editores, 1993.
- LAPLANCHE, J.e PONTALIS, J. B.(1967). Vocabulário da Psicanálise. Santos, Martins Fontes ed., 1970.
- LOWENSTEIN, R. (1949). The problem of interpretation. In: Psychoanalytic Quaterly, Nº 20. New York, the P. S. inc., 1951.
- LOWENSTEIN, R. (1971). Ego autonomy and psychoanalytic technique. In: The Psychoanalytic Study of the Child, número 12. New York, International Universities Press, 1971.
- MEZAN, R.(1988). Problemas de uma história da psicanálise. In: BIRMAN, J.(org.). Percursos na História da Psicanálise. Rio de Janeiro, Ananké, 1988.
- NASIO, J.D.(1988). Lições Sobre Os 7 Conceitos Cruciais Da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- ORNSTEIN, P.(1977). The evolution of Heinz Kohut's psychoanalytic psychology of the self. In: ORNSTEIN, P.(org.). The Search for the Self - selected writings of Heinz Kohut. Nova York, International Universities Press, 1978, volume 1.
- PERON, R.(1988). História da Psicanálise. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

- ROCHA, Z.(1985). Para Uma Leitura dos Textos de Freud Sobre o Narcisismo. Círculo de Psicanálise, Recife, 1985.
- ROUDINESCO, E.(1986). História da Psicanálise na França - volume I. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- WALERSTEIN, R. S.(1988). One psychoanalysis or many?. In: International Journal of Psychoanalysis, número 69, New York, 1988.
- WINNICOTT, D.W.(1971). O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro, Imago ed., 1975.
- ZBRUN, M.(1995). Idealização e desidealização. In: Imagem Rainha (Revista da Escola Brasileira de Psicanálise). Zbrun, M. (org.). Rio de Janeiro, Sete Letras, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

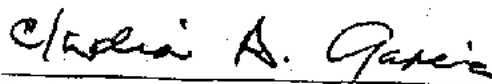
- BASCH, M. F.(s/d). The selfobject concept: clinical implications. In: GOLDBERG, A.(ed.). Progress in Self Psychology. London, The Analytic Press, volume 10, 1994.
- BLEICHMAR, H.(s/d). O Narcisismo: Estudo Sobre a Enunciação e a Gramática Inconsciente. Porto Alegre, Artes médicas, 1987.
- CARNEIRO LEÃO, I.(1992). A teoria do selfobjeto e as transferências narcísicas. Trabalho apresentado na Associação Psicoanalítica Mexicana em 11.01.1992. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
- DOR, J.(s/d). Introdução à Leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- HARTMANN, H.(1939). Psychoanalysis and the concept of health. In: HARTMANN, H. Essays on the Ego Psychologie. New York, International Press inc., 1964.
- HARYMANN, H.(1947). On rational and irrational action. In: HARTMANN, H. Essays on the Ego Psychologie. New York, International Press inc., 1964.
- HARTMANN, H.(1948). Coments on the psychoanalytic theory of instintual drives. In: HARTMANN, H. Essays on the Ego Psychologie. New York, International Press inc., 1964.

- HARTMANN, H.(1950). Psychoanalysis and developmental psychology. In: HARTMANN, H. Essays on the Ego Psychology. New York, International Press inc., 1964.
- HARTMANN, H.(1952). The mutual influences in the development of ego and id. In: HARTMANN, H. Essays on the Ego Psychology. New York, International Press inc., 1964.
- KOHUT, H.(1970). Narcissism as a resistance and as a driving force in psychoanalysis. In: ORNSTEIN, P. (org.). The Search For The Self - selected writings of Heinz Kohut : 1950/1978.(volume 2). New York, International Universities Press, 1978.
- LACAN, J.(1964). O Seminário (livro 11) - Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- LIMA E SILVA, P. S.(1995). Entrevistas sobre o narcisismo: duas matrizes teórico-clínicas e uma ponte. In: Narcisismo e Nosso Tempo. Cadernos de Psicanálise, número 9, ano 17, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, 1995.
- LOWENSTEIN, R.(1953). Some remarks on defences, autonomous ego and psychoanalytic technique. In: International Journal of Psychoanalysis, número 35, New York, 1953.
- MEZAN, R.(s/d). A Trama dos Conceitos. Coleção Estudos, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1991.
- MILLER, J.(1967). Transferencia e interpretacion. In: Momentos Cruciales de la Experiencia Analítica. Serie Lacan y Otros, Buenos Aires, Manantial, 1984.
- MILLER, G.(org.). (1987). Lacan. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- MULLER, J. P.(s/d). Lacan and Kohut - from imaginary to symbolic identification in the case of Mr. Z. In: DETRICK, D. and S.(eds.) Self Psychology: Comparisons and Contrasts. London, The analytic press, 1989.
- OGILVIE, B.(1987). Lacan - A Formação do Conceito de Sujeito. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- OPPEINHEIMER, A.(1996). Kohut et la Psychologie du Self. Paris, PUF., 1996.
- ORNSTEIN, P.(1987). Del narcisismo a la psicologia del yo y a la psicologia del self. In: SANDLER, J.(org.). Estudio Sobre "Introducción al Narcisismo" de Sigmund Freud. Madrid, Asociación Psicolanalítica Internacional, Julian Ybenes, 1991.
- SAUBERMAN, P.R.(1989) De Freud a Kohut, uma travessia. In: Revista Brasileira de Psicanálise, volume XXIII, número 4, 1989

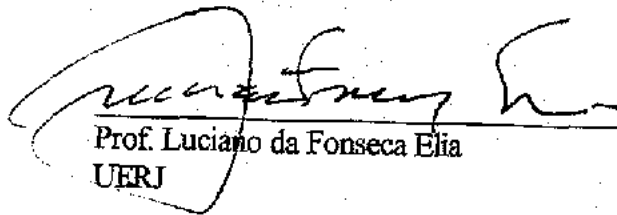
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Luciana Gageiro Coutinho intitulada "Alguns destinos do conceito de narcisismo na teoria psicanalítica (Um contraste entre as teorias da Psicologia do Ego, de Heinz Kohut e de Jacques Lacan)", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Prof. Octavio Almeida de Souza (Orientador)
PUC-Rio



Profa. Claudia Amorim Garcia
PUC-Rio



Prof. Luciano da Fonseca Elia
UERJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ...3.../12...1997.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas